



Universidade de Aveiro
2021

EUCLIDES
DOS SANTOS
GRINÉ

AS NAUS DA INICIAÇÃO
O UNIVERSO PESSOANO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL



Universidade de Aveiro
2021

EUCLIDES
DOS SANTOS
GRINÉ

AS NAUS DA INICIAÇÃO
O UNIVERSO PESSOANO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Promoção da Leitura e Bibliotecas Escolares, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira, Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à Cristina, à Mafalda e à Carolina.

O júri

Presidente

Professora Doutora Filomena Rosinda de Oliveira Martins

Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Vogal

Doutora Maria Inês Almeida Cardoso

Professora Adjunta Convidada, Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Vogal - Orientadora

Professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira

Professora Auxiliar C/ Agregação Aposentada, Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira a disponibilidade, o auxílio e a paciência para me acompanhar nesta viagem.

palavras-chave

Fernando Pessoa, literatura infantojuvenil, ficção, biografia, personagem.

resumo

A nossa demanda de obras de potencial receção infantil sobre a vida e a obra do poeta português Fernando Pessoa desvendou-nos um manancial bibliográfico de contornos, diversidade e dimensão surpreendentes, sobre o qual nenhum estudo, entre os que conhecemos, foi capaz de dar notícia que se aproximasse da expressão do caso literário em presença, que paulatinamente se formou nos últimos cinquenta anos, intramuros e em vários países estrangeiros.

O estranhamento inicial cedo deu lugar ao entranhamento do compromisso de buscar continuamente mais títulos e ao conseqüente objetivo de converter o espólio em *corpus* literário com identidade própria que pudesse ser levado a exame em que revelasse os elementos preponderantes neles contidos, tendentes a apontar para vetores de construção de um universo pessoano à dimensão dos leitores mais jovens, que visava atingir.

Priorizámos, de seguida, a sondagem, nos livros, dos textos neles alojados, em género e número, e das ilustrações que com eles cumprem os propósitos de cada edição. Neste ponto, as obras em desalinho foram arrumadas nas categorias que o seu conteúdo nos sugeriu que para elas preparássemos, ao todo três, a saber: antologias poéticas, biografias e livros de ficção.

O passo seguinte consistiu em examinar as escolhas e os processos a que antologistas, biógrafos, ficcionistas e ilustradores deitaram mão com vista a consumarem projetos editoriais coerentes. Simultaneamente, propósito último, fomos desvelando os elementos que se cruzaram na construção do labiríntico universo do mais icónico poeta de *Orpheu*, razão primeira desta odisseia.

keywords

Fernando Pessoa, children's literature, fiction, biography, character.

abstract

Our search for works, that may be of children's interest, on the life and work of the Portuguese poet Fernando Pessoa has unveiled a bibliographic source of surprising contours, diversity, and dimension. To the best of our knowledge, no previous study has been able to accurately depict the magnitude of this literary case, which was gradually formed in the last fifty years, intramurally and in several foreign countries.

The initial apprehension soon gave way to the deepening of the commitment to the continuous pursuit of more titles and the consequent objective of converting them into a literary *corpus* with its own identity that, when put under examination, allowed us to determine the predominant elements contained therein. These elements tend to indicate vectors of building Pessoa's universe to the dimension of the younger readers, whom it is aimed to reach.

We then prioritized the research of the texts within those books, in genre and number, and of the illustrations that with them fulfill the purposes of each edition. At this point, the scattered works were arranged in the three categories that their content suggested, namely: poetic anthologies, biographies, and fiction books.

The next step was to examine the selection process and the methods that anthologists, biographers, fiction writers, and illustrators used to carry out coherent editorial projects. Simultaneously, we ultimately aimed to unveil the elements that intertwined in the construction of the labyrinthine universe of the most iconic poet of Orpheu, the primary reason for this odyssey.

Índice

INTRODUÇÃO.....	17
1. Breve enquadramento.....	19
2. Naus da iniciação: um título para a viagem	21
CAPÍTULO 1 – OS LIVROS DO <i>CORPUS</i> E O <i>CORPUS</i> DOS LIVROS	23
1.1. Os livros do <i>corpus</i>	25
1.1.1. Categorias: uma possível delimitação.....	25
1.1.2. Como se constrói uma biblioteca	28
1.1.3. Os livros do <i>corpus</i>	30
1.2. O <i>corpus</i> dos livros.....	34
1.2.1. Livros de protagonismo total.....	34
1.2.1.1. Álbuns e antologias de poesia e outros textos do poeta.....	35
1.2.1.1.1. Álbuns	36
1.2.1.1.2. Antologias.....	38
1.2.1.1.3. Duas adaptações.....	40
1.2.1.2. Antologias-biografias	41
1.2.1.3. Biografias.....	47
1.2.1.4. Ficções	51
1.2.2. Livros de protagonismo repartido	56
1.2.2.1. Antologias de poesia	57
1.2.2.2. Uma antologia biográfica, três ficcionais e um exercício de <i>pastiche</i>	62
1.2.3. Livros estrangeiros.....	65
1.2.3.1. Livros do Brasil.....	66
1.2.3.2. Na língua de Cervantes	71
1.2.3.3. «Une toute petite lumière».....	73
CAPÍTULO 2 – FICÇÕES	75
2.1. Os textos	77
2.2. As histórias – ficção e verdade	79
2.2.1. O menino poeta.....	80
2.2.2. O poeta entre os mais novos.....	90
2.2.3. O homem da pergunta difícil.....	100
2.2.4. Um poeta dentro de casa.....	103
2.3. Depois das histórias, para saber mais.....	106
2.3.1. Poemas	106
2.3.2. Cronologias	107
2.3.3. Atividades.....	107
CONCLUSÕES	109
BIBLIOGRAFIA.....	115
1. <i>Corpus</i>	117
2. Bibliografia consultada	120
2.1. Livros, artigos.....	120
2.2. Documentos reguladores.....	126
2.3. Sítios Web	126
3. Bibliografia complementar.....	126

INTRODUÇÃO

«Olá...

My name is Pessoa, Fernando Pessoa.»

Fernandes, 2009, p. 3.

Neste capítulo...

Apresentamos as razões da escolha do tema deste estudo e destacamos a sua pertinência, atualidade e interesse para a comunidade.

Fazemos a sua contextualização e definimos os seus objetivos.

Falamos da sua organização e justificamos as opções tomadas.

Por fim, justificamos o título e convidamos à viagem.

INTRODUÇÃO

1. Breve enquadramento

Existe uma literatura para crianças e jovens criada à volta do universo pessoano, i.e., de Fernando Pessoa e da sua obra? A resposta é sim. Ficámos a sabê-lo ainda na fase preparatória do nosso estudo, quando, movidos pela curiosidade e sem a noção da expressão que essa literatura pudesse ter, nos empenhámos na verificação da existência de obras desse teor que pudessem conformar um *corpus* robusto que justificasse um trabalho de investigação. Não o encontrámos constituído. Deparámos-nos com um título aqui, uma referência ali, pontas suficientes para irmos à procura do resto da meada. E os resultados foram compensadores: reunimos uma grande variedade de referências a obras publicadas em Portugal, mas também no estrangeiro.

Este estudo assenta nesse trabalho continuado de pesquisa e inventariação dessas obras da chamada literatura para crianças e jovens nas quais Fernando Pessoa e a sua produção literária se constituem como tema principal. E esse trabalho é já uma conquista deste estudo pois, tanto quanto nos foi dado verificar, sobre a dimensão e a diversidade destes dados pouco ou nada se sabia.

Pensar numa questão de investigação foi o passo seguinte:

Como se constrói o universo pessoano nesta literatura infantojuvenil que é dedicada ao poeta e à sua obra?

Para tentar chegar a uma resposta, definimos alguns passos:

- i. Analisar as obras;
- ii. Selecionar o *corpus*;
- iii. Estabelecer categorias;
- iv. Focar a atenção em três categorias de textos: a poesia, a biografia e a ficção.

Neste estudo, vamos centrar-nos na abordagem de dois aspetos i) a apresentação do *corpus*, ii) a análise dos textos nele presentes.

- i. Relativamente ao primeiro aspeto, faremos a apresentação do *corpus*, focando as obras que o constituem, o tempo e o lugar da sua publicação e o destaque que dão ao poeta e à sua obra. Neste capítulo, mostramos também a identidade de cada livro, destacando a diversidade de textos que aí se abrigam, quer os da autoria de Fernando Pessoa, quer os de antologistas, biógrafos, ficcionistas ou outros.
- ii. Relativamente ao segundo aspeto, faremos a abordagem específica dos textos de natureza ficcional, procurando sondar neles a forma como a pessoa e a obra do poeta são abordados, que estratégias são utilizadas pelos autores desses textos para pôr os leitores em contacto com o universo pessoano.

A exemplo da ficção, gostaríamos de tratar também a poesia e a biografia, buscando nestas duas categorias de textos elementos que completariam a visão panorâmica do universo pessoano presente na literatura reunida no *corpus*. Porém, uma perspetiva realista da disponibilidade de tempo, impõe-nos o abandono das nossas pretensões no contexto da atual investigação.

Embora, pessoalmente, este estudo continue a ser um trabalho em curso, esperamos que os contributos que aqui for possível apresentar constituam uma mais-valia para

a investigação no campo da literatura infantojuvenil e para a promoção da leitura em múltiplos contextos, designadamente em bibliotecas escolares.

2. Naus da iniciação: um título para a viagem

«Naus da iniciação», o título que escolhemos para este trabalho, foi tomado de empréstimo ao poeta que nos incitou a marear. É parte do sexto verso do poema «Horizonte», de *Mensagem*, e é uma referência às naus de quinhentos que, impelidas pelos ventos do «sonho», da «esperança» e da «vontade» rumaram à «linha fria do horizonte», para lá da qual se iriam revelar «a árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte – os beijos merecidos da verdade». É este o sentido que queremos daquela fatia de poema: que ela seja a metáfora perfeita para os livros que, feitos naus nas mãos dos leitores, lhes proporcionem a gratificação da descoberta e o prazer da viagem, por mais tormentoso que seja o trajeto para o distante universo em demanda.

Passo a passo, se chegará mais perto. Para isso, navegar é preciso. Para isso, ler é necessário. Assim, durante a travessia, mistérios vão sendo revelados e a beleza do mundo, essa, pode estar na crista da onda ou ao virar da página, mesmo que seja longe o cais futuro e lestrígones se achessem no caminho.

CAPÍTULO 1 – OS LIVROS DO *CORPUS* E O *CORPUS* DOS LIVROS

...
Ler este génio é um mundo
de descoberta constante,
é fazer uma viagem
simplesmente fascinante.

Florindo, 2013, p. 15.

Neste capítulo...

Mostramos os resultados do processo de pesquisa e referenciação bibliográfica relativo a obras de literatura infantojuvenil relevantes para a construção do universo pessoal, com as quais constituímos o *corpus*.

Apresentamos esse acervo organizado cronologicamente, seguindo critérios de antiguidade da publicação.

Desenhamos uma proposta de constituição de grupos bibliográficos de referência, tendo em consideração afinidades várias.

Abordamos a estrutura de cada obra, fornecendo informações sobre o autor, o ilustrador, o ano de publicação, a estrutura interna e uma breve sinopse descritiva.

Estabelecemos algumas pontes entre as obras, assentes em temáticas comuns, influências, semelhanças, diferenças.

CAPÍTULO 1 – OS LIVROS DO *CORPUS* E O *CORPUS* DOS LIVROS

1.1. Os livros do *corpus*

1.1.1. Categorias: uma possível delimitação

Fernando Pessoa não é particularmente conhecido por ter escrito para a infância. Porém, é um facto que escreveu alguns poemas, principalmente para crianças da sua família, e escreveu também um conto de tema fantástico, que se diz estar inacabado¹. Como este filão se revelou curto, as editoras e os antologistas pensaram noutras propostas para aproximar Pessoa dos mais novos. Por um lado, acrescentaram ao repertório para a infância poemas para adultos que falam sobre a infância; por outro, foram buscar ao repertório adulto poemas que pela sua estrutura e temática poderiam ir também ao encontro do interesse de crianças, adolescentes e jovens. Nesta operação estratégica, o texto raramente é apresentado na sua singeleza nua, havendo o cuidado de o fazer sair

¹ Manuela Nogueira diz o seguinte sobre o conto: «Texto inédito e inacabado que estava na posse da família.» (Nogueira, 1998, p. 29).

com ilustrações atraentes e outros artifícios capazes de fisgar a atenção do jovem leitor e seduzir o seu interesse.

O *corpus* bibliográfico reunido para este estudo é integralmente constituído por livros de potencial receção infantil e juvenil sobre Fernando Pessoa e sua obra, publicados em Portugal, mas também no estrangeiro, em suporte impresso, mas também em suporte digital, em formato eletrónico (*e-book*) ou em linha (*online*). Não se trata de livros escolares ou paraescolares, no sentido de que devem a sua génese a um desígnio curricular. A ligação à escola poderá existir, certamente, mas será uma consequência da sua existência como referente literário cujo mérito foi reconhecido e validado. Tem sido este o caminho sido seguido pelas obras que integram as listas de livros e textos para a Educação Literária ou as listas do Plano Nacional de Leitura².

Os livros do *corpus* formam um conjunto bibliográfico extenso, diverso e complexo. Para lidarmos com ele de forma mais expedita procedemos à sua arrumação por grupos de afinidade e à criação de um conjunto de termos operatórios para melhor disciplinarmos a análise e o modo de comunicar os resultados. Assim:

1. Do ponto de vista do protagonismo do poeta nas obras, agrupámo-las em três categorias:
 - i. obras de protagonismo total portuguesas – obras exclusivamente dedicadas a Fernando Pessoa, publicadas em Portugal, sejam quais forem os géneros textuais nelas contidas (poesia, conto, biografia, ficção) e os autores que contribuam para a sua escrita ou a sua composição (Fernando Pessoa ou quem escreva a seu respeito).
 - ii. obras de protagonismo total estrangeiras – obras exclusivamente dedicadas a Fernando Pessoa, publicadas em países estrangeiros, sejam quais

² O catálogo anual do Plano Nacional de Leitura, disponibilizado em PDF e em Excel, teve a sua última edição em 2017, sendo substituído pelo catálogo online. A respeito deste assunto, pode ler-se no *site* do Plano Nacional de Leitura o seguinte: «Este ano [2018], pela primeira vez, o Plano Nacional de Leitura disponibiliza as listas de livros num catálogo online construído em parceria com a Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX), cuja pesquisa pode ser realizada no próprio portal do PNL 2027 ou da BLX, constituindo-se como catálogo de referência na área da leitura.» In *site* do Plano Nacional de Leitura, consultado em 1 dezembro de 2020: <http://www.pnl2027.gov.pt/np4/pnldivulganovocatalogo.html>. Neste trabalho, até ser possível, consultamos o catálogo de 2017 (em PDF).

forem os géneros textuais nelas contidos (poesia, conto, biografia, ficção) e os autores que contribuam para a sua escrita ou a sua composição (Fernando Pessoa ou quem escreva a seu respeito).

- iii. obras de protagonismo repartido – obras que acolhem vários autores em simultâneo, fazendo Fernando Pessoa parte dos eleitos.
2. Do ponto de vista da tipologia dos livros, procedemos à sua estruturação em 4 categorias, tendo por base o *corpus* textual alojado em cada um e atribuímos-lhes as seguintes designações:
 - i. Álbuns e antologias – livros que apresentam um ou mais textos do poeta (poemas, contos, cartas ou outros).
 - ii. Antologias-biografias – livros que apresentam dois módulos textuais distintos e autónomos: uma seleta de textos escritos pelo poeta (poemas, contos, cartas ou outros) e uma biografia do poeta (escrita pelo antologista-biógrafo).
 - iii. Biografias – livros que apresentam uma biografia do poeta, escrita pelo biógrafo, em prosa ou em verso.
 - iv. Ficção – livros que apresentam histórias ficcionais sobre o poeta e que tanto se apresentam sem a companhia de outros textos como também não enjeitam a possibilidade de acrescentar nas páginas finais alguns complementos sob a forma de antologias poéticas ou outras.
 3. Do ponto de vista do país de publicação, considerámos em grupos separados as publicações realizadas em Portugal e as publicações realizadas no estrangeiro. De acordo com este princípio, são nacionais também as obras publicadas por estrangeiros no nosso país e estrangeiras as obras publicadas por portugueses noutros países.
 4. Do ponto de vista da autoria dos textos incluídos nos livros, considerámos, em campos separados:
 - i. os textos escritos pelo poeta – textos escritos por Fernando Pessoa para crianças (poemas e contos) e para adultos (poemas, contos, cartas...);

- ii. textos escritos sobre o poeta – textos escritos por antologistas, contistas, ficcionistas e poetas (biografias – em prosa e em verso – e ficção).

1.1.2. Como se constrói uma biblioteca

O *corpus* reunido para este trabalho é composto por livros para os mais novos sobre Fernando Pessoa, publicados ao longo de quase meio século, entre 1973 e 2020, em três línguas, em cinco países, Portugal, Espanha, França, Brasil e México, dispersos por dois continentes, a Europa e a América.

Para a fixação das coordenadas de espaço e tempo do *corpus*, foram consideradas as três grandes categorias de livros atrás referidas: os livros de protagonismo total português, os livros de protagonismo total estrangeiros e os livros de protagonismo repartido, apenas de edição nacional (tabela 1).

Tabela 1 – Sequência cronológica das primeiras edições das obras do corpus

A	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48		
B	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOT	
1																					1		1											2	1	3	3	1	1	1	2	1	2	3		2		1	26	
2	1																	1	1										1						1	3	1		1											12
3															1																1								1	1	1	1	1		1	1				9
C	1															1		1	1		1		1						1	1					3	4	4	3	3	1	2	4	2	4	3	1	3		1	47

Legenda (coluna esquerda):

- A. Anos (total) – da primeira obra publicada à mais recente.
- B. Anos (sequência) – da primeira obra publicada à mais recente.
- 1. Obras de protagonismo total – Portugal.
- 2. Obras de protagonismo repartido – Portugal.
- 3. Obras de protagonismo total – Estrangeiro.
- C. Número de obras publicadas por ano.

A obra que abre o período cronológico do nosso estudo data de 1973, tem por título *O país das pessoas de pernas para o ar*, é da autoria de Manuel António Pina e

acolhe o conto «O Menino Jesus não quer ser Deus», uma história envolvendo o heterónimo Alberto Caeiro e figuras do poema VIII de «O guardador de rebanhos», «Num meio-dia de primavera». É, portanto, uma obra de protagonismo repartido que marca o início das publicações para crianças e jovens, ao passo que o encerramento do âmbito cronológico da investigação, quase cinquenta anos depois, cabe a uma obra de protagonismo total intitulada *Afinal, o caracol, o íbis, o gato*, uma antologia com poesia de Fernando Pessoa para os mais novos, publicada em Portugal em 2020.

A primeira obra de protagonismo total portuguesa surge somente em 1993 e é uma obra de ficção em torno de Fernando Pessoa, publicada por Lança-Coelho, com o título *O caso do poeta dos mil nomes*. A primeira obra estrangeira do *corpus* é uma antologia de poemas de Fernando Pessoa para crianças, intitulada *Comboio, saudades, caracóis*, publicada no Brasil em 1988, na ocasião do centenário do nascimento do poeta, por João Alves das Neves, um português emigrado naquele país de língua portuguesa. É uma obra de protagonismo total.

Para se ver nos escaparates portugueses uma coletânea de poemas de Pessoa para os mais novos, semelhante a esta que surgiu no Brasil, é preciso esperar até 1998, data em que Manuela Nogueira publica *O melhor do mundo são as crianças: Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância*. Tinham passado dez anos desde que, a pretexto do centenário evocativo do nascimento do poeta, tinha saído um livrinho peculiar, do outro lado do mar.

O universo do *corpus* reúne 47 obras para crianças e jovens que abordam Pessoa com dois pesos e duas medidas. Esclareçamos já essa questão. As obras em que Pessoa tem mais peso – as obras de protagonismo total – representam quase três quartos do total. Correspondem a 26 livros publicados em Portugal e a 8 publicados em países estrangeiros, totalizando 34 primeiras edições. As obras em que Pessoa tem de partilhar o miolo com outros poetas e figuras de outras artes e ofícios – as obras de protagonismo parcial – representam um pouco mais de um quarto do total.

Há desigualdades numéricas no *corpus* que queremos esclarecer também nesta fase precoce de apresentação do nosso estudo. A lista de obras de protagonismo total

publicadas em Portugal no período em questão é a mais completa e acreditamos que se aproxima da máxima referência possível. Reunimos ainda mais títulos, mas, por opção, deixámo-los de fora do *corpus* porque considerámos que ultrapassavam a fronteira dos critérios de acessibilidade para os potenciais recetores que elegemos. A lista referente a obras de protagonismo total publicadas no Brasil está longe da realidade. Sabemos da existência de mais obras, mas não as juntámos ao *corpus* por dificuldades de acesso. No entanto, os dados que recolhemos a respeito da sua existência vão permitir-nos fazer referência à maioria e retirar ilações relevantes para o nosso estudo. A lista de obras de protagonismo total publicadas nos restantes países – Espanha, França, México –, representa também uma amostra, embora, estamos em crer, mais completa do que a correspondente relativa ao Brasil, em virtude da menor azáfama editorial deste tipo de livros nessas paragens. A lista de obras de protagonismo repartido só contempla livros publicados em Portugal. Estamos cientes de que a lista não está completa, mas os 12 títulos que referenciámos dentro do nosso período temporal constituem uma boa base de trabalho e um complemento importante para a análise das obras de protagonismo total portuguesas. Abdicámos intencionalmente do exercício de levantamento de obras de protagonismo repartido publicadas no estrangeiro por não ser tarefa viável e por não constituírem para nós um dado fundamental.

1.1.3. Os livros do *corpus*

Nesta secção, apresentamos a lista de 47 obras do *corpus*. Para uma leitura mais proveitosa, importa ter presente o seguinte:

- i. a lista bibliográfica está ordenada cronologicamente pela data da primeira edição das obras;

- ii. quando as obras apresentam apenas uma data, ela surge entre parênteses redondos e refere-se simultaneamente à data da primeira edição e à data da edição consultada;
- iii. quando as obras apresentam duas datas, a que está entre parênteses retos refere-se à data da primeira edição ou da edição mais antiga que nos foi possível referenciar e a data que está entre parênteses redondos refere-se à data da edição que utilizámos;
- iv. quando várias obras na lista se apresentam com o mesmo ano de edição são dispostas segundo a ordem alfabética;
- v. uma lista bibliográfica do *corpus* ordenada alfabeticamente pode ser consultada no final deste trabalho no capítulo da Bibliografia.

O *corpus* é composto por quarenta e sete obras, publicadas cronologicamente pela seguinte ordem:

1. Pina, M. A. & Madureira, M. (2018) [1973]. *O país das pessoas de pernas para o ar*. Porto Editora.
2. Pessoa, F., Neves, J. A. & Scatamacchia, C. (1988). *Comboio, saudades, caracóis*. F.T.D.
3. Rocha, N. & Costa, M. (1990). *Verso aqui, verso acolá: Antologia para jovens*. Plátano Editora.
4. Andresen, S. M. B. & Resende, J. (2004) [1991]. *Primeiro livro de poesia: Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência*. Porto Editora.
5. Lança-Coelho, J. & Mello, C. (2000) [1993] *O caso do poeta dos mil nomes*. Diná-livro.
6. Moutinho, J. V. & Oliveira, F. (2001) [1995]. *Fernando Pessoa*. Campo das Letras.
7. Nogueira, M. (1998). *O melhor do mundo são as crianças: Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância*. Assírio & Alvim.
8. Vieira, V. A. & Wojciechowska, D. (2002). *Um pássaro na mão, outro a voar*. Editorial Caminho.
9. Pessoa, F., Cervantes, F. & Fonseca, R. (2003). *Tren de cuerda: Fernando Pessoa*. SM Ediciones.

10. Júdice, M. & Proença, P. (2012) [2006]. *O meu primeiro Fernando Pessoa*. Publicações D. Quixote.
11. Letria, J. J., Corbel, A. (2009) [2006]. *O livro que falava com o vento e outros contos*. Texto Editores.
12. Pessoa, F., Bacelar, M. (2006). *Poema Pial*. Edições Afrontamento.
13. Faria, R. L. & Nogueira, H. (2007). *Os melhores poemas para crescer*. Oficina do Livro.
14. Pais, A. P. & Castro, R. (2011) [2007]. *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*. Areal Editores.
15. Pupo, I. (org.) (2009) [2007]. *101 poetas: Iniciação à poesia de língua portuguesa*. Editorial Caminho.
16. Varanda, M. L., Santos, M. M. & Canhestro, F. (2014) [2007]. *Poetas de hoje e de ontem: Do século XIII ao século XXI para os mais novos*. Escrit'orio Editora.
17. Pessoa, F., Correia, C. P., & Simas, H. (2008). *O banqueiro anarquista*. Quasi edições/semanário Sol.
18. Pessoa, F., Cruz, M. I., & Serra, S. (2008). *Mensagem*. Quasi edições/semanário Sol.
19. Pessoa, F., Gomes, J. A. & Modesto, A. (2013) [2008]. *Poesia de Fernando Pessoa para todos*. Porto Editora.
20. Vieira, A. & Wojciechowska, D. (2008). *O meu primeiro álbum de poesia*. Publicações Dom Quixote.
21. Fernandes, C., & Miguel, J. (2009). *Chamo-me... Fernando Pessoa*. Didática Editora.
22. Lemos, R., Leitão, I. M., Amaral, J., Pedrosa, I. & Mota, C. (2009). *Era uma vez... Fernando Pessoa*. Casa Fernando Pessoa/Câmara Municipal de Lisboa.
23. Pessoa, F., Proença, P. & Noronha, M. (2013) [2009]. *Fernando Pessoa: Antologia poética*. Faktoría K/Kalandraka.
24. Pessoa, F., Alencar, J. de & Spinelli, M. (2010). *Fernando Pessoa para crianças: Poemas selecionados da obra de Fernando Pessoa*. Paulus.
25. Caeiro, A. & Bronze, M. (2010). *História do meu menino Jesus*. Vila Nova de Gaia: Seara de Letras.
26. Gil, A. & Morgado, M. (2010). *Os filhos da nação: Luís de Camões, Fernando Pessoa e Eça de Queirós*. Quid Novi/Booklândia.
27. Hochman, C., & Carvalho, J. V. (2011). *Saudade, um conto para sete dias*. Bags of Books Edições.

28. Pessoa, F., Pámpano, A. C. & Novoa, T. (2012). *Lo mejor del mundo son los niños*. Gadir.
29. Reis, P. & Alves, P. (2012). *Assalto à Casa Fernando Pessoa*. Planeta Júnior.
30. Florindo, C. & Nunes, N. (2013). *De A Z Fernando Pessoa*. Everest Editora.
31. Pessoa, F., Pámpano, A. C. & Novoa, T. (2013). *El elfo y la princesa*. Gadir.
32. Rodrigues, J. C. & Bastardo, R. (2013). *Fernando Pessoa contado às crianças adultas*. Chiado Editora.
33. Soares, L. D., Nazareth, C. Nónsalinha, Quental, J., Raimundo, M. J., Pinheiro, R., Duque, R., Lopes, M. J., Prina, L., Serapicos, P., Reis, P., Malaquias, C., Sousa, A. & Castro, R. P. (2016) [2013]. *Poesia para todo o ano*. Porto Editora.
34. Letria, J. J. & Fazenda, J. (2014). *Fernando Pessoa, o menino que era muitos poetas*. INCM e Pato Lógico Edições.
35. Pessoa, F. & Herbéra, G. (2014). *Je(ux): Petite anthologie*. Chandeigne.
36. Marchamalo, J. & Santos, A. (2015). *Pessoa, gafas y pajarita*. Nordicalibros.
37. Moutinho, J. V. & Santos, F. (2015). *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe*. Prelo.
38. Nogueira, M. (2015). *O meu tio Fernando Pessoa*. Centroatlântico.pt.
39. Rodrigues, J. C. (2015). *Era uma vez...Fernando Pessoa*. Prelo.
40. Neto, M. & Carrilho, A. (2016). *The poet hat of Fernando Pessoa. O Chapéu de poeta de Fernando Pessoa*. Lisbon Poets & Co.
41. Pessoa, F. & Milhões, M. (2016). *Afinal o Caracol*. Saída de Emergência/Bichinho do Conto.
42. Piçarra, D. & Gabriela, A. (2016). *Diogo Piçarra em Pessoa*. Betweien.
43. Balreira, P. & Recio, A. (2018). *Fernando Pessoa: Biografia ilustrada*. Re-Searcher.
44. Marecos, J. & Caiano, R. (2018). *Carta ao Cavaleiro de Nada*. Livros Horizonte.
45. Bretanha, S. (2017). *E se eu fosse outros?* Editora Bretanha.
46. Martelli, M. & Machado, N. L. (2018). *Pessoinha: Fernando Pessoa para crianças*. Editora In House.
47. Pessoa, F & Andante (2020). *Afinal, o caracol, o íbis, o gato* (livro e CD). Boca e Casa Fernando Pessoa.

1.2. O *corpus* dos livros

Feita a apresentação da lista dos 47 livros do *corpus*, importa agora debruçarmo-nos sobre cada um dos livros que compõem cada uma das três categorias que atrás identificámos:

- i. livros de protagonismo total nacionais – abaixo tratados sob o título «livros de protagonismo total»;
- ii. livros de protagonismo repartido nacionais – abaixo tratados sob o título «livros de protagonismo repartido»;
- iii. livros de protagonismo total estrangeiros – abaixo tratados sob o título «livros estrangeiros».

O nosso propósito é mostrar a unidade e a diversidade que existe em cada uma das categorias, tendo por base os tipos de textos que cada uma acolhe. Começamos pelos livros de protagonismo total nacionais.

1.2.1. Livros de protagonismo total

São 26 os livros de protagonismo total editados em Portugal, número que faz deste grupo o mais numeroso e também o mais heterogéneo. Na verdade, só dois fatores conferem unidade à categoria, a edição em Portugal e o protagonismo total dado ao poeta de Orpheu. Tudo o mais é diferente, a começar pela enorme diversidade de livros que abarca e que nós associámos em quatro subcategorias:

- i. álbuns e antologias de poesia e outros textos (escritos por Pessoa);
- ii. antologias-biografias (textos de Pessoa e textos do antologista);
- iii. biografias (textos de biógrafos);
- iv. ficções (textos de contistas, ficcionistas).

Nas páginas seguintes, daremos atenção a cada uma destas subcategorias, procurando realçar os aspetos de identidade que confirmam sentido à integração de cada livro no conjunto.

1.2.1.1. Álbuns e antologias de poesia e outros textos do poeta

Álbuns e antologias são livros que apresentam exclusivamente uma seleção de textos escritos por Fernando Pessoa, designadamente poemas, contos ou outros. Enquadram-se nesta subcategoria 9 livros: *Poema pial* (Bacelar, 2006), *O banqueiro anarquista* (Correia, 2008), *Mensagem* (Cruz, 2008), *Fernando Pessoa: Antologia poética* (Proença, 2009), *Poesia de Fernando Pessoa para todos* (Gomes, 2008), *História do meu Menino Jesus* (Bronze, 2010), *O chapéu de poeta de Pessoa* (Carrilho, 2016), *Afinal o caracol* (Milhões, 2016) e *Afinal o caracol, o íbis, o gato* (Pessoa & Andante, 2020) (tabela 2).

Tabela 2 – Álbuns e antologias de poesia e outros textos

ANO	LIVROS	ÁLBUNS	ANTOLOGIAS	CONTOS
2006	BACELAR – <i>Poema pial</i>	1		
2008	CORREIA – <i>O banqueiro anarquista</i>			1
2008	CRUZ – <i>Mensagem</i>			1
2008	GOMES – <i>Poesia de Fernando Pessoa para todos</i>		1	
2009	PROENÇA – <i>Fernando Pessoa: Antologia poética</i>		1	
2010	BRONZE – <i>História do meu menino Jesus</i>	1		
2016	CARRILHO – <i>O chapéu de poeta de Pessoa</i>		1	
2016	MILHÕES – <i>Afinal o caracol</i>	1		
2020	ANDANTE – <i>Afinal o caracol, o íbis, o gato</i>		1	
		3	4	2

Legenda:

Álbuns – livros com 1 poema.

Antologias – livros com 3 ou mais poemas.

Neste conjunto de 9 obras, a poesia manifesta uma supremacia indiscutível, marcando presença em 7. Os livros de poesia, por sua vez, são muito diferentes entre si, pois uma parte (4) apresenta uma antologia, com pelo menos três poemas, a outra apresenta álbuns com um poema cada apenas, girando toda a publicação em torno dele. Foquemo-nos nos álbuns em primeiro lugar.

1.2.1.1.1. Álbuns

Poema pial, de Manuela Bacelar (2006), é o primeiro livro ilustrado com poesia de Pessoa para crianças e apresenta um só poema. A autora seguiu a estratégia de fragmentar o poema e dispor cada verso numa dupla página, usando letras e números garrafais sobre fundo colorido intenso. No final do livro, volta a encolher as peças do *puzzle* poético, reunindo-as todas numa única página.

À iniciação poética e ao potencial utilitarismo didático, junta-se, nesta obra, de modo sorrateiro, uma iniciação à biografia do poeta, que é dado a conhecer em imagens a partir de fotografias modificadas. Além de Fernando Pessoa, as imagens evocam figuras das suas relações, como a namorada³ e os amigos Almada Negreiros e Mário de Sá Carneiro⁴.

O «Poema pial» só voltará a dar origem a um livro no Brasil, em 2011, sob a organização de Maria Viana e com ilustração de Rosinha, justamente intitulado *Poema pial*⁵.

Em 2010, Manuela Bronze publica *História do meu menino Jesus*, um novo álbum de poesia baseado num excerto do Poema VIII de «O guardador de rebanhos», «Num

³ A partir da fotografia «Ofélia ao espelho» (pia n.º 4) (Cf. Hipólito, 2016, p. 145).

⁴ A partir da gravura «Retrato de Mário de Sá Carneiro», da autoria de Almada Negreiros (pia n.º 7). In *site* do CAM, FCG, consultado em 1/12/2020: https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/retrato-de-mario-sa-carneiro-146356/.

⁵ Editado pela Larousse Júnior/Escala, em 2011.

meio-dia de fim de primavera», de Alberto Caeiro, heterónimo de Pessoa⁶. Em 2018, este poema vai estar na origem de um novo livro, desta vez no Brasil, com o título *Pessoa: Fernando Pessoa para crianças*, de Márcio Martelli, com ilustrações de Nerci Leoni Machado.

O terceiro álbum de poesia intitula-se *Afinal o caracol* e vai chegar às livrarias em 2016, ilustrado por Mafalda Milhões e organizado a partir do poema de Fernando Pessoa «Havia um menino». É um álbum diferente dos anteriores pois dirige-se a crianças em idade pré-escolar e apresenta apenas imagens nas suas grossíssimas páginas. O poema, que não está à vista, esconde-se afinal na contracapa, onde os versos se entrelaçam com as silhuetas miniaturizadas e vazias de cor das imagens que, coloridas, habitam o miolo. Trata-se de um duplo artifício que permite ao animador de leitura manter o livro aberto e voltado para o círculo de seus ouvintes pequenitos e ter, ao mesmo tempo, diante dos seus olhos, um tranquilizador ponto de apoio. Todo impresso com «tintas vegetais», aplicadas sobre cartão «100% reciclado», o livro faz jus ao título e ao lema da coleção, respetivamente «Livros duros de roer» e «Grandes autores para pequenos leitores». Antes de ser livro, *Afinal o caracol* foi um espetáculo teatral para crianças até aos 6 anos de idade, materializando um conceito desenvolvido pela Associação Artística Andante. Se, tantas vezes, um livro dá origem a uma peça de teatro⁷, neste caso, a peça de teatro deu origem ao livro. E a Andante não vai parar por aqui, como adiante se verá. *Afinal o caracol* é um livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura, para crianças entre os 3 e os 5 anos de idade⁸.

Outros poemas de Pessoa deram origem a livros-poema para crianças e jovens. Citamos, a título de exemplo, os livros publicados na década anterior pelo artista Pedro

⁶ A autora refere, numa nota, que aproveitou o trabalho de síntese de Alves das Neves: «Deve-se a João Alves das Neves, ensaísta e jornalista português (Arganil, 1927) a residir em São Paulo (Brasil), divulgador da obra de Fernando Pessoa, este resumo do poema «Num Meio-Dia De Fim De Primavera/O Guardador de Rebanhos, de Alberto Caeiro.» E acrescenta: «Em Portugal a “História do meu menino Jesus” integra a antologia “As crianças, todas as crianças”, de Matilde Rosa Araújo, Livros Horizonte, Lisboa, 1979.» (Bronze, 2010, p. 24).

⁷ Por exemplo, o livro *Era uma vez... Fernando Pessoa*, de Chichorro Rodrigues, 2015, ou *Saudade, um conto para sete dias*, de Claudio Hochman (2011), este em exibição no Teatro da Trindade nos inícios de 2021. *Site do Teatro da Trindade* consultado em 24/12/2020: <https://teatrotrindade.inatel.pt/espetaculo/saudade/>.

⁸ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas PNL, 2017, p. 71).

de Sousa Pereira, baseados em poemas do repertório canónico do poeta, sem cortes e em edição bilingue, em que o critério de aproximação ao público jovem, não infantil, é sugerido pela arte do organizador da edição⁹. No Brasil, além de *Poema pial* (2011), serve também de exemplo a publicação de *Conselho*, em 2013, pelo ilustrador Odilon Moraes, com base no poema homónimo de Pessoa¹⁰.

1.2.1.1.2. Antologias

Vinte anos depois da publicação da antologia de poemas de Pessoa para crianças, por Alves das Neves (1988), e dez anos depois do livro antologia-biografia de Manuela Nogueira (1998), editados no Brasil e em Portugal, respetivamente, a Porto Editora lança *Poesia de Fernando Pessoa para todos*, um livro, tal como o de Alves das Neves, dedicado em exclusivo à poesia de Fernando Pessoa, organizado por José António Gomes e ilustrado por António Modesto. A obra reúne um conjunto de 27 poemas que o poeta escreveu para crianças, mas também outros que escreveu para adultos. Os editores também colocam o livro na órbita de leitores mais velhos, abrangência que o título noticia ao primeiro contacto e os paratextos explicitamente apontam: «esta é uma primeira antologia da poesia de Fernando Pessoa que se pretende ao alcance de todos: crianças e adultos» (Gomes, 2008, contracapa). Este livro também foi publicado no Brasil, pela Martins Editora, em 2010, uma edição que mantém a mesma equipa autoral, mudando somente a capa e, presumivelmente, fazendo acertos ortográficos.

No ano seguinte, em 2009, é publicada pela Faktoria K de livros (Kalandraka) a coletânea *Fernando Pessoa: Antologia poética*, obra que apresenta 13 poemas bem repre-

⁹ Referimo-nos aos livros *Tabacaria* (2013), *Ode Marítima* (2014) e *Ode triunfal* (2016), todos bilingues, todos editados pela Clube de Autor, com ilustrações de Pedro Sousa Pereira e tradução (para inglês) e posfácio de Richard Zenith.

¹⁰ Editado pela Escrita Fina Edições, Rio de Janeiro, 2013.

sentativos da produção poética de Fernando Pessoa ortónimo e dos seus mais conhecidos heterónimos, como «Autopsicografia», «Chuva oblíqua», «Tabacaria», «Vem sentar-te comigo, Lídia» e «Eu nunca guardei rebanhos». A seleção de Margarida Noronha e Proença não inclui nenhum dos poemas do repertório para crianças. As ilustrações de Pedro Proença, que traça e combina aleatoriamente desenhos, tipografias e recortes de revistas da época sobre fundos coloridos (Proença, 2013, p. 59), não parecem dar um contributo significativo para aproximar os mais novos de poemas tão exigentes. Por isso, parece-nos que a via mais curta para se chegar a eles será recorrer a um mediador de leitura ou esperar pelos anos terminais da escolaridade obrigatória para que, já leitores experimentados, se lancem na leitura autónoma.

Em 2016, sai do prelo *The poet hat of Fernando Pessoa/ O chapéu de poeta de Fernando Pessoa*, uma edição bilingue, com tradução dos textos de Pessoa da autoria de Austen Hyde e Martin D’Evelin. O conceito e o texto não pessoano pertencem a Miguel Neto e a ilustração a André Carrilho. O livro apresenta uma seleção de excertos de poemas de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Bernardo Soares e Ricardo Reis, bem como propostas para os leitores desenharem nos chapéus de Pessoa, que funcionam como telas em branco para histórias, sonhos, autorretratos, planetas, céu, letras, figuras geométricas, números, linhas, desenho livre e escadas para se chegar ao céu. O livro constitui o primeiro número da coleção «Lisbon Poets for kids».

Em 2020, uma coedição da Boca e da Casa Fernando Pessoa traz a público um livro e um CD (disponível também em *e-book* e mp3) intitulado *Afinal o caracol, o íbis, o gato*. Os textos de apresentação têm a assinatura de Clara Riso, diretora da Casa Fernando Pessoa, Cristina Paiva, Fernando Ladeira, Mafalda Milhões e Joaquim Coelho. O livro resulta dos «espetáculos da Andante¹¹ para a primeira infância “Afinal... o Caracol!” (2012)¹², “Afinal, o Íbis...” (2015) e “Afinal... o Gato?” (2018), que Cristina Paiva e Fernando Ladeira

¹¹ A Andante foi recentemente distinguida com o Prémio Ler + do Plano Nacional de Leitura 2019 (Pessoa, 2020, p. 5).

¹² Este espetáculo – «Afinal... o Caracol» - já tinha dado um álbum, *Afinal o Caracol* (Pessoa, 2016), obra que integra o *corpus*.

vêm apresentando em bibliotecas, escolas, creches, jardins de infância e teatros de todo o país.»¹³.

1.2.1.1.3. Duas adaptações

Fechamos o capítulo referente a álbuns e antologias com dois breves livros em prosa resultantes da adaptação de duas obras de Fernando Pessoa, *O banqueiro anarquista* (conto) e *Mensagem* («livro pequeno de poemas»). A história desta adaptação começa em 2008, quando vem a público a «Coleção de clássicos da literatura portuguesa contados às crianças», com a chancela das Edições Quasi, beneficiando do apoio do banco Millennium BCP e do semanário *Sol*. «Contados às crianças» tem o sentido de «adaptados para crianças», sendo de Pessoa dois dos vinte e quatro textos «clássicos» postos à disposição dos leitores por via da coleção: *O banqueiro anarquista* e *Mensagem*. Estas obras figuram na coleção «Biblioteca tempo dos mais novos», que está dividida em duas séries: a «Série do André»¹⁴ e a «Série da Helena»¹⁵.

¹³ Consultado no *site* da editora Boca, em 05/08/2020: <https://www.boca.pt/afinal-o-caracol-o-ibis-o-gato.html>.

¹⁴ *O Banqueiro Anarquista* faz parte da «Série do André», na qual tem o número 5. Os restantes textos que compõem a série são, de 1 a 12: *Os Maias* (de Eça de Queirós, com adaptação de José Luís Peixoto e ilustração de André Letria), *Auto da Barca do Inferno* (de Gil Vicente, com adaptação de Rosa Lobato Faria e ilustração de Gabriela Sotto Mayor), *Amor de Perdição* (de Camilo Castelo Branco, com adaptação de Pedro Teixeira Neves e ilustração de Helena Simas), *Frei Luís de Sousa* (de Almeida Garrett, com adaptação de José Jorge Letria e ilustração de André Letria), *A Queda de Um Anjo* (de Camilo Castelo Branco, com adaptação de Albano Martins e ilustração de Gabriela Sotto Mayor), *A Cidade e as Serras* (de Eça de Queirós, com adaptação de António Torrado e ilustração de Helena Simas), *Sermão de Santo António aos Peixes* (de Padre António Vieira, com adaptação de Rui Gage e ilustração de André Letria), *Viagens na Minha Terra* (de Almeida Garrett, com adaptação de Rui Zink e ilustração de Gabriela Sotto Mayor), *A Morgadinha dos Canaviais* (de Júlio Dinis, com adaptação de Possidónio Cachapa e ilustração de André Letria), *A Relíquia* (de Eça de Queirós, com adaptação de Ana Luísa Amaral e ilustração de Gabriela Sotto Mayor), *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (de Júlio Dinis, com adaptação de Francisco José Viegas e ilustração de Helena Simas).

¹⁵ *Mensagem* faz parte da «Série da Helena», em que tem o número 3. Os restantes textos que compõem esta série são, de 1 a 12: *As Pupilas do Senhor Reitor* (de Júlio Dinis, com adaptação de Albano Martins e ilustração de Helena Simas), *O Bobo* (de Alexandre Herculano, com adaptação de José Jorge Letria e ilustração de Carla Nazareth), *Auta da Índia* (de Gil Vicente, com adaptação de Rosa Lobato Faria e ilustração de Marta Martins), *Carta a El-Rei D. Manuel Sobre o Achamento do Brasil* (de Pêro Vaz de Caminha, com adaptação de João Melo

O *Banqueiro Anarquista*, que faz parte da «Série do André», foi adaptado do original por Clara Pinto Correia e ilustrado por Helena Simas e é o único conto de Pessoa a preencher todas as páginas de um livro português do *corpus*¹⁶.

Mensagem, que faz parte da «Série da Helena», resulta da adaptação que faz Mafalda Ivo Cruz e conta com a ilustração de Sandra Serra. É com toda a certeza uma adaptação ainda mais invasiva, ao ponto de o livro original ter dado lugar a outro irreconhecível em prosa, com um afastamento radical relativamente ao original. Efetivamente, a adaptação comportou um estilhaçamento da estrutura e uma retextualização, processo de produção de um novo texto a partir do texto pessoano para atender aos propósitos comunicativos requeridos pela coleção.

1.2.1.2. Antologias-biografias

Alguns livros do *corpus* abrigam sob a mesma capa duas formas textuais diferentes e autónomas: uma antologia de textos escritos pelo poeta e uma biografia do poeta escrita pelo antologista-biógrafo. Os livros que obedecem a esta matriz são os seguintes: *O melhor do mundo são as crianças: Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância* (Nogueira, 1998), *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe* (Pais, 2007), *Chamo-me... Fernando Pessoa* (Fernandes, 2009) e *O meu tio Fernando Pessoa* (Nogueira, 2015) (tabela 3).

e ilustração de Carla Nazareth, *O Mandarim* (de Eça de Queirós, com adaptação de Gonçalo M. Tavares e ilustração de Helena Simas), *Uma Família Inglesa* (de Júlio Dinis, com adaptação de Manuel Jorge Marmelo e ilustração de Sandra Serra), *O Primo Basílio* (de Eça de Queirós, com adaptação de Fernando Pinto do Amaral e ilustração de Marta Martins), *Auto de Mofina Mendes* (de Gil Vicente, com adaptação de Ana Luísa Amaral e ilustração de Helena Simas), *O Crime do Padre Amaro* (de Eça de Queirós, com adaptação de Eduardo Pitta e ilustração de Carla Nazareth), *A Brasileira de Prazins* (de Camilo Castelo Branco, com adaptação de Francisco José Viegas e ilustrações de Sandra Serra), *A Ilustre Casa de Ramires* (com adaptação de António Torrado e ilustração de Marta Martins).

¹⁶ O outro conto publicado antes, «Era uma vez um elfo», não beneficiou deste destaque, surgindo integrado numa antologia, na companhia de outros textos do poeta e da antologista Manuela Nogueira (Nogueira, 1998).

Tabela 3 – Antologias-biografias e sua estrutura organizativa interna

ANO	LIVROS	1.ª PARTE	2.ª PARTE
1998	NOGUEIRA – <i>O melhor do mundo são as crianças...</i>	Antologia	Biografia
2007	PAIS – <i>Fernando Pessoa, o menino da sua mãe</i>	Biografia	Antologia
2009	FERNANDES – <i>Chamo-me... Fernando Pessoa</i>	Biografia	Antologia
2015	NOGUEIRA – <i>O meu tio Fernando Pessoa</i>	Biografia	Antologia

Excetuando o primeiro livro de Manuela Nogueira, em que a antologia precede a biografia, todos os outros começam pela biografia e terminam com a antologia, obedecendo à sequência sugerida intuitivamente pela expressão «vida e obra».

O primeiro livro com uma antologia e uma biografia surge em 1998, quando Manuela Nogueira decide publicar *O melhor do mundo são as crianças: Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância*. Tinham passado dez anos sobre a edição da primeira antologia com poemas de Fernando Pessoa para crianças, no Brasil, e alguém dava finalmente um passo similar em Portugal. A autora fruía da singularidade de ser sobrinha do poeta e de ter convivido com ele, quando menina. Era «a Mimi de outros tempos» (Nogueira, 1989, p. 63), uma das crianças do restrito círculo familiar que Fernando divertia com brincadeiras e para o qual versejava, de vez em quando (Queiroz, 1936, p. 16). O livro, batizado com o vigésimo primeiro verso do poema «Liberdade», de Pessoa¹⁷, e publicado pela Assírio e Alvim, é o primeiro em Portugal a dedicar-se à tarefa de antologiar grande parte da criação que o poeta dedicou à infância e, simultaneamente, a biografar o autor, constituindo-se, por isso, como um marco na história das publicações de e sobre Fernando Pessoa.

Em termos organizativos, o livro está seccionado em duas partes: na primeira, intitulada «Poemas», apresenta-se uma coletânea de textos de Pessoa composta por 13

¹⁷ Por ter cedido o título ao livro, o poema «Liberdade» recebe o leitor à porta. Porém, notou-o Luís Prista (2003, pp. 221-222), o poema padece de certa mácula de grafia, com a primeira estrofe a ser indevidamente cortada por um espaço interestrófico, entre os versos 8 e 9, entre «Sem literatura» e «O rio corre, bem ou mal» (Cf. Prista, 2013, p. 219). De registar que, logo a seguir ao poema «Liberdade», que tem a função de epígrafe, foi publicado o primeiro poema da antologia («Levava eu um jarrinho») com um dos versos da primeira estrofe em falta («Levava uma fita») (Cf. Nogueira, 1998, p. 11).

poemas e um conto; na segunda, intitulada «O melhor do Mundo...», espraia-se uma biografia do poeta, assinada pela sua antologista e sobrinha. Não pode deixar de assinalar-se esta disposição singular das duas partes deste livro, matriz que não fará escola, vindo os congéneres, no futuro, a colocar em primeiro lugar a biografia e, por último, a antologia.

Durante uma década, a antologia inaugural brasileira de Alves das Neves com a sua poesia *sui generis* na bagagem foi a única do género disponível nos escaparates do Brasil e, segundo consta, também de Portugal¹⁸. A antologia de Nogueira replica, na íntegra, os dez poemas da congénere brasileira, mas vai um pouco mais longe, acrescentando-lhes três poemas, «Eros e Psique», «Os ratos» e «A fada das crianças», e o conto «[Era uma vez um elfo]»¹⁹, um texto de potencial receção infantojuvenil.

Apesar dos muitos textos para a infância, na coletânea de Manuela Nogueira parece pairar um certo grau de incerteza quanto aos destinatários da obra, pois, ao contrário da publicação de Alves das Neves, que aos poemas junta atrativas ilustrações, o volume português apresenta-se despojado desse recurso. Esta fria austeridade estética não é ainda mais severa porque um conjunto de fotografias do poeta e da sua família e alguns fac-símiles de textos atenuam a falta de apelos visuais. Pese embora este carácter ambíguo do livro relativamente ao público-alvo, quanto a nós, a falta de graça artística não constitui entrave à sua integração no reino das obras de potencial receção infantojuvenil. Para lhe franquear a entrada, temos o eloquente arranjo do título e do subtítulo, o inesperado conjunto de textos poéticos seleccionados, o reino maravilhoso do Elfo e

¹⁸ Ficando a dever-se a sua divulgação e circulação, a fazer fé no que está escrito na própria obra, à Vertente, distribuidora de livros Lda., com sede na Rua Júlio Dinis, 891, 2.º dt. 9, 4000, Porto.

¹⁹ Antes do último poema da seleta («Saudades»), o conto «[Era uma vez um elfo]», nas palavras da autora, um «Texto inédito e inacabado que estava na posse da família.» (Nogueira, 1998, p. 29). A presença de um conto da autoria de Pessoa constitui novidade relativamente à publicação brasileira de Alves das Neves, mas também se apresenta como uma raridade no *corpus*, não voltando a surgir em nenhuma outra obra publicada em Portugal, ocorrendo, no entanto, no estrangeiro, duas vezes, numa edição mexicana de 2003 (Pessoa, *Tren de cuerda*, 2003) e numa edição espanhola de 2013 (Novoa, *El elfo y la princesa*, 2013). Nesta última, teve, inclusivamente, honras de figurar ilustrado e em exclusivo no livro.

uma biografia cheia de motivos de interesse. Que tem características que possam suscitar a adesão de públicos mais velhos, não temos dúvidas, mas isso, em boa verdade, irá ocorrer mais vezes, mesmo com livros mais explicitamente infantis e juvenis.

Nogueira não faz qualquer alusão ao livro de Alves das Neves, apesar de o conhecer bem, ao ponto de ter feito uso de fragmentos de textos nele contidos, nomeadamente nas notas da página 29²⁰.

O melhor do mundo são as crianças prosseguiu o seu caminho até esgotar nas livrarias. Em 2015, a edição primeva ressurgiu com outra chancela, revista, aumentada e com um mais prosaico e menos poético título: *O meu tio Fernando Pessoa*.

O meu tio Fernando Pessoa é, basicamente, uma nova edição do primeiro livro de Nogueira sobre a pessoa mais famosa da família, publicado dezassete anos antes. No prefácio, a autora alude ao facto de se encontrar «esgotada a 1.ª edição de *O melhor do mundo são as crianças*» e que isso justifica proceder-se a uma nova edição, «agora com um título diferente por incluir material novo e inédito» (Nogueira, 2015, p. 7). O novo livro, em relação ao anterior, acrescenta efetivamente novos documentos, «alguns exclusivos desta edição» (*idem*). A abrir tem um «Prólogo», um «Prefácio» assinado por Richard Zenith e uma «Nota introdutória». Segue-se um capítulo com «Alguns dados biográficos de Fernando Pessoa», vindo depois outro intitulado «Período de convivência com o Tio Fernando», seguindo-se «Textos de poesia» e «Documentação sobre a infância de Fernando Pessoa» (fotografias, documentos, cartas e postais). No fim, «Comentários finais». A estrutura do livro também foi reorganizada e aumentada com uma «Nota introdutória» e «Mais alguns tópicos biográficos», «dando realce às memórias do período em que a autora conviveu com o Tio Fernando.» (*idem*). Os «documentos adicionais» «contribuem para o esclarecimento do perfil do poeta, sobretudo na fase da infância.» (*idem*). Segundo a autora, este livro «vem ajudar a perceber melhor a origem da criatividade, talvez decorrente das “brincadeiras de faz de conta”.» (*idem*). Mais uma

²⁰ A nota 7, da página 29 de *O melhor do mundo são as crianças* é a mesma que dez anos antes Alves das Neves usou na sua antologia. Com uma diferença: Manuela anexa a referida nota ao «Poema pial» e Alves das Neves anexa-a ao poema «Pia, pia, pia». Tendo em conta a fonte que ambos referem (Queiroz, 2008, p. 16), achamos que Alves das Neves se desviou menos da fonte.

vez, as ilustrações estão ausentes nesta obra, parecendo agora mais clara a intenção de apontar como alvo o «público em geral».

No longo interregno entre as duas antologias-biografias de Manuela Nogueira, são publicadas duas outras obras do género: uma de Amélia Pinto Pais (2007) e outra de Cidália Fernandes (2009). *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*, de Amélia Pinto Pais (2007), é a primeira biografia-antologia a aparecer nos escaparates, trazendo a chancela da Ambar e as ilustrações de Telma Fernandes e Pedro Leal. Não é esta, no entanto, a edição que nos serve de fonte, mas a da Areal, com data de 2011, que tem novo ilustrador, Rui Castro, e é mais cativante do ponto de vista visual. Na primeira parte do livro, explana-se a biografia de Pessoa, na verdade uma autobiografia ficcionada, na qual o poeta fala de si aos mais novos, aproveitando para polvilhar a narrativa com fragmentos dos seus poemas; na segunda, apresenta-se uma antologia poética, composta por poemas dos repertórios infantil e clássico, além de breves notas biográficas dos principais heterónimos. A coloração e a textura do papel ajudam a diferenciar materialmente as duas partes da obra: branca e lisa é a primeira, amarelada e rugosa a segunda. Pela estrutura adotada, pelas notas, simulando *post-it* amarelos, fixados à página por alfinetes de cabeça vermelha, e pela organização da informação, o livro revela indisfarçáveis intenções pedagógicas e didáticas. A esta matriz não deverá ser estranho o facto de a autora ter um pertinente currículo editorial, em que se destacam vários livros de apoio escolar sobre vários autores de língua portuguesa, sendo um deles justamente Fernando Pessoa²¹. A intenção da publicação deste livro, nas palavras de Amélia Pais, foi a de «dar uma primeira possibilidade às crianças de aprenderem, aos poucos, a saborear a musicalidade dos poemas, mesmo que não entendam totalmente. Há vários graus de entendimento e o primeiro passa pelo gostar de ouvir e de ler»²². O Plano Nacional de Leitura

²¹ Amélia Pinto Pais, *Para Compreender Fernando Pessoa*, Areal – consultámos a edição de 2011. Além deste, tem outros, nomeadamente *Para Compreender Os Lusíadas*, Areal – consultámos a edição de 2017. A autora também publicou um livro para os mais novos, *Padre António Vieira, o imperador da língua portuguesa*, pela Ambar, em Portugal e pela Companhia das Letras, no Brasil (2010).

²² Artigo «À descoberta de Pessoa»: <http://portugalvivo.com/a-descoberta-de-pessoa.html>. Consultado em 20/07/2017.

recomenda este livro para o 3.º ciclo, para leitura autónoma²³. A editora brasileira Companhia das Letras assegurou, em 2009, a edição desta obra no seu país, com ilustrações de Mariana Newlands.

Chamo-me... Fernando Pessoa, a biografia-antologia que Cidália Fernandes publica em 2009 está também dividida em duas partes. A primeira, que ocupa a maior parte do livro, destaca-se por ser uma biografia narrada na primeira pessoa, a exemplo do ponto de vista «autobiográfico» confiado ao poeta por Amélia Pinto Pais na obra atrás destacada. O texto está segmentado em dez capítulos titulados. Esta compartimentação, aliada às imagens, que disputam com o texto a primazia da mancha de impressão, e aos poemas, que irrompem, a cada passo, em itálico, tornam a leitura uma empresa agradável e interessante, facilitada pelo viés temporal da sucessão dos episódios. A segunda parte apresenta uma «Antologia» com treze composições poéticas. No final, uma tabela cronológica de duas páginas estabelece um paralelo entre a «vida de Fernando Pessoa» e a marcha dos acontecimentos do seu tempo, com particular destaque para «a História, a Ciência, a Tecnologia» e as «Artes e a Cultura». No final, há ainda uma brevíssima biografia, despida de ornados literários.

Pessoa fala obviamente em português, mas deixa escapar uma ou outra expressão em inglês, uma marca da sua educação sul-africana que prende a atenção, refresca a leitura e gera boa disposição. É difícil ficar-se indiferente a esta entrada à James Bond: «*My name is Pessoa, Fernando Pessoa*» (Fernandes, 2009, p. 3). Seguindo esta toada, também se pode acrescentar que estamos perante o caso do poeta que sabia demais. Efetivamente, ao Pessoa que conta a sua vida, de fio a pavio, nem a própria morte o detém, pois, tendo esta ocorrido a 30 de novembro de 1935, é ele a dar conta do próprio decesso, do préstimo que o acompanhou à penúltima morada, do orador que a seu respeito falou (Luís de Montalvor²⁴) e do jornal que noticiou o seu passamento no hospital de S. Luís dos Franceses, no Bairro Alto (*Diário de Notícias*). Como se não bastasse, é o

²³ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas do PNL, 2017, p. 370).

²⁴ Editor e colaborador de *Orpheu*, em 1915, onde publica, no número 1, «Introdução», e, no número 2, o poema «Narciso». Luís de Montalvor é pseudónimo de Luís Filipe de Saldanha da Gama da Silva Ramos (1891-1947).

próprio Fernando, em pessoa, a relatar também que, no dia 13 de junho de 1985, os seus restos mortais foram trasladados dos Prazeres para os Jerónimos, onde passaram «a fazer companhia a Camões» (Fernandes, 2009, p. 56).

A lista de livros dedicados à publicação de biografias-antologias termina aqui. Nos sete livros da secção seguinte, a biografia desprende-se da companhia dos outros textos e toma para si todo o espaço, da capa à contracapa.

1.2.1.3. Biografias

Livros biográficos são os livros que apresentam aos leitores apenas biografias, isto é, relatos da vida e da obra de Fernando Pessoa, em prosa ou em verso, prescindindo de textos parceiros. No *corpus*, sete livros enquadram-se nesta classificação: *O meu primeiro Fernando Pessoa* (Júdice, 2006), *Era uma vez ... Fernando Pessoa* (Lemos, 2009), *De A a Z Fernando Pessoa* (Florindo, 2013), *Fernando Pessoa contado às crianças adultas* (Rodrigues, 2013), *Fernando Pessoa, o menino que era muitos poetas* (Letria, 2014), *Era uma vez ... Fernando Pessoa* (Rodrigues, 2015) e *Fernando Pessoa: Biografia ilustrada* (Balreira, 2018) (tabela 4).

Tabela 4 – Biografias

ANO	LIVROS	EM PROSA	EM VERSO
2006	JÚDICE – <i>O meu primeiro Fernando Pessoa</i>	1	
2009	LEMOS – <i>Era uma vez ... Fernando Pessoa</i>	1	
2013	FLORINDO – <i>De A a Z Fernando Pessoa</i>		1
2013	RODRIGUES 1 – <i>Fernando Pessoa contado às crianças adultas</i>	1	
2014	LETRIA 2 – <i>Fernando Pessoa, o menino que era muitos poetas</i>		1
2015	RODRIGUES 2 – <i>Era uma vez ... Fernando Pessoa</i>	1	
2018	BALREIRA – <i>Fernando Pessoa: Biografia ilustrada</i>	1	
		5	2

Cinco das sete biografias enunciadas foram escritas em prosa, as outras duas em verso. Estas sete biografias vêm juntar-se às quatro que se encontram na secção de biografias-antologias e a outra que se encontra no grupo dos livros de protagonismo repartido, perfazendo assim um total de doze textos biográficos.

A primeira biografia de Pessoa para os mais novos a autonomizar-se das antologias e a garantir sozinha um livro foi *O Meu primeiro Fernando Pessoa*, que Manuela Júdice publicou em 2006. A autora, que foi diretora da Casa Fernando Pessoa²⁵, não abdica do concurso de poemas de Pessoa para enriquecer a sua narração, a exemplo de todos os outros biógrafos já mencionados. Nas listas do Plano Nacional de Leitura, esta obra surge como recomendação para o 4.º ano de escolaridade, para leitura orientada na sala de aula²⁶. Este livro foi também publicado do outro lado do Atlântico pela Leya Brasil, em 2010, mantendo a mesma equipa autoral, composta por Júdice e pelo ilustrador Pedro Proença.

Em 2009, publica-se em Lisboa mais uma biografia de Fernando Pessoa para os mais novos. Trata-se de *Era uma vez... Fernando Pessoa*, um livrinho composto pela equipa do Serviço Educativo da Casa Fernando Pessoa que serve de suporte às atividades lúdicas e experiências pedagógicas da instituição²⁷. São oito páginas que contam a vida do poeta, com recurso a um relato simples auxiliado por ilustrações de traço *naïf*, de Joana Amaral, e alguns brotos poéticos do autor²⁸.

Nova biografia de Fernando Pessoa para crianças «a partir dos 5 anos» (Florindo, 2013, p. 2) é publicada em 2013, por Catarina Florindo, com o título *De A a Z Fernando Pessoa* e apresenta-se de forma inovadora, escrita em verso, rompendo com a diacronia habitual, desvendando o poeta, os seus feitos e idiossincrasias, em entradas ditadas, em

²⁵ A Casa Fernando Pessoa funciona desde 1993 como centro cultural dedicado à divulgação e promoção da obra do poeta. Foi neste edifício, situado na rua Coelho da Rocha, n.º 16, 1.º d.to., que Fernando Pessoa viveu a última fase da sua vida, desde 29 de março de 1920 até à data da sua morte, em 1935 (Hipólito, 2016, p. 145).

²⁶ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas do PNL, 2017, p. 218).

²⁷ Livro consultado *online*, por indisponibilidade nos postos de venda. O documento tem a seguinte ficha técnica: edição: CFP/CML; coordenação: Inês Pedrosa e Carmo Mota; produção de conteúdos: Rita Lemos e Inês Mesquita Leitão; ilustrações e design: Joana Amaral (Lemos, 2009, p. 8).

²⁸ Blogue da Casa Fernando Pessoa: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=7016>.

número e ordem, pelas vinte e seis letras do alfabeto, impecavelmente ordenadas de A a Z. O livro, ao não seguir uma sequência cronológica, opta por apresentar peças soltas de um mosaico multifacetado de traços de personalidade, situações, sítios, influências, fobias, medos, gostos e desgostos. Letra a letra, percorrendo todo o alfabeto, ao ritmo de versos de irregularidade métrica e estrófica e em simbiose perfeita com a ilustração de Norberto Neves, dá-se a conhecer uma parte do rico universo pessoano. Numa outra obra desta coleção «De A a Z», intitulada *De A a Z Portugal*, a autora volta a lembrar-se de Fernando Pessoa²⁹.

Em 2014, ano seguinte à publicação da biografia rimada de Florindo, surge nas montras *Fernando Pessoa, o menino que era muitos poetas*, outro livro em verso, mas desta vez da autoria de José Jorge Letria com ilustração de João Fazenda. Oito anos depois, este livro assinala o regresso de Letria à escrita sobre Fernando Pessoa para os mais novos³⁰. Evocar Pessoa de todas as maneiras parece ser um desígnio de Letria, como tem demonstrado noutros livros infantojuvenis que publicou³¹. *O menino que era muitos poetas* está recomendado pelo Plano Nacional de Leitura para o 5.º ano de escolaridade, para leitura autónoma³².

Também em 2013, a Chiado Editora publica *Fernando Pessoa contado às crianças adultas*, um título que apresenta uma quantidade generosa de informação biográfica sobre «um dos grandes génios da literatura mundial de todos os tempos» (Rodrigues, 2013, contracapa). Contando com a ilustração de Rute Bastardo, esta obra não será declaradamente para crianças, mas presta-se muito bem a ser lida por jovens. Certamente estimulado pela aceitação, o livro conhecerá nova edição, noutra editora, dois anos mais tarde, em 2015.

²⁹ Catarina Florindo e Aurélie de Sousa. *De A a Z Portugal*, Rio de Mouro, Everest Editora, 2013.

³⁰ A primeira publicação é de 2006. Trata-se do conto «A arca do menino que inventava poetas», inserido na coletânea *O livro que falava com o vento e outros contos* (Texto Editores, 2006).

³¹ Entre o conto de 2006 e esta biografia em verso, publica, em parceria com o ilustrador Henrique Cayate, na D. Quixote, *O meu primeiro Portugal*, onde inclui nada menos do que três poemas de Pessoa num total de cinco: as primeiras estrofes de «Infante», de «Mar salgado» e de «Autopsicografia». Os outros dois são «Pátria», de Miguel Torga (p. 7) e a primeira estrofe de *Os Lusíadas* (p. 58) (Letria, 2008, pp. 25 e 42).

³² Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas PNL, 2017, p. 262).

Efetivamente, Chichorro Rodrigues não tardou a fazer nova edição da obra sobre o poeta lisboeta, agora intitulada *Era uma vez... Fernando Pessoa*, apresentada como fazendo parte da coleção «Contado às crianças adultas», de que este volume é o número 3. Na realidade, o texto de 2015 é o mesmo de 2013, apenas muda a editora (agora a Prelo), o formato (agora quadrado), a consistência da capa (agora dura), as ilustrações e o ilustrador (agora José Maria Roumier) e a sua pertença a uma coleção (já nomeada). A obra pisca o olho às escolas e aos mais novos, apresentando-se como tendo «um carácter pedagógico» e alvitando que serve «para sensibilizar as escolas para a riqueza do nosso património literário de língua portuguesa» (Rodrigues, 2015, contracapa). Mas serve também, tal como os restantes livros da coleção, «ao grande público». O livro quer «afirmar a nossa identidade, a nossa especificidade», num mundo cada vez mais globalizado, e, para isso, «nada melhor do que divulgar, em prosa poética, alguns dos nomes que mais ajudaram a engrandecer o nosso idioma, que era e é a Pátria de Pessoa.»³³. Pessoa é apresentado como o padrinho da coleção «Contado às crianças adultas»³⁴. O livro foi adaptado para as artes de palco e levado à cena pelo Teatro Passagem de Nível (Alfornelos – Amadora), tendo sido a peça distinguida com o Prémio CONTE Rui de Carvalho, 2016³⁵.

Para terminar o capítulo das biografias, falta referir que a biografia mais recente de que nos foi dado recolher notícia foi publicada em 2018 por Paula Balreira (texto) e Arantxa Recio (ilustração) sob o título *Fernando Pessoa: Biografia ilustrada*. O livro sintetiza a vida do poeta, apresentando de forma cronológica os principais momentos da sua existência, e integra ilustrações que dialogam com o texto ao longo da narrativa, «jogando com a iconografia pessoana e desconstruindo-a» (Balreira, 2018, p. 1).

³³ In <http://jorgechichorrodrigues.net/index.php/pages/38-obras/122-era-uma-vez-fernando-pessoa>.

³⁴ Vieram depois Camões, Fernão Mendes Pinto, o Pe. António Vieira, Bocage, Antero de Quental, Eça de Queirós, Machado de Assis, Florbela Espanca, José de Alencar, Sophia de Mello Breyner Andresen, Carlos Drummond de Andrade, José Craveirinha, Eugénio Tavares e outros.

³⁵ In <http://bloguedelisboa.blogs.sapo.pt/amadora-vence-concurso-nacional-de-478167>.

1.2.1.4. Ficções

Outra classe de livros que dão protagonismo total a Fernando Pessoa é a da ficção. Livros de ficção são os que apresentam aos leitores uma história inventada para seduzir os leitores à leitura e aproveitar o ensejo para fornecer dados sobre a vida e a obra do poeta. No *corpus*, contabilizam-se seis livros que se enquadram nesta classificação: *O caso do poeta dos mil nomes* (Lança-Coelho, 1993), *Fernando Pessoa* (Moutinho 1, 1995), *Saudade – um conto para sete dias* (Hochman, 2011), *Assalto à Casa Fernando Pessoa* (Reis, 2012), *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe* (Moutinho, 2015), *Carta ao Cavaleiro de Nada* (Marecos, 2018) (tabela 5).

Tabela 5 – Ficção

ANO	LIVROS	CRIA.	ADOL.	FP CRIA.	+ TEXTOS
1993	LANÇA-COELHO – <i>O caso do poeta dos mil nomes</i>		1		
1995	MOUTINHO – <i>Fernando Pessoa</i>	1			
2011	HOCHMAN – <i>Saudade, um conto para sete dias</i>	1			
2012	REIS – <i>Assalto à Casa Fernando Pessoa</i>		1		Informação
2015	MOUTINHO – <i>Fernando Pessoa, o menino de sua mãe</i>	1			Antologia
2018	MARECOS – <i>Carta ao Cavaleiro de Nada</i>	1		1	
		4	2	1	2

Legenda:

CRIA. – Livros com crianças como personagens.

ADOL. – Livros com adolescentes como personagens.

FP CRIA. – Livros com Fernando Pessoa como criança e personagem.

+ TEXTOS – Textos que integram os livros (independentes da história).

Estas seis histórias de ficção ocupam, na íntegra, o livro que as publica, mas não são as únicas. Nas obras de protagonismo repartido, encontramos mais três, uma de Manuel António Pina, uma de José Jorge Letria e outra de Vergílio Alberto Vieira, perfazendo um total de nove textos deste género publicadas em Portugal.

O caso do poeta dos mil nomes, publicado em 1993, por José Lança-Coelho, é, a vários títulos, um livro pioneiro: é o primeiro livro de ficção sobre Fernando Pessoa e é também o primeiro livro publicado em Portugal para os mais novos, neste caso para adolescentes, centrado exclusivamente no poeta, antecipando-se, inclusivamente, à primeira antologia-biografia publicada por Manuela Nogueira. *O caso do poeta dos mil nomes* relata a aventura de quatro adolescentes que vão tentar desvendar um «mistério digno de Sherlock Holmes» (Lança-Coelho, contracapa) na biblioteca de um solar norte-nho, onde, acidentalmente, se descobre um portal de acesso a um túnel secreto. Chamada a intervir, a brigada júnior de investigação aventura-se no túnel que irá levar os quatro amigos à Lisboa de 1935. Esta singular viagem no espaço e no tempo está repleta de referências diretas e indiretas ao «poeta dos mil nomes», o que requer toda a atenção para se poder ler e interpretar os sinais que vão surgindo e que irão permitir descobrir a identidade do misterioso poeta. Conhecemos duas edições desta obra: a primeira foi ilustrada por João Neves (1993); a segunda, a que usámos, foi ilustrada por Cristina Mello (2000). O livro faz lembrar as aventuras da série *Os Cinco*, ou *Os Sete*, de Enid Blyton, ou da série *Uma Aventura*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada.

Em 1995, A Campo das Letras publica na sua coleção «Crianças Famosas», a primeira obra de José Viale Moutinho sobre Fernando Pessoa destinada aos mais novos. *Fernando Pessoa* é uma narrativa de ficção cuja ação se desenrola na esplanada do café A Brasileira, em Lisboa, onde a icónica estátua do poeta ganha vida e dialoga com o curioso Francisco, um rapazito de 7 anos, a mesma idade que tinha Fernando Pessoa quando escreveu *À minha querida mamã*, o primeiro poema que se lhe conhece. A conversa leva o poeta a revelar alguns episódios da sua vida, perante o olhar vivo e o ouvido atento do pequeno que sonha ser escritor quando for grande. Este livro, ilustrado por Fernando Oliveira, tem por subtítulo *O menino de sua mãe*, detalhe que aparece unicamente no verso da capa, passando completamente despercebido³⁶. A narrativa ficcionada de Viale Moutinho diferencia-se da de Lança-Coelho por se dirigir a um público

³⁶ Em 2007, Amélia Pinto Pais publica também um livro para crianças e jovens sobre Fernando Pessoa e dá-o à estampa com o título *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*. Num *post* colocado na área de comentários ao artigo do Diário de Notícias que aborda este novo lançamento, José Viale Moutinho exprime algum desagrado

mais novo, formado por crianças a frequentar os primeiros anos do primeiro ciclo de escolaridade.

Em 2015, a obra de Moutinho é revista, aumentada e publicada novamente, mas agora com o título *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe*, cumprindo-se explicitamente a vontade do autor de chamar o seu livro pelo nome.

Na verdade, quando se começa a ler, este livro parece igual ao publicado vinte anos antes. Porém, há diferenças que importa cotejar. A história foi reescrita, alguns lapsos da edição anterior foram corrigidos³⁷, o texto foi ampliado, a ilustração é agora de Fedra Santos e há novos capítulos no livro, designadamente uma «brevíssima antologia», composta por quase dezena e meia de poemas, uma cronologia ilustrada com «as principais datas da vida do poeta», um breve questionário e propostas de atividades.

Em 2011, Claudio Hochman, autor, dramaturgo e diretor argentino, que se radicou em Portugal no início do século, após convite de Carlos Fragateiro para trabalhar cá (Revista TA, 2009, p. 9), publica *Saudade, um conto para sete dias*³⁸. O livro conta que, num país muito distante, vivia o rei mais sábio que alguma vez habitou sobre a Terra. Sabia

a propósito do título de Amélia Pinto Pais (Qua, 20/10/2010 - 02:54): «Este livro deve ser uma maravilha, porém, em 1995, na Col. Crianças Famosas, da Campo das Letras, saiu um livro meu intitulado *Fernando Pessoa - O menino de sua mãe*. Em 2001 saiu 2.ª edição. O livro foi várias vezes comentado na imprensa. É pena a coincidência dos títulos numa altura em que se prepara a 3.ª ed....».

³⁷ Concretamente a idade de Fernando quando escreveu o primeiro poema «À minha querida mamã». Na primeira edição aparece oito anos, na segunda sete anos, respetivamente errado e certo. O poema foi escrito em 26-7-1895 (cf. Arquivo Pessoa (online). Consultado em 19-12-2020: <http://arquivopessoa.net/textos/3179>).

³⁸ Título original: *Saudade, un cuento para siete dias* (castelhano). Tradução: Catarina Câmara. Em, 2010, antes da edição da Bags of Books, o livro já estava escrito (em espanhol, língua materna de Hochman) e traduzido (para português, por Catarina Câmara) e foi alvo de uma oficina de ilustração no Teatro Aveirense conduzida pela ilustradora Ana Biscaia (Blogue «Ler BD», entrada de 22 de fevereiro de 2010: Saudade. Um conto para sete dias. Claudio Hochman et al. (Teatro Aveirense), consultada em 30-12-2020, <https://lerbd.blogspot.com/2010/02/saudade-um-conto-para-sete-dias-claudio.html>). Solicitámos a Ana Biscaia mais algumas informações sobre a história do livro antes da edição da Bags of Books. Eis o seu testemunho: «Foi há muito tempo, mas lembro-me bem deste livro, por várias razões. O livro não estava publicado. A primeira versão deste conto foi ilustrada por sete ilustradores muito jovens e publicada com a chancela do Teatro Aveirense. As ilustrações foram desenvolvidas num *workshop* no teatro. Foram editadas, em livro, duas versões, uma em português e outra em castelhano. Os nomes dos ilustradores: Arianna Vairo (autora da ilustração da capa da edição espanhola), Daniela Correia, Nuno Nolasco, Rita Moniz e três alunas da licenciatura de BD/I da ESAP-Guimarães, Cláudia Loureiro, Sara Santos e Patrícia Guerra e foi paginado por Francisco Vaz da Silva. Pouco tempo depois, tomámos conhecimento do mesmo livro com novas ilustrações. Quanto a mim, vale a pena vê-lo, procurá-lo.» palavras de Ana Biscaia (mail de 21-01-2021, palavras citadas com conhecimento da ilustradora).

falar todas as línguas e era um dicionário vivo, que sabia o significado de todas as palavras. Tinha por hábito, às segundas-feiras, lançar um desafio. Qualquer pessoa se podia inscrever e aquela que fosse selecionada podia perguntar ao rei o que quisesse e ele para tudo teria uma resposta na ponta da língua. Na segunda-feira em que o conto começa, coube a vez a um homem, «um tal Fernando». «Fernando entrou com o seu fatinho, a sua gravatinha, o seu bigodinho e os seus óculos pequeninos.» Da sua pastinha tirou um caderno onde estavam anotadas as suas dúvidas e perguntas. E receoso perguntou: «Excelentíssima Excelência, queria saber o que é a “saudade”.» Perante pergunta tão difícil, o rei ficou... sem palavras.

O «homem da pergunta difícil» não tem apelido, mas João Vaz de Carvalho desenhou-o exatamente com aquele «fatinho», aquela «gravatinha», aquele «bigodinho» e aqueles inconfundíveis «óculos pequeninos». E para desfazer por completo a ambiguidade que a descrição e o nome Fernando sem apelido poderiam suscitar, pôs na cabeça da figura aquele lindo chapéu preto, que faz dele indubitavelmente Pessoa. Mas será mesmo ele?

A obra, originalmente escrita em castelhano, língua-materna do autor, foi traduzida por Catarina Câmara. Em 2012, recebe o *Award of Excellence*, distinção da *Communication Arts Magazine* pelas ilustrações. O Plano Nacional de Leitura recomenda-a como leitura autónoma para o 3.º ano de escolaridade³⁹. Em Portugal, a edição mais recente tem a chancela da Livros Horizonte (2019). No Brasil, onde foi igualmente publicada, tem a etiqueta da Companhia das Letrinhas, mantendo-se, lá como cá, a dupla que guindou o livro à aceitação dos leitores⁴⁰. Refira-se, por fim, que o livro deu origem ao «espetáculo» *Saudade*, «para maiores de 3 anos», que esteve em cena de 5 a 12 de janeiro de

³⁹ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas do PNL, 2017, p. 191).

⁴⁰ Edição da Companhia das Letrinhas, em 2013. Mantém-se o ilustrador João Vaz de Carvalho na edição brasileira.

2021, no Teatro da Trindade, em Lisboa, com dramaturgia e encenação de Claudio Hochman, o desempenho dos alunos de interpretação criativa da Academia INATEL e a música original de Carlos Garcia⁴¹.

Não é preciso esperar muito por nova história criativa pois, em 2012, Patrícia Reis publica *Assalto à casa Fernando Pessoa*, «uma obra de ficção» (Reis, 2012, p. 103), cuja ação se desenrola na Casa Fernando Pessoa no decurso de uma maratona de leitura. Ao longo de oito capítulos em que a «aventura» se desenrola, o poeta e a sua obra vão-se revelando. O livro inclui uma secção «Saber mais», com alguns apontamentos sobre Fernando Pessoa (*idem*). Apesar de conter referências a uma pretensa recomendação do Plano Nacional de Leitura (*idem* e contracapa), não o encontramos nas listas de 2017 do referido plano⁴².

Por último, *Carta ao Cavaleiro de Nada*, o mais recente livro de ficção, editado em 2018, com texto de João Marecos e ilustração de Rachel Caiano. «Numa carta ao seu misterioso amigo Cavaleiro de Nada, o pequeno Fernando Pessoa conta a fantástica aventura que viveu a bordo de um barco chamado Castelo, a caminho da África do Sul.», durante a qual viveu várias peripécias e conheceu três novos amigos – o Alberto, o Álvaro e o Ricardo. Nesta viagem, onde o sonho se mistura com a realidade, apresenta-se aos mais novos os vários cantos do mundo de Fernando Pessoa. O livro recebeu a Menção Honrosa na Modalidade Juvenil no Prémio Branquinho da Fonseca 2018 (jornal *Expresso* e Fundação Calouste Gulbenkian)⁴³. É também um livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura para crianças e jovens entre os 9 e os 14 anos⁴⁴.

⁴¹ Site do Teatro da Trindade: <https://teatrotrindade.inatel.pt/espetaculo/saudade/>, consultado em 30/12/2020.

⁴² As listas do Plano Nacional de Leitura de 2017 refletem as incorporações feitas em anos anteriores a essa data, traduzindo o princípio da acumulação, mesmo que as obras tenham saído do mercado.

⁴³ Site da Fundação Calouste Gulbenkian, consultado em 20/12/2020: <https://gulbenkian.pt/fundacao/premios/premio-branquinho-da-fonseca/>.

⁴⁴ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura, catálogo online: http://www.pnl2027.gov.pt/np4/livros?cat_livros_pnl=catalogo_blx..

Nos seis livros de ficção referenciados, os protagonistas são crianças (quatro casos) ou adolescentes (dois casos). No mais recente livro, o próprio Fernando recua aos tempos de infância e com ele os seus heterónimos para se fazerem protagonistas de palmo e meio e estarem à altura de quem os há de ler.

Ainda nos falta fazer referência a mais três histórias deste género que, dissemo-lo no início desta rubrica, serão abordadas na secção reservada aos livros de protagonismo repartido, em que Fernando e heterónimos, ainda crianças, também tiveram de partilhar o seu livro de abrigo com outras figuras de outros quadrantes.

1.2.2. Livros de protagonismo repartido

Os livros de protagonismo repartido são os livros integrados no *corpus* em que o destaque não é dado em exclusivo a Fernando Pessoa, mas distribuído por vários autores e respetivas obras. Neste novo grupo contabilizamos doze livros, todos portugueses: três com contos, um com uma biografia, outro com um exercício de variação poética enquadrável na categoria de *pastiche* e os restantes sete com poesia: *O país das pessoas de pernas para o ar* (Pina, 1973), *Verso aqui, verso acolá: Antologia para jovens* (Rocha, 1990), *Primeiro livro de poesia: Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência* (Andresen, 1991), *Um pássaro na mão, outro a voar* (Vieira, 2002), *O livro que falava com o vento e outros contos* (Letria 1, 2006), *Os melhores poemas para crescer* (Faria, 2007), *101 poetas: Iniciação à poesia em língua portuguesa* (Pupo, 2007), *Poetas de hoje e de ontem: Do século XIII ao século XXI para os mais novos* (Varanda, 2007), *O meu primeiro álbum de poesia* (Vieira, 2008), *Os Filhos da Nação: Luís de Camões, Fernando Pessoa e Eça de Queirós* (Gil, 2010), *Poesia para todo o ano: Antologia organizada de acordo com temas abordados no 1.º ciclo do ensino básico* (Soares, 2013) e *Diogo Piçarra em Pessoa* (Piçarra, 2016) (tabela 6).

Tabela 6 – Livros de protagonismo repartido

ANOS	LIVROS	POE.	BIO.	FIC.	PAST.
1973	PINA – <i>O país das pessoas de pernas para o ar</i>			1	
1990	ROCHA – <i>Verso aqui, verso acolá: Antologia para jovens</i>	1			
1991	ANDRESEN – <i>Primeiro livro de poesia...</i>	1			
2002	VIEIRA – <i>Um pássaro na mão, outro a voar</i>			1	
2006	LETRIA – <i>O livro que falava com o vento e outros contos</i>			1	
2007	FARIA – <i>Os melhores poemas para crescer</i>	1			
2007	PUPO – <i>101 poetas: Iniciação à poesia em língua portuguesa</i>	1			
2007	VARANDA – <i>Poetas de hoje e de ontem...</i>	1			
2008	VIEIRA – <i>O meu primeiro álbum de poesia</i>	1			
2010	GIL – <i>Os filhos da nação...</i>		1		
2013	SOARES – <i>Poesia para todo o ano...</i>	1			
2016	PIÇARRA – <i>Diogo Piçarra em Pessoa</i>				1
		7	1	3	1

Legenda:

POE – Poesia.

BIO – Biografia.

FIC – Ficção

PAST – Pastiche.

As coletâneas em que ecoa, entre os seus pares, o poeta de Orpheu são maioritariamente preenchidas com poesia. Porém, um número não despidendo apresenta outras propostas, desde histórias de ficção a pastiches, passando pelas biografias. Atentemos um pouco mais demoradamente nestes subgrupos.

1.2.2.1. Antologias de poesia

As antologias para crianças em que Fernando Pessoa marca presença são os livros de protagonismo repartido mais frequentes no *corpus*. A mais antiga que utilizamos remonta a 1990, data em que a Plátano Editora publica *Verso aqui, verso acolá: antologia para jovens*, de Natércia Rocha, com ilustrações de Manuela Costa. Não descartamos a

existência de outras mais antigas, pois há muitas antologias de poesia para crianças e, neste particular, não fizemos um trabalho sistemático de verificação, por tal procedimento não ser fundamental para o presente estudo. Composta por 74 poemas em língua portuguesa, a antologia de Natércia Rocha está dividida em várias secções: «Diz o povo», «Animais de pena e pelo», «Brincar é preciso», «Um amigo para falar comigo» e «Só é preciso abrir os olhos e olhar». Nesta última secção está o único poema selecionado de Fernando Pessoa: «É dia de Natal» (Rocha, 1990, p. 94). Segundo as palavras da autora, este livro de poesia é «um trabalho simples e despretensioso», que «procura somente pôr à disposição de pais e crianças algumas páginas de poesia para que não se quebre o feliz convívio iniciado com as canções de embalar.» (Rocha, 1990, introdução).

Em 1991, Sophia de Mello Breyner Andresen dá à estampa, na Editorial Caminho, *Primeiro livro de poesia: Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência*, uma coletânea que integra oitenta composições de poetas de todos os países de língua oficial portuguesa. Como a autora diz, trata-se de «um livro de iniciação» e está estruturado para acompanhar o crescimento dos seus leitores. Por isso, começa pelos poemas mais simples e, de página em página, evolui em crescendo até ao tempo da adolescência, mas sem o espartilho das divisões etárias. Seguindo esta lógica, os quatro poemas de Fernando Pessoa que integram a coletânea apresentam-se pela seguinte ordem: a «A Íbis», «O Mostrengo», «O menino da sua mãe» e, por fim, «Horizonte» (Andresen, 2004, pp. 23, 113, 134, 141) e espelham uma trajetória de crescente exigência e maturidade leitora, notando-se dois níveis de dificuldade, visto que o primeiro dos quatro é claramente para a infância, sendo os restantes retirados do repertório poético para adultos. Ana Margarida Ramos refere que o «cariz narrativo», «a sugestão da aventura vivida» e «a emoção» ajudam a perceber a escolha destes poemas em detrimento de outros mais próximos do imaginário infantil (Ramos, 2015, p. 19). Não é de excluir, no entanto, que a razão se prenda com o eventual desconhecimento de outros poemas de Fernando Pessoa para a infância, numa altura em que a primeira antologia estrangeira, de Alves das Neves, havia sido publicada há cerca de três anos apenas e a antologia portuguesa de Manuela Nogueira só vem a estar pronta anos mais tarde. Sejam quais forem as razões,

se calhar todas, o livro de Sophia é, mesmo assim, relativamente a Pessoa, também um livro pioneiro, por ser, se não a primeiro, pelo menos um dos primeiros a publicar um poema de Fernando Pessoa para a infância numa antologia para os mais novos⁴⁵. Este livro faz parte da Lista de obras e textos para educação literária para o 6.º ano⁴⁶ e é também recomendado pelo Plano Nacional de Leitura, para o mesmo ano de escolaridade, para leitura orientada na sala de aula⁴⁷.

Nova antologia com Pessoa na seleção, intitulada *Os melhores poemas para crescer*, surge nas vitrines em 2007, assinada por Rosa Lobato Faria e ilustrada por Helena Nogueira. Na capa, um selo anuncia que a obra visa «Iniciar os mais novos no gosto pela poesia». O livro dá a conhecer múltiplos poemas de grandes autores, antigos e modernos, selecionando quatro do alfabético pessoano: «À minha querida mamã», «Levava eu um jarrinho», «O mostrengo» e «O Tejo é mais belo do que o rio que corre pela minha aldeia». Mais uma vez, apesar de claramente identificado o pequeno leitor como alvo, o livro apenas apresenta um poema do repertório para a infância, sendo os restantes do repertório geral, para adultos, e um outro de quando o poeta era ainda uma criança.

Em 2007, Inês Pupo publica *101 poetas: Iniciação à poesia em língua portuguesa*. Nesse número redondo que deu origem ao título⁴⁸, destaca-se o incontornável Fernando

⁴⁵ A publicação desta obra recebeu o apoio do Ministério da Educação, à data tutelado pelo ministro Roberto Carneiro (Andresen, 2004, p. 188).

⁴⁶ Ministério da Educação e Ciência, metas curriculares de português do ensino básico, anexo: lista de obras e textos – 1.º, 2.º e 3.º CEB, p. 76.

⁴⁷ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas do PNL, 2017, p. 273).

⁴⁸ 101 poetas: Augusto Gil, Corsino Forte, Eugénio de Andrade, Francisco Bugalho, Francisco José Tenreiro, Francisco Rodrigues Lobo, Gastão Cruz, Guerra Junqueiro, Heliodoro Baptista, Herberto Helder, João Cabral de Melo Neto, João de Deus, João Garcia de Guilhade, Jorge de Lima, Luís Veiga Leitão, Mário de Andrade, Mário de Sá-Carneiro, Mário Dionísio, Miguel Torga, Natália Correia, Nicolau Tolentino, Noémia de Sousa, Nuno Júdice, Paulino António Cabral, Pedro Tamen, Pêro da Ponte, Rui Knopfli, Sophia de Mello Breyner, Vasco Graça Moura, Alda do Espírito Santo, Alexandre Herculano, Alexandre O'Neill, Almeida Garrett, Álvaro Brito Pestana, Antero de Quental, António Botto, António Feliciano de Castilho, António Ferreira, António Gedeão, António Nobre, António Ramos Rosa, Bernardim Ribeiro, Camilo Pessanha, Carlos de Oliveira, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Queirós, Cecília Meireles, Cesário Verde, Conceição Lima, Conde de Monsaraz, D. Dinis, D. Francisco Manuel de Melo, D. Sancho I, Daniel Filipe, David Mestre, David Mourão-Ferreira, Diogo Bernardes, Dom João Manuel, Domingos Caldas Barbosa, Eugénio de Castro, Fernando Pessoa, Fiamha Hasse Pais Brandão, Florbela Espanca, Gil Vicente, Gomes Leal, Gonçalves Dias, Jaime Cortesão, João de Lemos, João José Cochofel, João Melo, João Roiz de Castelo-Branco, João Soares Coelho, Jorge de Sena, José Carlos Ary dos Santos, José Carlos de Vasconcelos, José Craveirinha, José de Almada Negreiros, José Gomes Ferreira, José Régio, José Saramago, Luís de Camões, Luís Filipe Castro Mendes, Manuel Alegre, Manuel Bandeira, Manuel Maria Barbosa

Pessoa, anunciado na capa pela ilustração de Carlos Marques, como uma das figuras do livro. Quanto aos textos, foram selecionados de Fernando Pessoa, ele mesmo, sete poemas: «Mar português» (p. 105), «Liberdade» (pp. 106-107), «[O amor quando se revela]» (p. 108), «Poemas para Lili⁴⁹ [No comboio descendente]» (p. 109), «Autopsicografia» (p. 110), «Poema pial» (pp. 111-112), «Quadras ao gosto popular» (p. 113); de Ricardo Reis, um poema: «[Para ser grande, sê inteiro: nada]» (p. 115); de Álvaro Campos, um poema: «[Tenho uma grande constipação]» (p. 116); de Alberto Caeiro, um poema também: «[Olá guardador de rebanhos]» (p. 114). Este é também um livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura, para o 6.º ano, para leitura orientada na sala de aula⁵⁰.

Em 2007, Maria de Lourdes Varanda e Maria Manuela Santos publicaram, na Chimpanzé Intelectual, *Poetas de hoje e de ontem: Do século XIII ao XXI para os mais novos*, uma coletânea ilustrada por Filipa Canhestro. A edição que consultámos é mais recente e foi publicada pela Escritório Editora, em 2014. A obra inclui uma seleção de trinta e três poetas, desde D. Dinis até ao presente, passando por Gil Vicente, Camões, Bocage, Almeida Garrett, Almada Negreiros, Miguel Torga, António Gedeão, Sebastião da Gama, Eugénio de Andrade, Matilde Rosa Araújo e António Torrado, entre outros. O nosso Pessoa tem no livro um lugar de destaque com quatro poemas, três para a infância e um do repertório geral: «Havia um menino», «Levava eu um jarrinho», «No comboio descendente» e «O Mostrengo». O lugar de destaque que o poeta tem no miolo adivinha-se logo na capa, onde é posto ao lado de Camões, dando a ideia de que ali estão os maiores, Camões «ontem», Pessoa «hoje». Matilde Rosa Araújo, uma autora de livros para jovens sobejamente conhecida, assinou o prefácio⁵¹.

du Bocage, Manuel Rui, Mário Cesariny, Marquesa de Alorna, Martim Soares, Mia Couto, Olavo Bilac, Ondjaki, Paula Tavares, Raul de Carvalho, Ruy Belo, Ruy Cinatti, Sá de Miranda, Sebastião da Gama, Teixeira de Pascoas, Tony Tcheka, Vitorino Nemésio.

⁴⁹ Título que tem no livro, mas o poema em concreto é «No comboio descendente». «Poemas para Lili» é um título que abarca mais do que um poema, como sabemos.

⁵⁰ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas do PNL, 2017, p. 280).

⁵¹ Matilde Rosa Araújo também fez uso de poesia do poeta de Orpheu numa das suas coletâneas... Em 1979, publica *As crianças, todas as crianças: Antologia [de] textos de autores portugueses*. Nela inclui sessenta e nove textos de autores portugueses, desde Fernão Lopes, que abordam o mundo da infância. O título da obra retirou-o Matilde do título do poema homónimo de Ruy Belo (Ruy Belo, *Transporte no Tempo* (1973)). Moraes

Este livro, que já vai, pelo menos, na 6.ª edição, em Portugal, foi também publicado no Brasil, em 2011, pela Martins Fontes, e aí recebeu o prémio O Melhor de Literatura em Língua Portuguesa 2012 – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil do Brasil. Por cá, o Plano Nacional de Leitura colocou-o na lista de livros recomendados para o 4.º ano para leitura autónoma⁵².

Na coletânea que Alice Vieira publicou em 2008 com o título *O meu primeiro álbum de poesia*, com ilustrações de Danuta Wojciechowska, os textos de poetas conotados com o universo infantil abrangem também um largo período, que vai do século XVI aos nossos dias, de Luís de Camões a Vasco Graça Moura, passando por Miguel Torga, António Gedeão, Eugénio de Andrade, entre muitos outros. De Fernando Pessoa, a autora selecionou «Levava eu um jarrinho», um poema em linha com o universo infantil (Vieira, 2008, p. 29).

A mais recente coletânea de protagonismo repartido incluída no *corpus* data de 2013, foi organizada por Luísa Ducla Soares e tem por título *Poesia para todo o ano: Antologia organizada de acordo com temas abordados no 1.º ciclo do Ensino Básico*. Como o subtítulo sugere, a coletânea foi projetada a pensar nos alunos do primeiro ciclo do ensino básico e adequa-se aos temas que integram os programas curriculares. A antologia apresenta poemas «de todos os livros de poesia que constam nas Metas Curriculares de Português» e privilegia também «alguns dos que figuram em obras do Plano Nacional de Leitura», como a própria autora faz questão de chamar a atenção no prefácio (Soares, 2016, p. 2). A escolha recaiu em mais de uma centena de poemas em língua portuguesa, de autores como Bocage, Manuel António Pina, Sophia de Mello Breyner Andresen, João Pedro Mésseder, José Fanha, Eugénio de Andrade, Cecília Meireles, Miguel Torga e Alexandre O'Neill ou a própria Luísa Ducla Soares, entre outros. A acompanhar os poemas, as ilustrações de Carla Nazareth, Raquel Pinheiro, Joana Quental, Cristina Malaquias ou Pedro Serapicos. O livro termina com uma pequena biografia de cada

Editores, p. 465). O texto de Fernando Pessoa que faz parte do conjunto é um fragmento do poema «História do meu menino Jesus», do heterónimo Alberto Caeiro (Araújo, 1979, pp. 163-165).

⁵² Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas do PNL, 2017, p. 242).

um dos autores selecionados⁵³. Fernando Pessoa contribui para a antologia com dois poemas do seu repertório mínimo, «Havia um menino», que integra a secção «Poemas sobre nós e os outros», e «Levava eu um jarrinho», que integra a rubrica «Poemas de tempos idos», estando ambos ilustrados e assinalados como sendo destinados, à partida, aos dois primeiros anos de escolaridade (Soares, 2016, pp. 58 e 83).

1.2.2.2. Uma antologia biográfica, três ficcionais e um exercício de *pastiche*

As três antologias ficcionais incluídas nesta rubrica são *O país das pessoas de penas para o ar*, de Manuel António Pina (1973), *Um pássaro na mão, outro a voar*, de Vergílio Alberto Vieira (2002) e *O livro que falava com o vento e outros contos*, de José Jorge Letria (2006). Também neste triplo caso os textos não pertencem ao poeta, mas aos ficcionistas que o escolheram. *O país de pessoas de penas para o ar*, de Manuel António Pina, é um livro composto por quatro histórias, que faz uso do humor e do *nonsense*. A história que nos interessa é «O menino Jesus não quer ser Deus» e tem uma importância grande no contexto deste estudo por se tratar da obra mais antiga do *corpus*, por ser a primeira a tratar ficcionalmente um membro da família heteronímica, Alberto Caeiro, que traz consigo para o enredo as figuras que habitam o Poema VIII «Num meio-dia de primavera», de «O guardador de rebanhos».

A antologia biográfica a que se alude foi editada em 2010, por Alexandra Gil, e tem por título *Os filhos da nação: Luís de Camões, Fernando Pessoa e Eça de Queirós*. A biografia que Gil compôs sobre Fernando Pessoa realça, entre outros aspetos, o seu carácter solitário, os heterónimos, a incursão na publicidade, a publicação de *Mensagem* e o romance com Ofélia. O texto oferece vários cambiantes em termos de corpo, cor e tipo de

⁵³ Artigo DN (1/07/2013): Luísa Ducla Soares organiza “Poesia para todo o ano” consultado em 15/12/2020: <http://www.dn.pt/artes/livros/interior/luisa-ducla-soares-organiza-poesia-para-todo-o-ano-3297925.html>.

letra, além de partes sublinhadas. As páginas adjetivam-no de universal, sonhador, arrojado e apaixonado (Gil, 2010, pp. 16-18). As duas ilustrações de Manuel Morgado, ambas em dupla página, mostram a figura clássica de Fernando Pessoa, os heterónimos (réplicas de Pessoa), a calçada de Lisboa e o elétrico 28 (Gil, 2010, pp. 14-15 e 20-21). O livro, dirigido às crianças, faz parte da coleção «Filhos da Nação», publicada pelo jornal *Diário de Notícias*⁵⁴.

A segunda seleta ficcional, intitulada *Um pássaro na mão, outro a voar*, foi publicada por Vergílio Alberto Vieira, em 2002. É um livro de contos breves que se apresenta ao leitor em duas partes distintas, cada uma apelidada de «livro». Na primeira, intitulada «O livro dos ofícios», viaja-se até ao mundo do ferrador, do sapateiro, da tecedeira, do bufarinheiro e de outros mesteres de antanho, sete ao todo, onde ferramentas e objetos se envolvem em diálogos imaginários com a voz que o autor lhes insufla. Assim é, por exemplo, entre martelos e bigornas, solas e sovelas, teares e lançadeiras. Na segunda parte, intitulada «O livro das artes», conta-se a história de oito homens famosos, representantes de «artes» distintas: Vincent van Gogh, Miguel Ângelo, Wolfgang Amadeus Mozart, Charlie Chaplin, Enrico Caruso, Walt Disney, Guglielmo Marconi e Fernando Pessoa. As histórias são pródigas em possibilidades e a circunstância de serem curtas (apenas em três se excede as três páginas) poderá constituir um estímulo para o jovem leitor relutante. A forma breve sobre Fernando encerra «O livro das artes» e tem por título «A arte de crescer». Este conto recua à infância de Fernando António Nogueira Pessoa, um menino de sete anos que não queria crescer porque tinha medo de sentir a solidão que

⁵⁴ A coleção é composta por 18 volumes, publicada semanalmente, aos domingos, juntamente com o *Diário de Notícias*. A obra apresenta uma seleção de figuras portuguesas que se destacaram ou destacam (algumas estão em plena atividade) em áreas tão diversas como a política, o futebol, a aviação, os descobrimentos, os jogos olímpicos, os prémios Nobel, a moda, o cinema, a pintura, o fado e a literatura. São elas: D. Afonso Henriques, o conquistador, Eusébio, Figo, Ronaldo, Mourinho, Santo António e Pedro Hispano: um Santo e um Papa portugueses, Luís de Camões, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Grão Vasco, Amadeo de Souza-Cardoso, Paula Rego: os pintores, Gago Coutinho, Sacadura Cabral: os pioneiros dos céus, Amália Rodrigues e Mariza: as fadistas, Infante D. Henrique e D. João II: os descobridores, Rosa Mota, Fernanda Ribeiro, Carlos Lopes, Nelson Évora: os medalhados, Egas Moniz e José Saramago: os galardoados, Ana Salazar e Fátima Lopes: as estilistas, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão Magalhães: os navegadores, Humberto Delgado, António de Spínola e Salgueiro Maia: os militares, Maria e Inês de Medeiros, Joaquim de Almeida e Manoel de Oliveira: o cinema português, D. Nuno Álvares Pereira: o militar e o santo, Inês de Castro e Rainha Santa Isabel: rainhas santas, Serpa Pinto, Roberto Ivens, Hermenegildo Capelo e João Garcia: os exploradores, Siza Vieira e Souto de Moura: os arquitetos.

as pessoas adultas sentem. «Mas o menino cresceu e fez-se homem. Via-se bem que era um homem triste, sempre vestido de preto será exagerado pensar, mas bastante magro, de chapéu, bigode e óculos de aro fino» (Vieira, 2002, p. 69). Tal como os seus pares, este conto não apresenta ilustrações.

A terceira seleta ficcional data de 2006, quando José Jorge Letria publica *O livro que falava com o vento e outros contos*, uma antologia ilustrada por Alain Corbel em que se juntam várias histórias que têm como personagens centrais os livros, os leitores, os escritores e as bibliotecas. São sete contos originais, o primeiro, que dá título ao conjunto, intitula-se «O livro que falava com o vento» e o último «O sábio, o califa e o saber». De permeio, «O rato de Alexandria», «A arca do menino que inventava poetas», «O rei dentro do livro», a «Caneta viajante» e a «História do mata-borrão». A obra é «uma declaração de amor aos livros, à leitura e às personagens que habitam os textos» (Letria, 2006, contracapa). O conto que tem Fernando Pessoa como protagonista intitula-se «A arca do menino que inventava poetas». Nele se explora o universo pessoano, especialmente a vertente da heteronímia. A arca surge como repositório da riqueza criativa do poeta. «Que pena o Fernando não ter inventado também uma poetisa para nós podermos conversar e namorar com ela!» (Letria, 2006, p. 29). Este é também um livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura, para o 4.º ano de escolaridade, para leitura orientada na sala de aula⁵⁵.

Para finalizar esta secção de seletas que embarcam vários autores ao mesmo tempo para os dar a conhecer aos leitores mais novos, surge-nos um caso único, porque diferente de todos os demais. Em 2016, um jovem cantor *pop* português e figura assídua na televisão, Diogo Piçarra, publicou *Diogo Piçarra em Pessoa*. O livro apresenta vários poemas de Fernando Pessoa e de seus heterónimos, bem como do próprio Piçarra, seguindo uma estrutura assente na dupla página: à esquerda, um poema de Fernando Pessoa ou de um dos seus heterónimos; à direita, o «exercício de recriação» do mesmo poema pela mão do jovem artista (Piçarra, 2016, p. 9). Cada página ostenta, ao lado do poema, uma ilustração do seu autor, figura que se repete até que comece a obra do

⁵⁵ Livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Listas do PNL, 2017, p. 219).

autor seguinte. Diogo escolheu vários eus de Pessoa e para cada um criou um eu correspondente. E assim, os pares de eus e seus poemas: Fernando Pessoa/Diogo Piçarra: 9 poemas; Álvaro de Campos/Luna Thea: 7 poemas; Alberto Caeiro/Ingénio Garcia: 2 poemas; Ricardo Reis/Walter Ego: 2 poemas. No final da obra, são apresentados vários desafios aos leitores.

Todos os poetas reais ou inventados têm a sua biografia neste livro. Livro «que não se esgota na sua leitura», é um espetáculo de dramaturgia⁵⁶ e música que se pretende apresentar nas escolas secundárias do país para alunos do décimo, do décimo primeiro e do décimo segundo anos. De entre os poemas apresentados no livro, pelo menos um foi musicado por Piçarra, «Sei bem que nunca serei ninguém», de Ricardo Reis, que pode ser apreciado num dos muitos registos pesquisáveis no Youtube (Piçarra, 2016, p. 148)⁵⁷.

1.2.3. Livros estrangeiros

Os livros estrangeiros do *corpus* são os livros para os mais novos inteiramente dedicados a Pessoa e sua obra publicados fora de Portugal, ainda que alguns possam estar em língua portuguesa, ter sido coordenados por portugueses e terem estado ou estarem ainda à venda em Portugal. O *corpus* integra nove obras desta categoria: *Comboio, saudades, caracóis* (Neves, 1988), *Fernando Pessoa: Tren de cuerda* (Pessoa, 2003), *Fernando Pessoa para crianças: Poemas seleccionados da obra de Fernando Pessoa* (Alencar, 2010), *Lo mejor del mundo son los niños* (Novoa, 2012), *El elfo y la princesa* (Novoa, 2013), *Je (ux)* (Herbéra, 2014), *Pessoa, gafas y pajarita* (Marchamalo, 2015), *E se eu fosse outros?* (Bretanha, 2017) e *Pessoinha: Fernando Pessoa para crianças* (Martelli, 2018) (tabela 7).

⁵⁶ Veja-se este trecho de uma representação no Youtube: consultado no Youtube em 15/12/2020: <https://www.youtube.com/watch?v=wC1KT6FxorY&t=14>.

⁵⁷ *Diogo Piçarra em Pessoa - «Sei bem que nunca serei ninguém»*: <https://www.youtube.com/watch?v=IUU-fEaUaw8U>. Consultado no Youtube (18/07/2017).

Tabela 7 – Livros de protagonismo total publicados no estrangeiro

ANOS	LIVROS	PAÍS	POESIA*	CONTOS*	BIO	FIC
1988	NEVES – <i>Comboio, saudades, caracóis</i>	BRASIL	1			
2003	PESSOA – <i>Tren de cuerda</i>	MÉXICO	1			
2010	ALENCAR – <i>Fernando Pessoa para crianças...</i>	BRASIL	1			
2012	NOVOA – <i>Lo mejor del mundo son los niños</i>	ESPANHA	1			
2013	NOVOA – <i>El elfo y la princesa</i>	ESPANHA		1		
2014	HERBÉRA – <i>Je(ux)</i>	FRANÇA	1			
2015	MARCHAMALO – <i>Pessoa, gafas y pajarita</i>	ESPANHA			1	
2017	BRETANHA – <i>E se eu fosse outros?</i>	BRASIL				1
2018	MARTELLI – <i>Pessoinha...</i>	BRASIL	1			
			6	1	1	1

Legenda:

(*) Textos de Fernando Pessoa.

BIO – Biografia.

FIC – Ficção.

As edições estrangeiras dizem respeito a quatro países: Brasil, Espanha, México e França.

1.2.3.1. Livros do Brasil

Começamos pelos livros publicados no Brasil, o imenso país de língua portuguesa.

Em 1988, João Alves das Neves organiza e dá à estampa um pequeno livro de poemas que Fernando Pessoa «escreveu pensando nas crianças» intitulado *Fernando Pessoa: Comboio, saudades, caracóis*. Publicado em São Paulo, no Brasil, pela FTD, este livro ilustrado por Claudia Scatamacchia⁵⁸ marca o início de uma longa série de outros sobre o poeta de Orpheu e sua obra intencionalmente destinados a um público de potenciais leitores formado por crianças, adolescentes e jovens.

⁵⁸ Claudia Scatamacchia, ilustradora premiada e habituada a ilustrar autores de nomeada como Goethe, Virgílio, Andresen, Irmãos Grimm, Perrault, Lewis Carroll, entre outros (Neves, 1998, pp. 30-31).

Alves das Neves, um português que se radicou no Brasil em 1958, onde, à data da publicação, exerce as funções de «jornalista, escritor e professor», está ciente do pioneirismo da edição de tão peculiar florilégio poético e faz alarde dessa convicção na contracapa, na qual sublinha que, «com este livro breve, porém significativo, divulgam-se pela primeira vez no Brasil alguns poemas que Fernando Pessoa escreveu pensando nas crianças.» (Neves, 1988, contracapa). O título derivou de três dos dez poemas insertos na obra: no «No comboio descendente» (comboio), «Saudades» (saudades) e «Havia um menino» (caracóis). No final, a obra apresenta três breves biografias, uma de Fernando Pessoa, poeta a quem a glória, a exemplo de tantos outros, somente sorriu «depois que ele morreu», e as outras duas relativas ao organizador e à ilustradora (Neves, 1988, pp. 28-29, 30-31 e 32). O livro, incluído na coleção «Baú de encantos», foi distinguido no Brasil com o Prémio Ofélia Fontes, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Melhor Livro para a Criança, 1988.

Assinale-se o facto de a ideia de um livro com poesia de Pessoa para Crianças ter sido publicado não em Portugal, como seria de esperar, mas num país estrangeiro, ainda que o maior de língua portuguesa. Na verdade, trata-se de um livro cuja publicação marca o início de um género novo de publicações sobre o poeta de Orpheu, facto relevante que os organizadores não deixam de reivindicar e de sublinhar: «Nada melhor do que apresentar, neste centenário de nascimento, uma coleção de poemas pessoanos diferentes – para jovens. E melhor ainda é que essa pioneira reunião de poemas infantis tenha acontecido no Brasil, justa homenagem ao poeta e aos leitores.» (Neves, 1988, contracapa). Em boa verdade, este aspeto foi importante para tomarmos a decisão de alargar ao plano internacional o âmbito geográfico do *corpus*, o que implicou estabelecer pontes para outras margens.

Este livro marca o início de uma era de publicações de livros de Fernando Pessoa para os mais novos, como fica patente no desenrolar desta dissertação. Neves, cuja obra, como o próprio reconhece, beneficiou de informação de Manuela Nogueira, acaba por

influenciar a publicação de *O melhor do Mundo são as crianças*, que esta irá dar à estampa dez anos mais tarde. Vai estar também na origem de *A história do meu menino Jesus*, de Manuela Bronze (2010), como a própria reconhece.

Este livro tem conhecido sucessivas reedições. Em 1996, ia já na 7.^a⁵⁹. Em 2007, a FTD procede a uma reedição, agora com a colaboração da ilustradora Marília Pirillo.

O atributo de pioneiro seria suficiente para conferir relevância a este livro, mas deve salientar-se que, por via dessa circunstância, a obra é possuidora de outras qualidades que lhe conferem um estatuto de referência no *corpus* do presente estudo. Importa, pois, determo-nos um pouco nesses atributos. Deve realçar-se, mais uma vez, o estatuto de antecipador que esta antologia possui, condição que a mesma reivindica, mas que, na literatura que pudemos ler a respeito, não vimos identificada, situação que se pode explicar pela falta de percepção da existência deste *cluster* editorial gerador de uma prolífica descendência bibliográfica que contabiliza dezenas de obras e ainda não parou de se expandir e ramificar e, por consequência, de alargar os seus limites cronológicos. Depois, este livro é, em larga medida, uma referência para vários livros vindouros destinados aos mais novos, sobre Fernando Pessoa e a sua obra. Efetivamente, o livro apresenta uma seleta básica dos poemas que Fernando Pessoa escreveu para a infância e acrescenta outros que, não tendo sido escritos com esse propósito, são convocados a integrar esta antologia para jovens leitores, uma complementaridade que servirá de modelo a grande parte das antologias futuras. Nesta, foram reunidos, por esta ordem, dez poemas: «À minha querida mamã», «Havia um menino», «A íbis», «Carro de pau», os três «Poemas para Lili» («Levava eu um jarrinho», «Pia, pia, pia» e «No comboio descendente»), «O soba de Bicá», «Poema pial» e «Saudades». Escritos intencionalmente para crianças, os poemas «Havia um menino», «A íbis», «Levava eu um jarrinho», «Pia, pia, pia», «No comboio descendente», «O soba de Bicá» e «Poema pial»; para o público em geral, «O carro de pau» e «Saudade». Caso especial é o do poema «À minha querida mamã», escrito pelo menino Fernando para sua mãe, quando ser poeta nem projeto era.

⁵⁹ Conforme pode ler-se no *site books.google.pt*, disponível em https://books.google.pt/books/about/Comboio_saudades_carac%C3%B3is.html?id=GMgrPwAACAAJ&redir_esc=y. Acesso: 29/12/2020.

O antologista explica como conseguiu reunir este repertório *sui generis*: «Trata-se de textos até hoje não incluídos nas edições tradicionais, acrescentando o facto de serem inéditos alguns deles.» (Neves, 1988, contracapa) e revela ter consultado jornais, revistas e livros especializados e entrevistado D. Henriqueta Madalena Nogueira Dias, «irmã do autor de *Mensagem*, com 90 anos muito lúcidos e de boa memória», que lhe «contou» «quem foi a criança, o adolescente e o homem Fernando António Nogueira Pessoa.» (*idem*). Faz alusões também acerca da origem dos poemas, realçando «o grande carinho do escritor pelas crianças» (*idem*) e o facto de os poemas terem sido «oferecidos aos sobrinhos, filhos de D. Henriqueta Madalena.» (*idem*). A organização do livro, assente no emparelhamento de um poema e de uma ilustração em cada dupla página, serve também de matriz prototípica que, *grosso modo*, se vai seguir nos livros do *corpus*, sugerindo esta disposição gráfica o envolvimento de uma equipa que, com variantes, inclui o poeta (ou o seu legado literário, para sermos mais exatos), o organizador e o ilustrador.

Em 2010, 22 anos após Alves das Neves ter feito sair da estação inicial o seu *Comboio*, a Paulus publica, no Brasil, *Fernando Pessoa para crianças: Poemas selecionados da obra de Fernando Pessoa*, livro que também pode ser adquirido em Portugal. Reúne 18 poemas de Fernando Pessoa para crianças e para adultos «porque acreditamos que as crianças também são capazes de lê-los com interesse e prazer» (Alencar, 2010, p. 3). Os textos trabalham sons, rimas, ritmos, figuras de linguagem, humor, suscitam a reflexão e aperfeiçoam a língua. A coletânea abre com o poema escrito por Pessoa aos 7 anos e repete 6 poemas que saíram na edição de Alves das Neves. Um terço, o que lhe confere uma boa dose de originalidade, relativamente à sua precursora. A obra começa com um texto de «Apresentação» (p. 3) e finda com um «Vocabulário» (Alencar, 2010, p. 40), explicando o significado de 12 termos mais difíceis, assinalados a negrito nos poemas.

Em 2017, é publicado no Brasil *E se eu fosse outros?* de Sidney Bretanha, com ilustrações de Rogério Forti. Trata-se de uma história ficcionada sobre Fernando Pessoa ainda criança a frequentar a escola. A narrativa tem início com o regresso a casa do Fernando que traz um trabalho escolar para fazer sobre o amor. Depois de questionar a

mãe sobre o assunto, lança mãos à obra e escreve um belo poema, que pensa dedicar a uma colega de turma muito especial. Mas a oportunidade de refletir sobre este tema faz com que tenha novas ideias, o que o leva a criar amigos imaginários que também têm ideias sobre o amor.

Em 2018, é publicado mais um livro para a infância sobre Pessoa no Brasil, com o título *Pessoinha, Fernando Pessoa para crianças* e a chancela da Livraria In House. Márcio Martelli foi quem selecionou o poema VIII de «O guardador de rebanhos», «Num meio-dia de fim de primavera», de Alberto Caeiro, que lhe serviu de mote inspirador para o exercício de *pastiche* que se desenrola ao longo do livro em parceria com a ilustração de Nerci Leoni Machado, que denota alusões intertextuais, designadamente em relação ao *Príncipezinho* de Saint Exupéry (Martelli, 2018, pp. 27 e 31).

Em relação ao Brasil, o número de livros integrados no *corpus* podia ser maior, pois pudemos referenciar um número mais alargado, como ficou patente até agora, através de algumas alusões dispersas. A esses podemos juntar alguns mais: *Fernando Pessoa para crianças*, organizado por Alexei Bueno, ilustrado por Lu Martins e publicado pela Martins Fontes, 2007 (São Paulo); *O almirante louco*, organizado por Carlos Filipe Moisés, ilustrado por Odilon Moraes e publicado pela SM Editora, 2007 (São Paulo); *O amor bate à porta: Poemas selecionados do livro Quadras ao gosto popular*, com seleção e organização de Elias José, publicado pela Paulus Editora, 2007 (São Paulo); *Quadras ao gosto popular*, organizado por Maria Viana e ilustrado por Rosinha, publicado pela Larousse Júnior/Escala, 2010 (São Paulo); *Eros e Psique e outros poemas* de Fernando Pessoa, organizado por Maria Viana e ilustrado por Rosinha, publicado pela Larousse Júnior/Escala, 2011; *Poema Pial*, organizado por Maria Viana e ilustrado por Rosinha, publicado pela Larousse Júnior/Escala, 2011; *Conselho*, ilustrado por Odilon Moraes e publicado pela Escrita Fina Edições, 2013 (Rio de Janeiro) ou *Pessoinha 2: Revisitando Fernando Pessoa para crianças*, organizado por Márcio Martelli e publicado pela editora In House, em 2019.

Mau grado não termos podido integrar todas estas obras no *corpus*, este levantamento é bastante relevante para consolidar os objetivos deste trabalho. Constatamos

que o Brasil trata Fernando Pessoa como um dos seus e um dos seus maiores, e quer que os seus filhos cresçam com a sua poesia na ponta da língua ou, pelo menos, no ouvido. Para isso, muito importante será o contributo dado por estas edições nativas da poesia do poeta português. Por outro lado, é bom não esquecer, o Brasil tem um papel pioneiro na publicação de obras de divulgação de Fernando Pessoa e da sua obra entre os mais novos, esforço que se tem mantido no tempo até ao presente. Concluimos também que, com alguma frequência, as publicações para os mais novos cruzam o Atlântico Sul, viajando de Portugal para serem editadas com chancelas locais, tal e qual se apresentam no país de origem, excetuando ligeiras adaptações de ortografia, ou alterações um pouco mais notórias como a da substituição do ilustrador. Concluimos ainda que outras publicações do género são importadas de outros países, como é o caso de *Eu(s), pequena antologia*, de origem francesa, publicada no Brasil em 2015.

1.2.3.2. Na língua de Cervantes

Sendo Fernando Pessoa um autor dado a crianças e jovens falantes de português de ambos os lados do Atlântico, através de uma literatura muito peculiar, será que essa dinâmica também ecoa em países não falantes de português? No que toca ao idioma de Cervantes, a resposta é sim, a publicação de livros para os mais novos sobre o poeta português tem registos de ambos os lados do Atlântico, a diferença está na amplitude do fenómeno editorial que nos parece, justificadamente, de muito menor expressão.

Tren de cuerda, publicado pela SM Ediciones, é o primeiro livro do *corpus* na língua espanhola, com poesia de Fernando Pessoa para os mais novos. A sua publicação ocorre no México, em 2003, com seleção de textos de Francisco Cervantes e Rodolfo Fonseca e ilustrações de artistas muito conhecidos naquele país, Alejandro Magallanes, Isaac Hernandez, Gabriela Podestá, Mauricio Gómez Morin, Guillermo Angel de Gante, Felipe Ugalde, Bruno Gonzalez, Manuel Ahumada e Fabricio Vanden Broeck. O livro inclui uma

biografia de Pessoa, na qual se dá destaque aos seus primeiros anos de vida, e uma mostra da sua obra. Os poemas selecionados abarcam o repertório infantil e o repertório geral do poeta e o conto *Era uma vez um elfo* também faz parte dos textos incluídos na seleta.

Em 2012, aqui ao lado, em Espanha, é publicada aquela que julgamos ser a primeira antologia de poesia infantil de Fernando Pessoa no país vizinho. *Lo mejor del mundo son los niños*, contém 17 poemas, traduzidos para a língua espanhola por Ángel Campos Pámpano e ilustrados por Teresa Novoa. O livro adota como título o mesmo excerto do verso do poema «Liberdade» – “O melhor do mundo são as crianças”, tal como fez Manuela Nogueira. Porém, não se pense que o livro espanhol é uma cópia do português, bem pelo contrário, pois se é certo que coincide em muitos poemas, apresenta alguns diferentes e é profusamente ilustrado, o que lhe confere um aspeto quase festivo e acentua o contraste com o livro da sobrinha do poeta.

No ano seguinte, em 2013, é publicado o conto infantil de Fernando Pessoa «Era uma vez um elfo», traduzido para a língua espanhola por Ángel Campos Pámpano e ilustrado por Teresa Novoa, os mesmos autores de *Lo mejor del mundo*, a que fizemos referência acima. Como sabemos, o conto aparece pela primeira vez publicado por Manuela Nogueira, em 1998, e, posteriormente, apareceu publicado em língua espanhola no México (2003) no livro *Tren de cuerda*. Esta edição espanhola comparativamente com a portuguesa, além de lhe dar um título novo, *El elfo y la princesa*, introduz outras novidades muito significativas, a começar pelo facto de agora ter um livro só para si e por ter agora uma ilustração rica, onde seres imaginários como o centauro, a sereia, a esfinge, o cavalo alado, o unicórnio, o homem íbis e o dragão povoam um cenário fantástico tão do agrado do público jovem, adensando o substrato semântico do texto, que Manuela diz estar «inacabado» (Nogueira, 1998, p. 29). Mas esta história não acaba no fim. A ilustradora fez «*um pequeño apéndice sin palabras que nos sugiere la idea de una historia como la del elfo y la princesa, como todo lo que escribió Pessoa, puede formar parte de nuestras vidas cotidianas.*» (Pessoa & Novoa, 2013, p. 6). O apêndice intitula-se «*Próxima parada*» e apresenta-se a preto e branco em banda desenhada. A saída do conto do *Elfo* faz-se

por um túnel com ligação à galeria do metro. Numa das composições surgem novas personagens, uma mãe que lê Pessoa, uma criança com o seu boneco de pano e outra pessoa, Fernando Pessoa. A próxima estação dá para o «*Parque oniros*», onde o sonho, isto é, a história, ganha novos sentidos. No fundo, o livro quer dar razão a quem pensa que o conto está efetivamente inacabado ainda que isso «*no podemos saberlo com seguridad.*» (Pessoa & Novoa, 2013, p. 5).

Em 2015, o «*escritor y periodista*» Jesús Marchamalo e o ilustrador Antonio Santos publicaram *Pessoa, gafas y pajarita*, uma biografia breve de pequeno formato quadrado do poeta de *Mensagem*, que parece ter sido sugerido aos autores pelo aniversário da morte do poeta, dada a notável coincidência que assinalam: «*acabó de imprimir en Madrid el día 30 de noviembre de 2015, 80 aniversario de la muerte de Fernando Pessoa*» (Marchamalo, 2015, p. 47). Impresso em papel de elevada gramagem, o relato da vida do poeta corre célere e lê-se com agrado. As ilustrações, elegantes, a preto e branco, produzidas com recurso à xilogravura ou a uma técnica que a imita valorizam muito esta pequena resenha biográfica.

A história de livros para a infância e juventude em espanhol pode ser um pouco mais extensa do que a apresentada no *corpus* e, como prova e exemplo, podemos referir os ausentes *Infancia sin fin*, Ediciones El Naranjo, México, 2006, e *Voces de la saudade*, 2015, publicada por VyR, Argentina, 2015.

1.2.3.3. «Une toute petite lumière»

Em língua francesa, depois de várias tentativas, conseguimos identificar um livro sobre Fernando Pessoa publicado para os mais novos. Em 2014, a editora francesa Chan-deigne publica *Je(ux)*, uma «*petite anthologie*» de 16 poemas, ilustrada por Ghislaine Herbéra. O livro é bilingue: na primeira parte apresenta a versão francesa, numa tradução de Patrick Quillier; depois, os textos em português, a língua original. Só a versão

francesa é acompanhada de ilustrações. *Je(ux)* é um título com várias leituras: *Je* (eu); *jeux* (jogos); *eux* (eles) – isso depreende-se do posfácio ou pelo que se refere na contracapa: «*si tu étais Fernando Pessoa [...] tu changerais de nom, de voix, de visage, de personnalité, pour jouer avec les mots et raconter le monde comme dans le théâtre.*» (Pessoa & Herbéra, 2014, contracapa). As ilustrações abrem um pano de cena no princípio «para brincar com as palavras e narrar o mundo como se ele fosse teatro» (Pessoa & Herbéra, 2014, contracapa). No fim, fecha-se o pano. Lá dentro, também, pequenas figuras, aqui e ali, parecem ter-se escapado de azulejos barrocos pintados de azul. Conclui-se o livro com um posfácio de Joanna Cameira Gomes – «Fernando Pessoa et le mystère de l’infance» –, no qual se fala um pouco sobre Fernando Pessoa e sobre o livro. Tal como os livros brasileiros de Alves das Neves e de Alencar, este, francês, também é passível de ser adquirido numa livraria portuguesa, como a Bertrand. Os brasileiros também tiveram acesso à obra no seu país, onde foi publicada, em 2015, pela Pá de Palavra, com o título *Eu(s). Pequena Antologia*⁶⁰. E de França ou de terras de língua francesa não nos foi dado saber de outros livros para os mais novos sobre Fernando Pessoa. Fica, por agora, esta pequenina luz bruxuleando, sozinha, no meio de nós, à espera de outras, se as houver, quando as houver.

⁶⁰ Capa em português com o título *Eu(s), pequena Antologia*.

«Enterrei a cabeça nas mãos. Tudo aquilo que me parecia incompreensível e, no entanto, tudo fazia sentido. No Castelo não havia outras crianças. Nem gatos. Estava sozinho, como sempre estivera, a caminho de um sítio desconhecido, Durban, acompanhado apenas pela minha mãe e pelo meu velho tio Manuel. As lágrimas surgiram sem que as pudesse conter.

“O que se passa?”, perguntou-me o gato.

“Se tudo era um sonho, então os amigos que fiz não são reais, não existem. Alberto, Álvaro, Ricardo, perdi-os a todos.”

“Escuta, se os sonhaste, se falaste com eles, se os conheceste, então são reais, tão reais como tu e eu.”»

Marecos, 2018, p. 49.

Neste capítulo...

Destacamos as diferentes faces e idades de Fernando Pessoa no papel de personagem nas histórias de ficção.

Identificamos outras figuras da família heteronímica do poeta convocadas para o desempenho de similar papel nessas histórias.

Salientamos a presença de figuras de poemas a encarnar o papel de personagens a par dos poetas que as criaram.

Mostramos a existência de duas histórias sobrepostas em cada história de ficção, estruturadas com o propósito de contar a história propriamente dita e de mostrar aspectos da vida e da obra do poeta que integra o elenco das personagens.

Revelamos outros modos de construção de histórias de ficção que abordam o mundo pessoano sem transformar Fernando Pessoa ou qualquer dos seus heterónimos em personagens.

Evidenciamos o papel das ilustrações na construção da ficção e na valoração de aspetos referentes ao universo do poeta.

CAPÍTULO 2 – FICÇÕES

2.1. Os textos

Um dos aspetos mais originais no conjunto da literatura infantojuvenil dedicada a Fernando Pessoa e à sua obra é a criação de histórias que convocam o poeta e os seus heterónimos para nelas desempenharem o papel de personagens e combinam fragmentos tangíveis do seu universo em enredos fortemente especulativos e ficcionais. Essas histórias de ficção podem adotar uma ou várias das seguintes estratégias para a construção dos seus enredos, designadamente:

- i. a transformação de Fernando Pessoa, ele mesmo, em personagem;
- ii. a transformação de heterónimos em personagens;
- iii. a transformação de figuras de poemas pessoanos em personagens;
- iv. a integração, na ficção, de espaços físicos e objetos concretos, relacionados com o poeta.

Manuel António Pina é o primeiro autor do *corpus* a surgir, em 1973, como criador de uma história de ficção com base no universo pessoano, adotando como protagonistas o heterónimo Alberto Caeiro, o Menino Jesus, a Virgem Maria e S. José. Toma como

ponto de partida o poema VIII de «O guardador de rebanhos», «Num meio-dia de primavera». Vinte anos mais tarde, em 1993, o próprio Fernando Pessoa é transformado em personagem na obra de Lança-Coelho, *O caso do poeta dos mil nomes*. Entre estes dois títulos infantojuvenis, José Saramago, em 1984, surge a ficcionar um membro da família heteronímica no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, destinado a leitores adultos. Nos anos seguintes, outras obras de ficção para os mais novos surgem a explorar esta vertente de aproximação ao poeta modernista português, realçando sobremaneira o interesse em dar destaque a um autor que, à partida, não suspeitaria que suscitasse tal interesse ficcional, dado que atravessou a vida com alguma discricção. Porém, o poeta de Lisboa não é uma pessoa qualquer e a sua figura, que ele imaginou de tantas outras maneiras, aliada à proeminência literária que lhe tem sido reconhecida e à tremenda popularidade que tem granjeado nas últimas décadas, fazem dele um alvo apetecível para exercícios de ficcionalização por parte de muitos autores da literatura dita para os mais novos. Assim, no espaço que medeia entre a obra de Manuel António Pina e o presente, foi possível assinalar a existência de uma dezena de textos ficcionais, para crianças e jovens, inspirados no universo pessoano, nove deles publicados em Portugal e um no Brasil. As obras publicadas no nosso país foram: «O Menino Jesus não quer ser Deus» in *O país das pessoas de pernas para o ar*, por Manuel António Pina (1973); *O caso do poeta dos mil nomes*, por Lança-Coelho (1993); *Fernando Pessoa*, por José Viale Moutinho (1995); «A arte de crescer», in *Um pássaro na mão, outro a voar*, por Vergílio Alberto Vieira (2002); «A arca do menino que inventava poetas» in *O livro que falava com o vento e outros contos*, por José Jorge Letria (2006); *Saudade, um conto para sete dias*, por Claudio Hochman (2011); *Assalto à Casa Fernando Pessoa*, por Patrícia Reis (2012); *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe*, por José Viale Moutinho (2015) e *Carta ao Cavaleiro de Nada*, por João Marecos (2018). A acrescentar a estes nove textos, resta referir o que foi publicado no Brasil, *E se eu fosse outros?*, por Sidney Bretanha (2017). Como é possível constatar, sete histórias deram origem a sete livros; as restantes três foram integradas em antologias juntamente com outras histórias de ficção sobre outras figuras e outros assuntos (tabela 8).

Tabela 8 – Histórias de ficção infantojuvenis centradas no universo pessoano

ANO	OBRAS	TOTAL	PARCIAL	PPC	PPA	PNP
1973	PINA – «O Menino Jesus não quer ser Deus» ^{61*}		1	1		
1993	LANÇA-COELHO – <i>O caso do poeta dos mil nomes</i>	1			1	
1995	MOUTINHO – <i>Fernando Pessoa</i>	1			1	
2002	VIEIRA – «A arte de crescer» ^{62*}		1	1		
2006	LETRIA – «A arca do menino que inventava poetas» ^{63*}		1	1		
2011	HOCHMAN – <i>Saudade, um conto para sete dias</i>	1			1	
2012	REIS – <i>Assalto à Casa Fernando Pessoa</i>	1				1
2015	MOUTINHO – <i>Fernando Pessoa, o menino de sua mãe</i>	1			1	
2017	BRETANHA – <i>E se eu fosse outros?*</i>	1		1		
2018	MARECOS – <i>Carta ao Cavaleiro de Nada</i>	1		1		
		7	3	5	4	1

Legenda:

(*) Livros de protagonismo repartido.

(**) Livro brasileiro.

PPC – Pessoa, personagem criança.

PPA – Pessoa, personagem adulto.

PNP – Pessoa, não personagem.

2.2. As histórias – ficção e verdade

Em seguida, vamos olhar atentamente as histórias de ficção e tentar organizá-las em função do tipo de participação que Fernando Pessoa e os seus heterónimos têm nelas:

- i. Fernando Pessoa como personagem infantil;
- ii. Fernando Pessoa como personagem adulta;
- iii. Histórias sem a presença de Fernando Pessoa como personagem.

⁶¹ In *O país das pessoas de pernas para o ar* (Pina, 1973).

⁶² In *Um pássaro na mão, outro a voar* (Vieira, 2002).

⁶³ In *O livro que falava com o vento e outros contos* (Letria, 2006).

A subdivisão proposta implica a arrumação das obras de forma desigual, o que não constitui um problema, mas antes um dado revelador das estratégias de comunicação ficcional dos autores de tais obras (tabela 8).

É notório que a adoção de Fernando Pessoa como personagem é a opção preferida das histórias de ficção, registando-se uma participação do poeta nessa condição em 90% das histórias. Por outro lado, a participação do poeta enquanto personagem-criança é a opção em metade das histórias.

2.2.1. O menino poeta

Como se pode ver na tabela 8, em metade das histórias Fernando Pessoa é uma criança (Pina, 1973⁶⁴ (neste caso, Caeiro); Vieira, 2002; Letria, 2006; Bretanha, 2017 e Marecos, 2018).

«O Menino Jesus não quer ser Deus», de Manuel António Pina (1973), a primeira história de ficção do *corpus*, inspira-se na obra pessoana, foca não o poeta criador dos heterónimos, mas precisamente uma criação sua, Alberto Caeiro, e três figuras do poema oitavo de «O guardador de rebanhos»: «Num meio-dia de primavera». O texto de Pina é uma variação sobre uns versos do dito poema. José António Gomes refere que «podemos falar, com Genette (1982), da relação entre um hipotexto – os versos de Pessoa –, e um hipertexto – o conto de Pina –, mas à qual preside a lógica da inversão: o «país» de Caeiro é posto «de pernas para o ar» (Gomes, 2003, p. 334). No sonho de Caeiro, o Menino «vem ao seu encontro, faz dele seu confidente e passa a habitar a sua casa «a meio do outeiro»; este leva-o ao colo e deita-o depois de o menino adormecer, dele cuidando como se de um filho se tratasse, Caeiro, por seu turno, sonha tornar-se, na hora da morte, a criança levada ao colo pelo Menino.» (Gomes, 2003, p. 334). No

⁶⁴ Data da 1.ª edição. Usámos a edição de 2018.

conto de Pina, «o Menino e Caeiro são ambos sexuados; no texto de Pessoa, apenas o Menino parece sê-lo. No conto, parecem estar próximos em idade, o Menino Jesus espreita Caeiro ainda pré-adolescente [...], de quem tem muita inveja porque ele sabia nadar como ninguém e era dono de uma caverna ao pé do rio.» (Gomes, 2003, p. 334).

Pina constrói no conto uma teia de relações conflituais e perfeitamente mundanas entre as personagens subvertendo a bíblica serenidade da Sagrada Família. É sob este prisma que vemos os pais de Jesus, S. José e a Virgem Maria, revelarem um relacionamento algo tenso em relação à educação do filho. S. José não hesita em empurrar para a mãe certas responsabilidades: «Isso não é comigo, é com a tua mãe.» (Pina, 2018, p. 24). Por seu lado, a vigilância escolar de Maria é a de qualquer mãe de hoje: «E agora vai estudar, porque amanhã tens de...» (Pina, 2018, p. 24). E quando sente a sua autoridade não acatada ou diminuída, não se coíbe de ameaçar o Menino dizendo-lhe «que o acusava à pomba.» (Pina, 2018, p. 24). E com estas ameaças com a pomba, Nossa Senhora é alvo de risota do divino petiz e das observações enfadadas de S. José: «Não metas medo ao rapaz. Não te calas com os anjos e com as pombas.» (Pina, 2018, p. 24). E a discussão está logo armada, pois a Nossa Senhora, melindrada, não se fica e retruque, não sem umas alfinetadas no orgulho de S. José: «Não tens nada com isso. Ainda se o menino fosse teu filho, mas não. Falas só para questionar, és mau. Daqui a pouco comesças para aí a blasfemar.» (Pina, 2018, p. 24). E o coitado do S. José também não se livra da zombaria dos vizinhos, que «riam» e «faziam troça» «por o filho dele ser filho de uma pomba» (Pina, 2018, p. 24). No fundo, este casal é igual a tantos outros que vivem na nossa aldeia, à nossa beira.

Naquela aldeia, um dos vizinhos «tinha um filho muito mau chamado Alberto Caeiro, que nunca ia à escola, que se metia com as raparigas.». Ora, este miúdo travesso prendia a atenção dos meninos bem-comportados e o próprio Menino Jesus «tinha muita inveja dele porque ele sabia nadar como ninguém e era dono de uma caverna ao pé do rio.» (Pina, 2018, p. 26). Por isso, «o que o Menino Jesus mais queria era ser um rapaz como ele.» (Pina, 2018, p. 26). Como normalmente acontece, os pais, todos os pais, tendem a impor a sua vontade e a rejeitar qualquer reação que a ponha em causa.

Aqui a situação reproduz-se mais ou menos nesses moldes. «Mas a mãe queria que ele fosse Deus...» (Pina, 2018, p. 26). Mas ele «não queria ser mais Deus» (*idem*). «Então começou a convencer o outro rapaz a trocar com ele.» (*idem*). O rapaz, a princípio, não queria e o Menino Jesus, que poderia «fazer-lhe cair um braço» ou «chamar as legiões dos anjos todas», preferiu chantageá-lo como qualquer rapazinho da sua idade: «Ou trocas comigo ou transformo-te num porco.» (*idem*). O rapaz, assustado, tentou fugir para casa, oferecer-lhe a caverna, tudo, mas nada resultou, porque o Menino não quis. E chegaram a fazer a troca, na floresta, mas a troca não resultou e ficou tudo na mesma, para grande decepção do Menino Jesus que, para sua infelicidade, teve de continuar a arcar com aquele peso de ser Deus.

O Menino Jesus que no poema de Caeiro era visto na ótica de um Caeiro adulto, é agora visto na ótica do Menino Jesus, e o próprio Caeiro é rejuvenescido para que tivesse a mesma idade. E o conto constrói-se moldando a seu bel-prazer os dados disponíveis no hipotexto, avançando inclusive com uma justificação para a falta de escolarização do guardador de rebanhos: «ele nunca ia à escola».

As ruas da aldeia e a natureza, onde o rio exerce uma atração fatal, são o cenário das relações entre os miúdos do conto, pautadas pelas brincadeiras, mas também pela violência verbal e física, por dizer impropérios. Estes elementos sugerem, em certa medida, alguns pontos de contacto com outras histórias, nomeadamente as aventuras de Tom Sawyer e de Huckleberry Finn, os dois rapazes das histórias de Mark Twain, um paralelismo que, aliás, se pode estender à biografia de Manuel António Pina e de Samuel Langhorne Clemens, por dar-se o caso de serem ambos da área do jornalismo e de ambos escreverem sobre e para crianças e jovens.

Não conhecemos a ilustração da primeira edição do conto «O Menino Jesus não quer ser Deus» (1973)⁶⁵. A ilustração da edição que usámos, a mais recente (2018), da

⁶⁵ A ilustração da primeira edição deste conto (Pina, 1973) esteve a cargo de João B., «ou seja, o cineasta, ilustrador e designer gráfico João Botelho, realizador de um dos mais interessantes filmes portugueses sobre Pessoa e Sá Carneiro, *Conversa acabada*» (Gomes, 2003, p. 328). João Botelho surge também como ilustrador na edição de 1978 (Regra do Jogo) e de 2007 (Pé de Página Editores).

autoria de Marta Madureira⁶⁶, mostra na página inicial do texto um Jesus sentado sobre a palavra Deus em tronco nu, descalço, vestindo apenas uns calções seguros por uma alça suspensória e ostentando uma auréola na cabeça, presa por um fio. Uma segunda imagem revela-o sobre uma banca, acima das nuvens, e com uma varinha de condão na mão a fazer magia cá para baixo. Na terceira ilustração, vê-se o braço do Menino Jesus, mais uma vez com a varinha mágica na mão ameaçando transformar num porco um «assustadíssimo» Alberto, que foge para casa a sete pés, ainda metade Alberto, já metade porco, por entre o rebanho, prefigurando a consumação da ameaça. Na última ilustração, o Menino Jesus caminha curvado com o halo na mão, totalmente despido e derrotado. Goradas todas as expetativas, o caso não é para menos.

A história de Pina não está nada alinhada com as expectativas de se poder encontrar nela elementos biográficos do poeta ou simples variações do poema. Eles estão presentes, evidentemente, mas tudo posto ao contrário e de forma tão criativa, o que levanta questões que leitores de tenra idade terão dificuldade em resolver sozinhos. Relativamente às personagens extraídas do poema de Caeiro, as observações a fazer são idênticas, pela inversão dos comportamentos esperados daquelas personagens.

«A arte de crescer», pequeno conto de Vergílio Alberto Vieira, recua à infância de Fernando António Nogueira Pessoa (Vieira, 2002, p. 68) e começa assim: «Um dia, ele era ainda muito criança, enquanto brincava no Jardim da Estrela, sob o olhar vigilante da mãe, foi esconder-se atrás de uma árvore, a chorar.» (*idem*, p. 67). A razão daquele pranto, revela-a à mãe mais tarde, em casa: «não queria ser pessoa crescida, porque as pessoas quando crescem se sentem sós.» (*idem*, p. 68). Mas o menino foi crescendo, foi à escola, fez-se homem, foi empregado de escritório em Lisboa, viveu em quartos alugados, sozinho na cidade, desconhecido de todos, triste, magro, de chapéu, bigode e óculos de aro fino (*idem*, p. 69). Certo dia, aparece no jornal a sua fotografia «tirada no Terreiro do Paço, junto ao Tejo» (*idem*); a acompanhá-la uma legenda lacónica e triste: «morreu em Lisboa, a 30 de Novembro de 1935» (*idem*, p. 70). Era o menino do começo

⁶⁶ Marta Madureira foi quem assinou a ilustração na edição da Porto Editora de 2011, sendo a de 2018 uma reedição.

da história que não queria crescer por ter medo de ficar só e ninguém o sabia, e agora estava morto.

A história é muito breve, mas, ainda assim, salienta uma mão cheia de pormenores importantes da vida do poeta, referindo, sem se deter, o lampejo dos sete anos no Jardim da Estrela (*idem*, p. 67), a casa materna⁶⁷, os quartos alugados, as ruas do Chiado, o Terreiro do Paço, junto ao Tejo, a solidão e a tristeza em todos os lugares. Ele é que sabia. Sobre a obra desta vida, apenas um vislumbre velado pela dúvida: «Parece um poeta, mas decerto, não é!» (*idem*, p. 69). «A arte de crescer» é uma história só, contida nas palavras e órfã das ilustrações de Danuta Wojciechowska, que a capa parece prometer.

«A arca do menino que inventava poetas», narrativa que José Jorge Letria publica em 2006, conta a história de um menino que inventava poetas como ele, mas cada um com uma personalidade própria e uma escrita distinta dos demais. O inventor chamava-se Fernando e os inventados Álvaro, Ricardo, Alberto, Bernardo, António e Alexander (Letria, 2006, p. 27). No quarto, onde era crescente a azáfama criativa, o menino tinha uma arca onde aquele «mágico grupo» morava (*idem*, p. 29) e onde guardava toda a sua riqueza criativa.

O conto explora muitos outros aspetos da vida do menino, nomeadamente a dolorosa morte do pai (*idem*, p. 27) ou a viagem para a África do Sul (*idem*, p. 28). A narrativa completa a sua missão biográfica comunicando que, anos mais tarde, Fernando se cansou da vida e «fechou os olhos de vez, partindo, com os seus oculinhos de aros redondos, com o seu chapéu de aba mole e com o seu bigodinho cuidadosamente aparado, para um país onde não se escreve poesia, mas onde moram muitos poetas» (*idem*, p. 31).

A ilustração que Alain Corbel prepara para este conto mostra um Fernando adulto, abraçado a Ofélia, estando ambos sentados sobre a famosa arca, tão grande que só pode

⁶⁷ Nesta presumível data (1895) – «teria uns sete anos de idade, não sei bem» (Vieira, 2006, p.67) –, vivia com a mãe na rua de S. Marçal, n.º 104, 3.º andar. Cf. Marina Tavares Dias, p. 89. Distância a pé, entre os dois locais seria de c. 700 metros, percurso de 10 minutos de duração. Medição feita com recurso ao *Google Maps*, considerando a atual configuração topográfica daquela zona da cidade.

ser metáfora da fecunda criação poética do próprio e dos heterónimos. Tão grande que para se subir nela foi preciso encostar dois volumosos cartapácios a arremedar degraus. Fernando tem na cabeça o seu inseparável chapéu, na cara os imprescindíveis óculos redondos e o distinto bigode. Em camisa, como nunca se viu nas fotografias que toda a gente conhece, mas com a sua gravata, cruza a perna esquerda sobre a direita, quiçá a imitar a pose descontraída da figura de bronze que de si fez Lagoa Henriques à porta de um café, no Chiado, quiçá uma alusão subtil ao alçar da perna do íbis, ave do Egito. Ao lado do casal, um cabide posta-se como árvore sobranceira de cujos galhos pendem chapéus, em número de quatro, formosos e seguros, exceto um quinto que, qual folha, cai, numa alusão velada às cabeças dos heterónimos. Uma imagem que é todo um universo – o universo pessoano. Por certo que o ilustrador se inspirou nesta referência que há no texto: «Fernando tornara-se, deste modo, uma espécie de árvore mágica que, em vez de dar frutos sumarentos, dava poetas. Em cada ramo morava um, e cada um era diferente de todos os outros.» (*idem*, p. 28). No desenho que ilustra a folha de rosto do conto estão representadas nove cabeças de jovens sorridentes (*idem*, p. 25), suspeita-se que sejam todos poetas da mesma família heterónima.

Além desta, mais quatro histórias da ficção infantil apresentam ilustrações alusivas aos heterónimos: *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe* (Moutinho, 2015), *E se eu fosse outros?* (Bretanha, 2017), a *Carta ao Cavaleiro de Nada* (Marecos, 2018) e «O Menino Jesus não quer ser Deus» (Pina, 2018)⁶⁸. Ofélia é a primeira e única vez que surge numa ilustração nas obras de ficção infantojuvenil, o que sugere uma desvalorização da sua importância no plano da ilustração neste género de histórias⁶⁹.

E se eu fosse outros? é o único texto brasileiro de ficção integrado no *corpus* (Bretanha, 2017). Recua aos tempos de escola do pequeno Fernando e começa, certo dia, quando o Fernandinho regressa da escola com um trabalho para fazer sobre o amor⁷⁰.

⁶⁸ Na edição consultada, regista-se a presença de Alberto Caeiro, meio humano, meio porco (Pina, 2018, p. 27). Na edição original, não tivemos oportunidade de o apurar.

⁶⁹ Não sabemos se há alguma ilustração de Ofélia no livro de Bretanha (2017), que analisámos de forma indireta, logo limitada, com recurso ao Youtube.

⁷⁰ Do prefácio de José Nicolau Gregorin Filho, professor de literatura infantil/juvenil da Universidade de São Paulo. Não tivemos acesso ao livro, porém tivemos a oportunidade de ouvir nove atores diferentes a ler os

Um pouco apreensivo, faz imensas perguntas à mãe sobre o assunto e tenta compreender o que ela lhe diz a respeito. Quando finalmente decide lançar mãos à obra, tem a ideia de apresentar o trabalho sob a forma de poema. Mas, um poema dedicado a alguém? Sim, claro, a uma coleguinha de turma de seu nome Ofélia, de quem secretamente gosta. Claro que, envergonhado como é, só irá revelar a autoria dos versos se reparar que a menina se mostrou agradada com o que ouviu. E o poema é, nem mais nem menos que, «Todas as cartas de amor são ridículas», que ganha assim, ficcionalmente, honras de «primeiro poema» do menino poeta (*idem*, cap. 4). Quando termina o trabalho, corre para a mãe a mostrar a obra nascida. A mãe gosta tanto que abraça o seu menino com olhos marejados de lágrimas de alegria. Manda-o passar o texto a limpo e promete-lhe uma sobremesa especial. Fernando sente-se inspirado e decide criar «outros Fernandos», mas com outros nomes, claro. Nesse dia, vai ter um almoço gostoso, bem à portuguesa, em que pontifica o fiel bacalhau com batata, azeitonas, ovos, cebola e um «arroz bem soltinho». Para sobremesa? Quindim, o doce que lhe faz nascer água na boca⁷¹. Quanto aos novos «Fernandos», inventa dois, meninos como ele: o Alberto, que vive na «roça», e o Álvaro que, ao contrário de Alberto, gosta mais da cidade, «gosta de viajar e ver como é o amor em todos os lugares».

O Fernando e a mãe, D. Maria Madalena, ambos sem apelido, são as personagens mais em foco nesta história. Porém, outras figuras são evocadas para compor a narrativa: o padrasto e as irmãs, Ofélia, ficcionalmente a colega de turma de Fernando, antecipando em muitos anos o primeiro encontro real de ambos⁷², Mário, aqui seu vizinho e companheiro de brincadeiras, e o «Senhor Camões», o professor.

nove capítulos da história, no Youtube. Capítulo 1: «Chegando a casa», por Val Saab; capítulo 2: «Todo filho é amado», por Juliana Lucci; capítulo 3: «A ideia», por Helga Nemetik; capítulo 4: «O primeiro poema», por Jonathan Faria; capítulo 5: «Os outros», por Helena Ritto; capítulo 6: «Bacalhau e Quindim», por Bete Dorgam; capítulo 7: «O amor é uma companhia», por Denis Victorazo; capítulo 8: «E se eu fosse outros?», por Rodrigo de Paula; capítulo 9: «Família é amor», por Guilherme Uzeda.

⁷¹ Quindim é um doce feito com gema de ovo, açúcar e coco ralado. A receita do nordeste brasileiro corresponde à receita portuguesa conhecida como «brisa-do-Lis», «o segredo mais doce de Leiria». A única diferença está na utilização de coco (Brasil) em vez de amêndoa (Portugal). Consultado em 29/12/2020: <https://www.brisasdoliz.pt/receita>.

⁷² Fernando conhece Ofélia apenas em novembro de 1919, na firma Félix, Valladas & Freitas, Lda. Cronologia CFP.

O livro sublinha o apreço de Fernando por bacalhau e quindim, aspetos que, no Brasil, reforçam a identidade lusa do menino poeta.

Esta história vinca a forte ligação entre o pequeno Fernando, em idade escolar, e sua mãe, ligação que se estendeu pela vida fora, assinalada de várias formas, inclusive através da criação poética, de que serve de exemplo «*Un soir à Lima*», um extenso poema escrito em setembro de 1935, dois meses antes da sua morte.

A ação decorre em casa, em ambiente familiar, mas só Fernando e a mãe entram em cena. Não há lugares exteriores, a não ser o local onde brinca com o amigo Mário, numa antecipação à grande amizade com Mário de Sá-Carneiro que se concretizará anos mais tarde, em 1912. Mas, no essencial, o espaço doméstico, entre a sala e a cozinha, onde a figura tutelar da Senhora Maria Madalena educa, aconselha e elogia os progressos do menino de sua mãe.

Ao longo da história, são feitas algumas referências a poemas, direta ou indiretamente ligados à temática do amor: «O amor é uma companhia», «Todas as cartas de amor são ridículas», «Sentir tudo de todas as maneiras», «Amar é pensar».

As ilustrações de Forti revelam personagens de sorriso rasgado e felizes. Fernando e os amigos poetas podiam perfeitamente caminhar entre a criançada atual sem levantar a mínima suspeita acerca da sua superior inspiração poética ou identidade, tal a normalidade que o traço lhes confere. Bem, talvez o Alberto, que usa um cajado de guardador de rebanhos e bolsa a tiracolo, fosse barrado à entrada da escola e aconselhado a deixar esses artefactos em casa, mas, esclarecido o caso, ele e o Álvaro, que tem um logótipo de leme de navio estampado no casaco de capuz, podiam seguir tranquilos.

Carta ao Cavaleiro de Nada (Marecos, 2018) é uma história escrita «para apresentar aos mais novos o maravilhoso mundo de Fernando Pessoa» (Marecos, 2018, contracapa). Numa extensa carta ao seu misterioso amigo *Cavaleiro de Nada*⁷³, o pequeno Fernando Pessoa relata a aventura que viveu a bordo de um barco chamado Castelo⁷⁴, a caminho da África do Sul. Aí, perseguiu um gato matreiro que lhe roubou a mochila de pano que fora de seu pai e que continha as cartas do Cavaleiro do Nada (*idem*, p. 13) e conheceu três novos amigos, o Alberto, o Álvaro e o Ricardo. A narrativa foca-se num momento em que decorre a viagem de Fernando Pessoa, sua mãe e seu tio Manuel em direção a África do Sul.

Esta história tem muitas personagens, umas saídas da vida real, outras saídas de situações fictícias. Da vida real vieram o menino Fernando, sua mãe e seu tio Manuel⁷⁵; dos refegos do imaginário, o Álvaro, o Alberto, o Ricardo, o Cavaleiro de Nada e o gato. O gato larápio «que brinca na rua»⁷⁶ pulou de um poema do ortónimo (*idem*, pp. 13, 14) e, quiçá pediu emprestadas algumas características ao gato de Cheshire que ri como o nosso (*idem*, pp. 13, 14) na história de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

As maiores alusões à obra poética de Pessoa residem nas referências a poemas para adultos⁷⁷, apesar de ser esta obra para crianças, mas sobretudo na implicação dos heterónimos infantis na demanda do gato desalmado no Castelo flutuante. O primeiro a entrar em cena é o Alberto. Tinha «cabelo cor de palha e uns olhos azuis tão grandes como os olhos do gato: uns olhos gulosos, de quem vê muito e com muita força. Na mão direita, segurava um pequeno cajado, como se fosse um pastor.» (*idem*, p. 14). E dizia

⁷³ Cavaleiro de Nada é a tradução livre de *Chevalier de Pas*, um amigo imaginário que Fernando criou na sua infância. A respeito, diz Fernando Pessoa: «Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente — um certo *Chevalier de Pas* dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade». In Carta [de Fernando Pessoa] a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935.

⁷⁴ Trata-se do paquete inglês *S.S. Hawarden Castle*, que transporta Fernando Pessoa, a sua mãe e o seu tio do Funchal até à África do Sul, (Hipólito, 2016, p. 44). Do Continente para a Madeira, os três viajaram no paquete português Funchal (Hipólito, 2016, p. 43).

⁷⁵ Manuel Gualdino Cunha, a quem Fernando Pessoa tratava por tio Taco.

⁷⁶ Fernando Pessoa: «Gato que brincas na rua».

⁷⁷ «Gato que brincas na rua», «Ode Triunfal», «*Lisbon Revisited*», o Poema XXIV de Caetano.

coisas que pareciam tiradas de poemas como «O essencial é saber ver» (*idem*, p. 16). Depois chega o Álvaro: «virámos a cabeça e demos com um rapazito alto, delgado. Trazia na cara uma maltratada armação de óculos, onde apenas lhe sobrava a lente direita» (*idem*, p. 19). Estavam agora na casa das máquinas, onde «tudo era barulho metálico, fumo, calor, «um r-r-r-r-r eterno e febril» (*idem*, p. 20), numa alusão direta à onomatopeia dos «maquinismos em fúria» da «Ode triunfal»⁷⁸. Finalmente, chega o Ricardo, um menino «moreno, baixo, mas forte» (*idem*, p. 31) com um enigma para eles resolverem (*idem*, pp. 25 e 26).

As ilustrações de Rachel Caiano realçam alguns momentos da história narrada por palavras, apresentando as crianças e só as crianças, nas mais diversas situações em que se veem envolvidas durante as suas deambulações pelo navio. O Fernando, previsivelmente, aparece representado com fato de marujo, certamente sugerido pela viagem marítima e pelo suporte inspiracional oferecido por uma foto muito conhecida da sua infância⁷⁹.

Chegados ao fim deste primeiro ciclo de histórias é revelador notar que Pessoa e os heterónimos recuam todos à idade de sete anos para poderem viver as suas aventuras que, de facto, só ocorreram, na sua maioria, na vida adulta. Sete anos é a idade que tinha o menino Fernando quando escreveu o seu primeiro poema, que dedicou à mãe. Tenra a idade, forte a bênção que todos os autores aproveitam. Notável é também o facto de nenhuma poesia de Fernando Pessoa para crianças ter sido evocada nestas histórias, apenas a poesia consagrada no repertório canónico, o que não deixa de ser surpreendente.

⁷⁸ Álvaro de Campos, «Ode triunfal».

⁷⁹ Referimo-nos à foto de «Fernando Pessoa com 6 anos (1894)», tirada na casa Muñiz Martinez (Lisboa). Cf. Hipólito, 2016, p. 40. Manuela Nogueira, 2005, p. 28, refere que Fernando tem 7 anos nesta foto. Igual idade (7 anos) lhe dá Richard Zenith, 2010, p. 16. Se Nogueira e Zenith estiverem certos, a foto será de 1895 e não de 1894 conforme Hipólito.

2.2.2. O poeta entre os mais novos

Fernando Pessoa, a história escrita por José Viale Moutinho em 1995, acontece na esplanada do café *A Brasileira*, no coração de Lisboa. O Francisco, um rapazito de sete anos⁸⁰, ali chegado com o pai, acerca-se da estátua do poeta e saúda-a com umas «boas tardes». Para espanto do miúdo, a estátua de bronze começa a falar para ele, entabulando-se ali uma improvável e animada conversa, durante a qual o poeta faz um sumarento relato da sua vida e da sua obra, satisfazendo a curiosidade deste menino vindo do Porto, que não para de fazer perguntas, aproveitando aquele momento mágico.

A construção de uma personagem com a idade do Francisco está relacionada com a intenção de estabelecer um paralelismo com o poeta que, aos sete anos, escreveu o seu primeiro poema, coincidência feliz que, por seu turno, permite humanizar um escritor, tido por tão exigente, e dialogar melhor com o potencial público leitor, situado na faixa etária das crianças que frequentam o primeiro ciclo, como o Francisco.

O autor começa esta história como se de um conto tradicional se tratasse, recorrendo à clássica fórmula de abertura: «Era uma vez». Assim, «Era uma vez uma cidade cor-de-rosa chamada Lisboa» e, logo a seguir, retomando o tempo e o modo, «Era uma vez a esplanada do Café A Brasileira, no Chiado» (Moutinho, 2001, p. 2). Estas expressões descerram o pano do palco em que se vão desenrolar acontecimentos banais, mas também momentos de fábula e maravilha como aquele em que a estátua figurativa despe o verdete do bronze exposto ao tempo e veste-se de gala, regressando magicamente ao mundo dos vivos para contar àquele miúdo de calções tudo aquilo que ele sonhar perguntar-lhe naquela tarde de verão.

⁸⁰ A história refere 8 anos (Moutinho, 1995, pp. 14 e 21), o que não condiz com o documento manuscrito facsimilado apresentado nesta mesma obra (Moutinho, 1995, p. 14).

A narrativa de Moutinho é construída com a intenção de dar a conhecer Fernando Pessoa a todos os Franciscos e Franciscas e, tratando-se de um livro para crianças, integrado numa coleção para crianças⁸¹, a infância do poeta é abordada com destaque, enfatizando-se o seu nascimento no dia de Santo António e as implicações que isso teve no nome de batismo que lhe deram (*idem*, p. 8), a profissão do pai, crítico de música no *Diário de Notícias* (*idem*, p. 7), os retratos dos primeiros anos – vestido de marujo (*idem*, p. 8), a andar de triciclo (*idem*, p. 20) - ⁸², a vida feliz que se lembra de ter tido (*idem*, p. 9). Depois, sobreveio a morte do pai (*idem*, p. 11) e do irmão, mais novo do que ele (*idem*, p. 11), e o Fernando e a família conhecem momentos complicados, uma «história tão triste», que o relato comoveu o Francisco, que não pôde evitar uma lágrima (*idem*, p. 12). Mas a vida também traz surpresas e Fernando tem uma quando, pouco tempo depois, recebe o triciclo que hoje vemos nas fotos e que, naquela fase da meninice, o deixa feliz, muito feliz (*idem*, p. 15). Mas novas mudanças se avizinham, a senhora Maria Madalena, sua mãe, enamora-se do comandante João Miguel Rosa e o casal acaba por unir-se matrimonialmente, por procuração (*idem*, p. 14), em virtude de, na data do enlace, o noivo se encontrar ausente na África do Sul (*idem*, p. 16). Ora, é justamente este o próximo destino do Fernando, que parte com a mãe e com o tio Cunha, rumo a Durban, com escala na Madeira. Em Durban, frequenta a escola inglesa (*idem*, p. 17). Gaba-se de ter sido «o melhor aluno da escola» (*idem*, p. 18), embora, «em Matemática, a coisa tivesse chegado a andar tremida uma ou outra vez» (*idem*, p. 18). Regressou em definitivo a Portugal mais tarde.

Por vezes a conversa entre o pequeno e Pessoa é interrompida por turistas que se abeiram para tirar fotos (*idem*, p. 21) junto da estátua do poeta, pois, para os turistas, o novo amigo de Francisco continua a ser uma estátua.

Toda esta história acontece naquele ambiente descontraído de esplanada daquele café carregado de história, onde o Fernando passou alguns dos bons momentos da sua

⁸¹ Coleção «Crianças famosas» da Campo das Letras. Outros títulos publicados à data deste: «livro sobre a infância de Fernando Pessoa: Mozart, Picasso, Beethoven e Leonardo Da Vinci» (Moutinho, 1995, contracapa).

⁸² «Fernando Pessoa com 6 anos, em 1894», foto Camacho in Hipólito, 2016, p. 39.

vida, tomando a sua bica, fumando o seu cigarro e contactando com outras figuras da cultura portuguesa de então.

Claro que a poesia de Pessoa é também assunto chamado a esta história, especialmente a quadra «À minha querida mamã», que escreveu para a progenitora, em julho de 1895, tinha ele a idade do seu interlocutor (*idem*, p. 15)⁸³. O tema dos heterónimos é dos primeiros a vir à baila no início da conversa com Pessoa a referir os principais, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, bem como o semi-heterónimo Bernardo Soares (*idem*, p. 4). *Chevalier de Pas* (*idem*, p. 13 e 14), o amigo imaginário que Fernando inventou na infância, também não é esquecido: «Ele magicava aventuras e contava-mas – e eu fazia o mesmo» (*idem*, p. 13).

A ilustração é um elemento fundamental nesta história. Atendendo à idade precoce dos potenciais leitores, a inclusão de ilustrações da infância e da adolescência do poeta e da sua família é mais um recurso a possibilitar uma aproximação aos protagonistas da história, o pequeno Francisco e o Fernando, que também foi menino. Por outro lado, a personificação da estátua é um elemento mágico importante que permite ao leitor, num relance, associar o poeta à sua representação. A replicação da imagem da estátua dez vezes ao longo da narrativa talvez possa causar algum cansaço. Porém, tal repetição tem a vantagem de conferir à história uma dimensão de quase banda desenhada, que empodera as capacidades comunicativas do texto.

A ilustração apresenta-se também como dispensador imediato da figura do poeta, representado com todos os itens do ícone: magreza, bigode, fato escuro, chapéu, laço e óculos.

A história de *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe*, que José Viale Moutinho publicou em 2015, é a mesma história que publica em 1995, porém com diferenças que importa assinalar: foram retificadas a data da quadra «À minha querida mamã» e a idade que tinha o pequeno Fernando nessa altura; o Francisco repete este poema para seu pai ouvir; é feita referência a «Canções para acordar crianças» (*idem*, p. 24), sendo duas

⁸³ E diz-se no texto que aqueles versos foram escritos em setembro, aos 8 anos (Moutinho, 1995, p. 14). Na verdade, tinha sete e foi no mês de julho, como o próprio fac-simile documenta.

dessas canções – «Levava eu um jarrinho» (*idem*, pp. 24 e 25) e «Pia pia pia» (*idem*, p. 26) – integradas na narrativa. A inclusão destes dois poemas da trilogia «Canções para acordar crianças» (*idem*, p. 24) reforça a aproximação ao mesmo público leitor que tinha estado no horizonte da primeira edição, onde estes poemas não marcaram presença. O mesmo raciocínio se aplica ao procedimento de substituir o fac-símile da quadra «À minha querida mamã» (*idem*, p. 21), pela repetição de viva voz do menino Francisco, elevando assim para duas as vezes que o poema é verbalizado por personagens da história.

É necessário recordar também que uma das transformações mais profundas levadas a cabo nesta edição da obra se prende com a inclusão de uma antologia de treze poemas, arrumada na parte final, após o término da história. Esse repositório não contém poemas genuinamente escritos para crianças, mas, pelos temas que tratam e pelo cariz narrativo que apresentam, podem ser acomodados no universo da infância. Os poemas são: «Os ratos» (*idem*, pp. 36 e 37); «A fada das crianças» (*idem*, p. 38); «Gato que brinca na rua» (*idem*, p. 39); «O poeta é»⁸⁴ (*idem*, p. 40); «A lua» (*idem*, p. 41); «O beco do fala-só» (*idem*, p. 42); «O meu menino» (*idem*, p. 43); «Que lindo dia» (*idem*, p. 44); «Ó sino da minha aldeia» (*idem*, p. 45); «Na padaria lá de baixo» (*idem*, pp. 46-47); «Ao longe, ao luar» (*idem*, p. 48); «Sou um guardador de rebanhos» (*idem*, p. 49) e «O mostrengo» (*idem*, pp. 50-51).

Esta reedição, revista e aumentada como se tem visto, conta com um ilustrador novo também, Fedra Santos, que reduz drasticamente o número de ilustrações com o par estátua e Francisco e aproveita a dupla página para estender mais as ilustrações, procurando harmonizá-las com a mancha de texto. A presença de sombras e silhuetas do *Chevalier de Pas* e dos heterónimos é também algo novo e diferente relativamente à edição anterior. Um procedimento que se mantém é o recurso a fotos reconhecíveis do poeta para a elaboração de algumas ilustrações. Por se tratar de um livro de potencial receção infantil, a presença de uma ilustração destacando em primeiro plano Pessoa a fumar (*idem*, pp. 42 e 25) parece-nos uma opção discutível.

⁸⁴ O título deste poema, na verdade, é «Autopsicografia» (Fernando Pessoa).

O caso do poeta dos mil nomes (Lança-Coelho, 1993) é, como atrás afirmámos, a primeira narrativa de ficção infantojuvenil em que Pessoa se apresenta aos mais novos como personagem. Trata-se de uma aventura protagonizada por uma equipa juvenil de investigação, a «SOS – Agência de Detetives», que vai tentar desvendar um «mistério digno de Sherlock Holmes» (Lança-Coelho, 1993, contracapa) na biblioteca do palacete de uma família de Moncorvo, onde, por acaso, se descobriu uma passagem secreta para um «túnel sem fim» (*idem*, p. 19). Lili, filha dos proprietários e autora da descoberta, achou que este era um caso feito à medida dos «detetives» da SOS, agência formada pelo seu primo Óscar e pelas amigas Sílvia e Sara, e desafia-os a entrar em ação (*idem*, p. 8). A equipa responde à chamada e os quatro vão entrar no túnel que os irá fazer viajar no espaço e no tempo, indo desembocar na cidade de Lisboa no ano de 1935 (*idem*, p. 24), onde vão encontrar um homem que os intriga e os vai obrigar a empenhar-se a fundo na tarefa de descobrir a sua identidade, pois se é verdade que o seu semblante lhes parece familiar, também é verdade que nenhum dos jovens se mostra capaz de o reconhecer. Começa então uma verdadeira azáfama para se descobrir a identidade de tão misteriosa personagem, que simpatiza com eles e a quem revela toda a sua vida, procurando dar pistas, mas sempre com a reserva confessada de não revelar expressamente a sua identidade.

O tempo e o espaço constituem referências fundamentais nesta história e não foram escolhidos ao acaso: 1935 é o ano da morte de Fernando Pessoa; Lisboa é o seu lar. É, pois, o sítio certo e o momento perfeito para o poeta fazer um resumo completo da sua vida e da sua obra, na medida em que avança inexoravelmente para o fim e se sabe que o amanhã nada de novo trará, à obra completa e à vida quase finda. A visita ocorre em abril (*idem*, p. 17) e o passamento em novembro.

Durante a sua permanência na Lisboa do poeta, Sara, uma das raparigas da equipa de detetives, cruza-se com Clementina, sua bisavó (*idem*, p. 45), o que, para além do caricato da situação, dá à brigada de investigação do século XXI, e aos leitores, em geral, uma outra perspetiva da escala temporal em que se movem os protagonistas desta in-

sólita aventura. Estes membros da turma SOS encontram-se a frequentar o sexto, o sétimo, o oitavo e o nono anos de escolaridade (*idem*, pp. 9-11); os potenciais leitores das suas peripécias deverão encontrar-se em situação escolar análoga.

Uma das personagens desta história, Lili, tem o mesmo nome da boneca a quem Fernando Pessoa dedicou três poemas, que escreveu para os sobrinhos, quando estes eram crianças, justamente os «Poemas para Lili»⁸⁵. Neste conjunto de poemas, há um em particular, «Levava eu um jarrinho», que fala de uma menina que «levava uma fita para ir bonita». A menina do poema não tem nome, mas Lança-Coelho dá-lhe um, Lili. Ora, a nossa Lili, com nome de boneca de família, título de trilogia poética e figura de poema infantil, usa também uma fita, que, por azar, se rasga durante a estadia do grupo na capital (*idem*, p. 67). E o autor, amalgamando todas estas referências, põe o poeta a fazer a promessa de escrever um poema para a Lili de Moncorvo para a compensar da «desdita» de ter rasgado a fita (*idem*, p. 67).

Outra figura evocada por sugestão de um poema é a «pequena» que come chocolates, da «Tabacaria». O «senhor Íbis» (*idem*, p. 25), nome pelo qual Fernando Pessoa é tratado pelos miúdos na fase inicial da história e que ele imita apoiando-se apenas numa perna (*idem*, p. 31), foi buscar o seu nome a um poema para crianças, intitulado «O Íbis» (*idem*, p. 31)⁸⁶.

O caso do poeta dos mil nomes tem uma outra finalidade para além do relato das peripécias dos quatro amigos detetives, é encaixar aspetos da vida e da obra de Fernando Pessoa. E a estratégia que Lança-Coelho adotou foi precisamente transformar o poeta em personagem e colocá-lo, ele mesmo, a relatar os momentos mais significativos. Nesta tarefa, a personagem de Fernando Pessoa coloca-se à disposição dos simpáticos inquiridores que, pela via dialógica, põem Fernando Pessoa a discorrer sobre os aspetos mais relevantes da sua vida, mas sem nunca revelar a sua identidade. E o que o poeta vai dizendo serve para dar todas as pistas para que os miúdos descubram, por si, quem é afinal o poeta dos mil nomes. Isso empolga toda a equipa, cujos membros suspeitam

⁸⁵ Poemas para Lili: «Levava eu um jarrinho», «Pia, Pia, Pia», «No comboio descendente».

⁸⁶ Íbis era o nome de uma tipografia que fundou – «Empreza Íbis, Typographica e Editora, Oficinas a vapor».

ter já deparado com aquela distinta figura, mas ninguém se lembra onde tal aconteceu e muito menos quem possa ela ser efetivamente. Ora, esta demora dos jovens em chegar à solução concede ao poeta todo o tempo de que necessita para continuar a discorrer sobre a sua vida e a apontar aspetos fundamentais da sua obra, como a criação dos heterónimos. Os miúdos bem que insistem: «Ainda não nos disse o seu nome» (*idem*, p. 32) e o senhor Íbis responde: «isso descobrirão vocês» (*idem*, p. 32). Fernando Pessoa tem neste particular a atitude de um verdadeiro pedagogo, que não se limita a franquear o acesso ao conhecimento, instiga os seus interlocutores a questionar sempre mais e a procurar respostas por si mesmos, porque é essa a via do conhecimento, a verdadeira via.

Fernando esmiúça o seu passado e fala de tudo um pouco. Fala do seu nascimento, no dia de Santo António, no Largo do Teatro de S. Carlos (*idem*, p.34), da morte prematura do pai e do irmão, com tuberculose (*idem*, pp. 34 e 36), da avó Dionísia (*idem*, p. 36), do padrasto João (*idem*, p. 38), da viagem para Durban (*idem*, p. 39), de Durban (*idem*, p. 42), dos estudos em inglês (*idem*, p. 42), dos prémios escolares que recebeu (*idem*, pp. 42, 48) – especialmente do prémio rainha Vitória⁸⁷, que ganhou entre 899 candidatos, pelo melhor ensaio sobre Shakespeare (*idem*, p. 48) –, das escolas que frequentou (*idem*, pp. 47, 48, 58), do curso superior de letras que não concluiu (*idem*, p. 58), da herança que a avó lhe deixou e que lhe permitiu comprar máquinas de impressão e estabelecer-se com a tipografia Íbis, do emprego de correspondente em vários escritórios da baixa, do hábito de escrever noite dentro (*idem*, p. 59), dos quartos alugados (*idem*, p. 30) em que foi morando até se fixar em definitivo em Campo de Ourique, no 1.º direito, do n.º 16, na rua Coelho da Rocha (*idem*, p. 29), da paixão pela escrita (*idem*, p. 50), do vício de fumar em toda a parte (*idem*, p. 30), até no elétrico (*idem*, p. 62), da sua amada Ofélia (*idem*, p. 66) e de tantas outras coisas.

⁸⁷ Prémio Rainha Vitória – *Queen Victoria Memorial Prize* – «The prize is given for the best English essay written at the Matriculation Examination» (Zenith, 2010, p. 49).

Não foi só pelo diálogo que a turma SOS ficou a conhecer aquele simpático senhor Íbis, também puderam assistir à expressão de certos hábitos, alguns com contornos anedóticos e insólitos, como o de fingir chocar contra um candeeiro de rua, «simulando que se aleijara», para divertir os jovens, coisa que, na realidade, ele fazia para divertir os sobrinhos (*idem*, p. 25).

Os lugares, reais ou imaginários, são sempre coordenadas importantes nas histórias. Nesta, são citados vários lugares importantes na vida e obra do poeta. Uns são fictícios e derivam de poemas, como a tabacaria, do poema homónimo. Outros são lugares reais, por onde o poeta passou e cuja referência é uma forma de dar corpo à sua biografia. Assim é, por exemplo, em relação aos lugares que habitou ou que frequentou para fins de convívio social, como os cafés, Martinho da Arcada, no Terreiro do Paço, ou A Brasileira, no Chiado.

A narrativa de Lança-Coelho abre imensas possibilidades para alusões, diretas e indiretas, à obra do poeta. «Tabacaria», por exemplo, tem uma presença muito assídua, através da inclusão de pequenos excertos e da referência a figuras do poema (a pequena que come chocolates (*idem*, p. 23), o Esteves (*idem*, p. 23). O próprio Fernando Pessoa oferece chocolates à equipa (*idem*, p. 33)). Mas muitos outros poemas encontram eco no texto: «Liberdade» (*idem*, p. 31), «Lisbon revisited»⁸⁸ (*idem*, p. 36), «O menino da sua mãe» (*idem*, p. 36), «Ó sino da minha aldeia» (*idem*, p. 34), «O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia (Alberto Caeiro)⁸⁹ (*idem*, p. 35), «À minha querida mamã» (*idem*, p. 40). Também há alusões, menos diretas, mais subtis, como a que é feita ao poema «Tenho uma grande constipação» (Álvaro de Campos)⁹⁰ (*idem*, p. 30). Já anteriormente fizemos referência ao poema «O íbis». Nesta história, Fernando Pessoa recita «O íbis» (*idem*, p. 26), faz de íbis (*idem*, p. 26), é o «Senhor Íbis», quando é interpelado pelos quatro (*idem*, p. 28). Também já referimos «Levava eu um jarrinho», a propósito

⁸⁸ Álvaro de Campos: «Lisbon revisited».

⁸⁹ Alberto Caeiro, Poema XX, «O guardador de Rebanhos»: «O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia».

⁹⁰ Álvaro de Campos: «Tenho uma grande constipação», 1931.

da fita da Lili (*idem*, p. 67)⁹¹. Além das referências aos poemas, há que acrescentar também as referências aos textos em prosa, nomeadamente alguns «contos policiários», como «O caso Vargas» ou «A janela estreita» (*idem*, p. 57). Ecoam ainda expressões e frases que nos remetem para o poeta, como a expressão «supra-Camões»!⁹² (*idem*, p. 35). Enfim, um rol imenso de detalhes que facilmente denunciam o seu autor, mas que os quatro tardam em descobrir quem é. Este tardar, reflete, por um lado, a falta de bagagem histórica e literária destes juvenis, ainda sem as ferramentas necessárias para descodificarem todas as referências em questão, por outro, tem de ser visto obviamente como uma estratégia do autor para estender a narrativa, conduzindo-a ao porto desejado.

No desfiar da história da sua vida, o poeta faz também, como não podia deixar de ser, muitas alusões a figuras fictícias que criou ao longo da vida, como o *Chevalier de Pas* da sua infância (*idem*, pp. 37-38), Alexander Search (*idem*, pp. 43, 47), A.A. Cross (*idem*, p. 47), Charles Robert Anon (*idem*, p. 50), Abílio Quaresma (*idem*, pp. 56 e 57), além de, naturalmente, dar o devido destaque aos heterónimos principais, Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, bem como ao semi-heterónimo Bernardo Soares (*idem*, pp. 64 e 66).

As alusões a alguns autores do agrado de Pessoa também são uma constante, com destaque para Charles Dickens, Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Arthur Morrison (*idem*, p. 56), neste caso, autores em que a ação e a aventura estão sempre presentes⁹³.

Não podemos deixar de sublinhar a importância que esta narrativa confere a uma biblioteca e, por extensão, a todas as bibliotecas. A biblioteca de um solar da longínqua Torre de Moncorvo, no limiar sul da província de Trás-os-Montes e Alto Douro, ocupa

⁹¹ Fernando Pessoa, «Levava eu um jarrinho».

⁹²Referência a artigo publicado: «fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões». Subentende-se que fala de si, mas na realidade ele nunca o afirma tão perentoriamente como aqui neste conto. Textos críticos e de intervenção. Fernando Pessoa. Lisboa, Ática, 1980, p. 27 (1.ª publicação in *A Águia*, 2.ª série, n.º 5. Porto, maio de 1912. Consultado em 30/12/2020 in Arquivo Pessoa: <http://multipessoa.net/labirinto/obra-publica/2>.

⁹³ Charles Dickens, *As aventuras de Mr. Pickwick* (Lança-Coelho, p. 42), Edgar Allan Poe, *Obras escolhidas* (Lança-Coelho, p. 50).

efetivamente um lugar central nesta história. Lá, para os lados de Bragança, ela é apresentada como guardiã de veneráveis segredos e pórtico da estreita passagem para outros mundos, propiciando experiências surpreendentes e ricas a quem ousa franquear os seus umbrais. É o lugar onde começa a aventura carregada de interrogações e onde ela termina, com as respostas pretendidas. Sim, é aqui que o grupo descobre o «Poema para Lili» (*idem*, p. 77) e, logo, o seu autor o poeta dos mil nomes. Uma velha nota de 100 escudos, já fora de circulação, fornece também a solução ao Óscar, mas as meninas chegaram a ela primeiro, na biblioteca (*idem*, p. 76). O Óscar percebeu que se tratava dos versos que o poeta prometera escrever para consolar a sua prima, por vê-la tão triste após rasgar a fita no elétrico.» (*idem*, p. 77). A biblioteca do casarão Moncorvino adquire assim um valor simbólico relevante, constituindo-se como boa metáfora da pertinência das bibliotecas, estejam elas onde estiverem.

Falta-nos fazer referência às ilustrações. Nesta história, elas apresentam-se a preto e branco, ocupando a página inteira, algumas com legenda. Nota-se a preocupação de cada uma representar certa passagem da narrativa, quer com a presença de personagens, quer com a representação de objetos. Fernando Pessoa surge representado com o seu *look* referencial: fato escuro, laço, chapéu, óculos e bigode (*idem*, p. 22). Em duas situações, são representados objetos que o representam a ele: uma bica e um livro de Sherlock Holmes, elementos que, acompanhados de «um cigarro», constituem para o poeta «a verdadeira felicidade» (*idem*, p. 49), ou o chapéu, a caneta de tinta permanente e os óculos redondos, «objetos muito usados por este grande poeta português e que são fundamentais para a sua identificação» (*idem*, p. 69). Também se representa o poeta a oferecer chocolates à equipa SOS e a viajar de elétrico em sua companhia (*idem*, pp. 27, 63). Na verdade, apenas duas ilustrações não representam Pessoa, mas a equipa SOS, completa ou desfalcada (*idem*, pp. 13, 51), o que nos remete para a importância que esta obra de ficção atribui de facto ao poeta dos mil nomes, ombreando essa relevância com a história em que o poeta se vê enredado.

De notar que esta é a única história de ficção em que Fernando Pessoa contracena com adolescentes. Há outra história com adolescentes – *Assalto à Casa Fernando Pessoa* (Reis, 2012) –, mas nesta Fernando Pessoa não entra como personagem.

2.2.3. O homem da pergunta difícil

Saudade, um conto para sete dias (Hochman, 2011) conta que num país muito distante, vivia o rei mais sábio que alguma vez habitou sobre a Terra. Sabia falar todas as línguas e conhecia o significado de todas as palavras. Estava tão seguro de si, que, às segundas-feiras, autorizava qualquer pessoa a perguntar-lhe o que quisesse. Na segunda-feira em que este conto começa, veio da cidade um homem chamado Fernando. «Fernando entrou com o seu fatinho, a sua gravatinha, o seu bigodinho e os seus óculos pequeninos.» (Hochman, 2011, p. 3). Da sua pastinha tirou um caderno onde estavam anotadas as suas dúvidas e disse: «Excelentíssima Excelência, queria saber o que é a “saudade”.» (*idem*, p. 4). Perante pergunta tão difícil, o rei ficou sem resposta e teve de pedir ao homem da pergunta difícil para voltar dali a seis dias. Começa, então, a grande azáfama de procurar a definição daquela palavra. Consultam os dicionários, mas, sem resultados que satisfaçam, a apreensão aumenta. Fernando sabe a resposta, mas não a revela, porque se o fizesse, diz, o conto perderia toda «a graça» (*idem*, p. 16). Porém, procurado pela rainha, desejosa de ajudar o amargurado marido, o grande perguntador «deu-lhe boas ideias». Gizou-se um plano e o plano gizado foi posto em marcha: toda a gente da família, cão incluído, abandonou o palácio e o Rei ficou sem ver viva alma todo o dia. Ia morrendo de... saudades. Mas... *Eureka!* Estava descoberta a solução. No domingo, à hora do anúncio da sua resposta à complicadíssima pergunta, o rei veio à varanda e decretou: «De hoje em diante, vou aceitar que há palavras que não têm definição, que se sentem ou não se sentem e ponto final. “Saudade” era a primeira delas.» (*idem*, p. 27).

No princípio desta história, é proferida a fórmula «Num país muito distante, vivia o Rei mais sábio que alguma vez habitou a Terra.». Um lugar indefinido, um tempo verbal no pretérito imperfeito, próprio dos contos tradicionais, das lendas e das fábulas⁹⁴. É neste espaço-tempo de coordenadas impossíveis que se inscreve o tempo exato de sete dias em que decorre a ação.

As principais personagens da história são Fernando e o Rei. Fernando não tem apelido, o Rei não tem nome, a sua função o define: era Rei e pronto. Um Rei absolutamente seguro do seu saber (*idem*, p. 4) até chegar a pergunta difícil e com ela o princípio da incerteza e as arrelias, e o rei que tudo sabia passou a ser o rei que sabia «quase tudo». A outra personagem é «um tal Fernando» (*idem*, p. 3), Fernando só, sem apelido a acompanhar. Com a sua inesperada pergunta, passa a ser «aquele homem da pergunta difícil» (*idem*, pp. 8, 12, 16), mas também, por agastamento, é desdenhado e passa por «homenzinho» (*idem*, p. 19). Ao quinto dia, porém, quando «foi encontrá-lo num café, escrevendo enquanto falava sozinho» (*idem*, p. 19), espanta-se a Rainha com o que lhe ouviu dizer: «Todas as cartas de amor são ridículas» e «Tenho em mim todos os sonhos do Mundo» (*idem*, p. 19). Estava confirmado o que se suspeitava, desde a capa, a propósito da identidade de Fernando, e o conto já podia dar-lhe o apelido que faltava, mas permaneceu mudo a esse respeito.

Todos sabem que uma mulher faz muita falta numa história e isso ficou mais uma vez provado quando o desesperado monarca lhe pede que interceda por si junto de quem nós sabemos. «Vou tentar», disse ela, «mas não prometo nada», completou, (*idem*, p. 19) e saiu porta fora em direção ao café, onde Fernando se encontrava. E sim, ela é a chave para a resolução do impasse, pois Fernando, apesar de não lhe dar a resposta, «deu-lhe boas ideias.» (*idem*, p. 20).

Da vida de Fernando, apenas se sabe que vinha de uma cidade, provavelmente Lisboa, onde as calçadas de pedra têm desenhos a preto e branco (*idem*, p. 3), que se vestia de determinada maneira e escrevia e falava sozinho coisas bonitas no café: «Todas

⁹⁴ «Esse imperfeito, filho ilegítimo do “Era uma vez...”, que abre a porta das histórias, é afinal um presente especial, um tempo inventado, um verbo para brincar; para a gramática é um presente do passado.» (Rodari, 2017, p. 247). 1ª edição, 1973 (Itália).

as cartas de amor são ridículas»⁹⁵ e «Tenho em mim todos os sonhos do mundo!»⁹⁶ (*idem*, p. 19). O café também não tem nome, mas «A Brasileira» ou «Café Martinho» assentar-lhe-iam bem.

Quando surge na história a primeira frase alusiva a Fernando, já o mistério da sua identidade fora revelado na capa cartonada por aquela figura, esteeda no vazio com todos os *clichés* agarrados ao corpo: o fatinho, a gravatinha, o bigodinho, os óculos pequeninos, o lindo chapéu preto, a pastinha e o caderninho. Depois há uma mesa no café, e o Fernando ali sentado, sozinho, parece replicar a estátua da esplanada, embora a tábola redonda desenhada não seja a sextavada esperada, por ser a forma original, não tenha assento para dois, nem o ocupante mostre a descontração sugerida pela perna cruzada.

Há duas ordens de ilustrações presentes nesta história, aparentemente desligadas entre si. Por um lado, como pósteres de calendário, as ilustrações de cenários cósmicos de breu, que acendem, à vez, o astro luzente de cada dia, todos os sete da semana – Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vénus, Saturno, Sol. Por outro, as ilustrações da narrativa propriamente dita, assentes no mesmo papel pardo que coube ao irmão texto, cumprindo a função de não apenas iluminar, mas também de ampliar as suas possibilidades de leitura. *Saudade* tem uma ilustração muito cuidada, uma obra notável de João Vaz de Carvalho. Fernando é representado cinco vezes, com imaculado aprumo e sem variações: «fatinho», «gravatinha», «bigodinho», «óculos pequeninos», chapéu preto, ponto final. O rei, que nunca se aparta da coroa que traz colada à cabeça, nem na cama, é mais negligente nas vestes e no protocolo, petiscando batatas fritas, sem pejo, durante a audiência. Neste reino de gente sisuda, os primeiros sorrisos apenas surgem ao sexto dia, na ilustração de sábado, quando a família se reencontra (*idem*, p. 27).

Nesta história, parece haver uma inversão de velhas histórias tradicionais, em que habitualmente o rei é quem faz as perguntas e põe à prova o seu antagonista. No folheto de cordel do nordeste brasileiro, do poeta Geraldo Gonçalves de Alencar e do artista

⁹⁵ Referência ao poema «Todas as cartas de amor são ridículas», de Álvaro de Campos.

⁹⁶ Referência ao poema «Tabacaria», de Álvaro de Campos.

Carlos Henrique (Roiphe, 2014, p. 61)⁹⁷, intitulado «Camões e o Rei», o rei «poderoso» é quem põe à prova Camões (*idem*, p. 74) que, graças à sua astúcia consegue sempre passar com distinção os manhosos desafios do rei. Em *Saudade*, qual «mundo às avessas», há uma inversão da autoridade, e é Fernando quem põe à prova o rei e o retira do seu reino de conforto, votando-o ao desassossego com uma questão disruptiva que testa as suas capacidades e o obriga a empenhar-se na busca de soluções e a experienciar a vida. No fim, o rei transforma-se, já não aceita o rame-rame costumeiro e as verdades definitivas de dicionários alheios à realidade, abre-os à renovação com o contributo de todos porque, se a vida não para, pessoa alguma a pode fazer parar. E o poeta do conto, que foi quem veio agitar as rotinas deste reino de redundâncias e marasmo, é também um pouco a metáfora do poeta de Orpheu que, nas primeiras décadas do séc. XX, agitou o reino de Dantas, servindo oxigénio novo às letras portuguesas.

2.2.4. Um poeta dentro de casa

Depois de nove ficções seguidas com Pessoa como personagem, uma ficção em Casa dele, na sua ausência.

Assalto à casa Fernando Pessoa (Reis, 2012) é uma história vivenciada pelo Micas e pelos seus amigos, durante uma visita à Casa Fernando Pessoa em Lisboa, onde ocorrem situações várias, entre as quais um assalto, cujo desfecho instala um clima de apreensão geral entre os jovens e os demais presentes, que temem pela sua segurança e pela segurança dos objetos e dos livros do poeta, verdadeiros «tesouros nacionais» (*idem*, p. 67). Ao longo dos oito capítulos da narrativa, dá-se a conhecer a casa onde o poeta viveu os últimos quinze anos da sua vida, agora transformada em montra dessa vida e centro

⁹⁷ *Camões e o Rei*, de Geraldo Gonçalves de Alencar, com xilogravura de Carlos Henrique, Crato-Ceará, 2003 (Roiphe, 2014, p. 65).

de múltiplas atividades culturais em que a leitura, a poesia e as artes em geral têm um lugar privilegiado.

Esta aventura ocorre no tempo atual e num espaço preciso, mas a Casa de Fernando Pessoa⁹⁸, mais do que espaço circunstancial de peripécias inventadas vai ser o sítio ideal para se evocar o passado, a partir da sugestão da ex-casa de habitação, atual casa de cultura, dos objetos pessoais e das memórias que pedem voz e mundo em cada recanto. Na verdade, a visita à Casa, sendo fundamental para o enredo da história, propicia também uma segunda história, que se constrói no discorrer sobre a vida e a obra do poeta, aproveitando todos os momentos e todos os pretextos.

Fernando Pessoa não tem lugar nesta história como personagem. Ele é invocado a cada passo, mas não age, não interage com os verdadeiros protagonistas, que são os jovens que se deslocaram à sua última moradia para uma maratona de leitura (*idem*, p. 13). Outra figura importante na história é Clara, uma senhora de 70 anos «de olhos bonitos e sorriso doce» (*idem*, p. 51) que se dirige à Casa Fernando Pessoa com a intenção de lá deixar algo (*idem*, p. 42). A senhora que, desde o princípio, chamou a atenção dos jovens amigos, dizendo que a sua família conheceu Fernando Pessoa (*idem*, p. 43), surpreendeu-os ainda mais ao afirmar que nos dez anos em que esteve afastado de Ofélia, a sua prima «parece ter feito os encantos do senhor Pessoa» (*idem*, pp. 53, 81) e, para o provar, mostrou a dedicatória escrita pelo punho do poeta num livro de poemas em inglês: «Para a minha doce vizinha das tranças cor de trigo, olhos de céu e coração sem fim.» (*idem*, p. 53). Além desta novidade, aquela linda senhora tem ainda para revelar algumas películas de fotografias, há muito guardadas em sua casa.

Ao longo desta «autêntica aventura» vão sendo avançados elementos importantes para a caracterização de Fernando Pessoa, destacando-se, por exemplo, a sua timidez (*idem*, p. 20), a «falta de jeito que tinha para falar com as raparigas» (*idem*, p. 21), a sua amizade com Mário de Sá Carneiro, o suicídio deste aos 26 anos, o começo do namoro

⁹⁸ «A Casa Fernando Pessoa é a casa que foi habitada pelo escritor nos últimos 15 anos de vida. Tem uma exposição em três pisos, sobre a vida e obra do poeta e uma biblioteca especializada em poesia mundial. É um lugar de literatura que cruza memória, criação literária e leitura. Fica em Lisboa, no Bairro de Campo de Ourique». Consultado no *site* da Casa Fernando Pessoa, em 29/12/2020: <https://www.casafernandopesoa.pt/pt/cfp/casa/sobre-n>.

com Ofélia (*idem*, p. 45), a morte do padrasto e o conseqüente regresso da mãe a Lisboa (*idem*, p. 47), o falecimento do poeta em 30 de novembro de 1935, o casamento de Ofélia com Augusto Soares, três anos após a sua morte (*idem*, p. 48), a paixão pela astrologia (*idem*, p. 16, 86), os temas sobre os quais se debruça na escrita, desde a poesia à política, passando por temas como a arte, a religião, o amor... e, até, o sexo (*idem*, p. 20).

Referências sobre a produção literária de Pessoa, estão presentes nas alusões a poemas do repertório para adultos: «Autopsicografia» (*idem*, p. 15), «Mensagem» (*idem*, p. 16), «Todas as cartas de amor são ridículas» (*idem*, p. 46), e «Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?»⁹⁹ (*idem*, p. 47), são alguns exemplos. Estão presentes também alusões aos heterónimos principais (*idem*, p. 15), como Ricardo Reis (*idem*, p. 30) ou Álvaro de Campos, evocado, por exemplo, a propósito da sua intromissão no namoro entre Fernando Pessoa e Ofélia (*idem*, p. 46). A alusão a Ricardo Reis conduz também à evocação de José Saramago e do romance por ele publicado, tendo aquele heterónimo como personagem.

A tudo isto, junta-se as referências a objetos literariamente relevantes, como «a cómoda onde gostava de escrever de pé» (*idem*, p. 15), a máquina de escrever (*idem*, p. 20), a pintura de Almada Negreiros, representando o poeta com a *Orpheu 2* como emblema das virtudes literárias do aprumado senhor da mesa.

A ilustração nesta história não dá grande destaque à figura de Fernando Pessoa, certamente sinal da sua ausência como personagem. Surge uma única vez com a rapariga loira, que a história sugere ter sido cortejada durante a dissidência amorosa com Ofélia (Reis, 2012, p. 54). Noutra imagem, vislumbra-se o seu chapéu. Porém, mais frequentes são as imagens relativas às atividades que decorrem na Casa Fernando Pessoa (*idem*, pp. 18, 33, 91) e às peripécias que aí ocorrem (*idem*, pp. 44, 66, 75, 83), sem esquecer a cena na biblioteca de Clara (*idem*, p. 91).

⁹⁹ «Lisbon revisited».

2.3. Depois das histórias, para saber mais

Além da história de ficção, primacial atração dos livros de ficção, há, por vezes, breves antologias de poemas, cronologias, atividades e outros elementos sobre os quais importa dar notícia e tecer alguns considerandos, apesar do caráter esporádico de sua presença.

2.3.1. Poemas

As narrativas de ficção sobre Fernando Pessoa para os mais novos fazem, quase todas, alusões à poesia de Pessoa, ele mesmo, e dos heterónimos. Muitas incluem versos, excertos de dimensão variável e até poemas integrais. O que não é muito vulgar é estas histórias virem acompanhadas de antologias poéticas, ao contrário do que sucede com as biografias, onde essa ocorrência é uma circunstância mais usual. No entanto, há sempre exceções e no caso desta secção do *corpus* dedicada às ficções, isso sucede com a obra *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe* (Moutinho, 2015). Efetivamente, esta obra é a única do género a apresentar uma «Brevíssima antologia», com treze poemas, para além da história. De assinalar nesta «antologia» é o facto de ela não conter nenhum dos «clássicos» poemas para crianças, apesar de a obra ser direccionada para esse público.

2.3.2. Cronologias

Raro é também o recurso à inclusão de cronologias. No entanto, elas fazem a sua aparição duas vezes em dez possíveis, uma no final da obra *O caso do poeta de mil nomes* (Lança-Coelho, 1993), intitulada «Datas e acontecimentos mais importantes da biografia do poeta dos mil nomes» (*idem*, pp. 83-88); a outra, ilustrada, no final da obra *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe* (Moutinho, 2015), com o título «As principais datas da vida do poeta» (*idem*, pp. 52-59). Entende-se a presença destes recursos informativos, em modo esquemático, como forma de ajudar a situar os factos num alinhamento diacrónico fiel à realidade, eventualmente abalada pelas liberdades ficcionais de que a narrativa se serviu para compor, sem juras de fidelidade, a sua história.

2.3.3. Atividades

Não sendo frequente também, sucede aparecerem atividades alusivas às histórias no final das obras, situação que se verifica por duas vezes, uma em *O livro que falava com o vento e outros contos* (Letria, 2006)¹⁰⁰ e a outra em *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe* (Moutinho, 2015). No primeiro caso, as atividades reportam-se ao conjunto dos contos da coletânea, onde o conto sobre Fernando Pessoa se insere; no segundo caso, as quatro atividades, sugestivamente intituladas «À procura de Fernando Pessoa» (Moutinho, 2015, p. 59), direcionam-se para o aprofundamento do conhecimento biográfico do poeta, da definição e quantificação dos heterónimos, com base na leitura, e para a indicação do poema pessoano da preferência do leitor. Estes elementos adicio-

¹⁰⁰ Onde se encontra o conto «A arca do menino que inventava poetas» (Letria, 2006, pp. 25-31).

nais, que denotam preocupações didáticas, visam estimular a releitura, a que o questionamento obriga, e auxiliar leitores e promotores da leitura nas atividades de pré e pós-leitura.

CONCLUSÕES

«Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças.»

Fernando Pessoa
«O naufrágio de Bartolomeu»
[in Teatro: Revista de Crítica, n.º 1. Lisboa, 1-3-1913]

Neste capítulo...

Confrontamos as respostas obtidas no âmbito do nosso estudo com a questão de investigação que o norteou.

Enquadramos as conclusões decorrentes do conhecimento da literatura infantojuvenil criada em torno de Fernando Pessoa e do modo como essa literatura constrói o universo do poeta.

Fazemos um ponto de situação relativamente ao trabalho feito e ao trabalho por fazer, que tencionamos realizar e consolidar a breve trecho.

CONCLUSÕES

Depois de vermos os primeiros resultados da pesquisa bibliográfica relativa a obras de literatura infantojuvenil sobre Fernando Pessoa, tivemos a percepção de que seria uma questão de tempo: haveríamos de reunir fortuna bibliográfica bastante para justificar um estudo focado nessas obras.

Reunido o *corpus*, percebemos que seria possível responder cabalmente à nossa questão inicial. Contudo, a interposição de um poderoso obstáculo, a falta de tempo, obrigou-nos a fazer escolhas.

À medida que a recolha documental foi sendo feita, organizámos cronologicamente os exemplares referenciados para possibilitar uma primeira leitura e estabelecer uma linha cronológica que visualmente fosse expressiva.

Após uma análise das primeiras referências disponíveis, tentámos uma organização do *corpus*, sistematizando a documentação para encontrarmos afinidades que possibilitassem a criação de grupos temáticos para uma análise estruturada.

Posteriormente, fizemos uma descrição das obras disponíveis, referenciando a sua estrutura e a diversidade de textos que as compunham.

A nossa intenção, explanada na introdução, era abordar três grandes famílias textuais presentes nestas obras: a biografia, a poesia e a ficção.

A biografia porque nela se plasmam os elementos da vida e da obra de Pessoa, apresentados, umas vezes de modo mais factual, outras de modo mais criativo, fazendo uso da poesia e de outros textos do poeta, de múltiplas maneiras, em quantidades díspares, contando com a ilustração, sempre presente, ou quase sempre, a dar outro brilho à austeridade visual dos textos.

A poesia porque é o cerne da obra pessoana e seria importante vermos qual a poesia selecionada para publicação – se a infantil, se a canónica, se ambas – para tentarmos ver nessas escolhas critérios válidos subjacentes e que Pessoa emergia desse florilégio seletivo, resultado das escolhas de tanta gente, mormente de antologistas e ilustradores, sem esquecer editores com propósitos confessados ou não de chegar aos mais novos, sem esquecer os de outras idades.

Por fim, a ficção. A ficção porque se apresentava como o modo mais original e ex-cêntrico de abordagem do mundo pessoano, desde logo pela circunstância de o poeta se ver convertido em personagem, orbitando as suas referências em torno de um mundo inventado.

Por força dos constrangimentos já aludidos, pusemos de lado a biografia e a poesia e centrámo-nos na ficção. Nesta vertente, duas questões emergiram como prioritárias:

Como é construído o universo pessoano nestas histórias de ficção?

Que presença ficcional tem o poeta nos seus enredos?

Foi para dar resposta a estas questões que pusemos mãos à obra e obtivemos respostas deveras interessantes. Fernando Pessoa é figura de ficção na quase totalidade dos textos ficcionais e em metade deles a sua participação é feita na condição de criança. Verificámos que os heterónimos também são chamados para a ficção, assumindo um papel de destaque na ação, dando-se a conhecer no mundo ficcional aos seus parceiros de palco e, claro, aos leitores, a cujas mãos tais histórias vão parar. Mas Fernando Pessoa adulto é também figura de ficção em quase metade das histórias e, nessa condição, ele não deixa de interagir diretamente com crianças e jovens, quer através de viagens no

tempo e no espaço, quer através de subterfúgios mágicos capazes de transformar o frio metálico de uma estátua de bronze em laços de ternura dialógica com os seus interlocutores mais pequenos que procuram respostas para as muitas questões que lhe colocam.

A análise da literatura de ficção infantojuvenil sobre o universo pessoano revelou que o poeta é transformado em personagem infantil e em personagem adulta nessa literatura e interage com outras personagens de modo ativo, construindo enredos capazes de envolver os leitores de modo criativo e informativo. Também sucede a ocorrência de histórias em que Fernando Pessoa não é transformado em personagem, mas elas continuam a falar de si e a reconstituir aspetos da sua vida e da sua obra em espaços que outrora sentiram os seus passos, com objetos que testemunharam as suas rotinas.

As narrativas de ficção encerram sempre duas histórias paralelas: a história de ficção propriamente dita e a história da vida de Pessoa, total ou parcialmente revisitada. O objetivo último é claro: falar a verdade a mentir, construindo, de modo criativo, o universo pessoano para os leitores mais novos.

Para finalizar...

Como fica patente, há ainda muita matéria para explorar no âmbito da temática tratada nesta dissertação. Em primeiro lugar, a exploração das duas dimensões desta literatura sobre Pessoa que não puderam ter o mesmo tratamento da ficção (a biografia e a poesia); em segundo lugar, a exploração das conclusões emergentes de uma visão de conjunto, propiciada pela biografia, pela poesia e pela ficção, e das inevitáveis comparações entre as partes que compõem esse conjunto. Contamos, a breve trecho, retomar o empreendimento.

BIBLIOGRAFIA

«Como uma criança antes de a ensinarem a ser grande,
Fui verdadeiro e leal ao que vi e ouvi.»

Alberto Caeiro

Neste capítulo...

Apresentamos o *corpus* que constituímos e utilizámos para desenvolver este estudo. Diferentemente do que fizemos no capítulo 1, em que as obras do *corpus* foram ordenadas pela data de edição, aqui privilegiamos a ordenação alfabética, seguindo as normas usuais nestas circunstâncias.

Apresentamos a bibliografia consultada que reunimos para apoiar a realização deste estudo, e a bibliografia complementar, que reúne outros trabalhos de interesse relativos aos assuntos efetivamente tratados como também a aspetos afluentes.

Apresentamos alguns documentos reguladores, principalmente relacionados com indicações de leitura no âmbito da iniciação à educação literária, à educação literária e aos projetos de leitura, referentes aos diferentes ciclos de educação e ensino.

BIBLIOGRAFIA

1. *Corpus*

Alencar, J. & Spinelli, M. (2010). *Fernando Pessoa para crianças: Poemas selecionados da obra de Fernando Pessoa*. Paulus.

Andante & Pessoa, F. (2020). *Afinal, o caracol, o íbis, o gato* (livro e CD). Boca e Casa Fernando Pessoa.

Andresen, S. M. B. & Resende, J. (2004). *Primeiro livro de poesia: Poemas em língua portuguesa para a infância e a adolescência*. Porto Editora.

Balreira, P. & Recio, A. (2018). *Fernando Pessoa: Biografia ilustrada*. Re-Searcher.

Bretanha, S. (2017). *E se eu fosse outros?* Editora Bretanha.

Caeiro, A. & Bronze, M. (2010). *História do meu menino Jesus*. Seara de Letras.

Faria, R. L. & Nogueira, H. (2007). *Os melhores poemas para crescer*. Oficina do Livro.

Fernandes, C. & Miguel, J. (2009). *Chamo-me... Fernando Pessoa*. Didática Editora.

Florindo, C. & Nunes, N. (2013). *De A a Z Fernando Pessoa*. Everest Editora.

- Gil, A. & Morgado, M. (2010). *Os filhos da nação: Luís de Camões, Fernando Pessoa e Eça de Queirós*. Matosinhos: Quid Novi/Booklândia.
- Hochman, C. & Carvalho, J. V. (2011). *Saudade, um conto para sete dias*. Tradução de Catarina Câmara. Bags of Books Edições.
- Júdice, M. & Proença, P. (2006). *O meu primeiro Fernando Pessoa*. Publicações D. Quixote.
- Lança-Coelho, J. & Mello, C. (2000). *O caso do poeta dos mil nomes*. Dinalivro.
- Lemos, R., Leitão, I. M., Amaral, J., Pedrosa, & Mota, C. (2009). *Era uma vez... Fernando Pessoa*. Casa Fernando Pessoa/Câmara Municipal de Lisboa.
- Letria, J. J. & Cayatte, H. (2008). *O meu primeiro Portugal*. Dom Quixote.
- Letria, J. J. & Corbel, A. (2009). *O livro que falava com o vento e outros contos*. Texto Editores.
- Letria, J. J. & Fazenda, J. (2014). *Fernando Pessoa, o menino que era muitos poetas*. INCM e Pato Lógico Edições.
- Marchamalo, J. & Santos, A. (2015). *Pessoa, gafas y pajarita*. Nordicalibros.
- Marecos, J. & Caiano, R. (2018). *Carta ao Cavaleiro de Nada*. Livros Horizonte.
- Martelli, M. & Machado, N. L. (2018). *Pessoinha: Fernando Pessoa para crianças*. Editora In House.
- Moutinho, J. V. & Oliveira, F. (2001). *Fernando Pessoa*. Campo das Letras.
- Moutinho, J. V. & Santos, F. (2015). *Fernando Pessoa, o menino de sua mãe*. Prelo.
- Neto, M. & Carrilho, A. (2016). *The poet hat of Fernando Pessoa. O Chapéu de poeta de Fernando Pessoa*. Lisbon Poets & Co.
- Nogueira, M. (1998). *O melhor do mundo são as crianças: Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância*. Assírio & Alvim.
- Nogueira, M. (2015). *O meu tio Fernando Pessoa*. Centroatlântico.pt.
- Pais, A. P. & Castro, R. (2011). *Fernando Pessoa, o menino da sua mãe*. Areal Editores.
- Pessoa, F. & Bacelar, M. (2006). *Poema Pial*. Edições Afrontamento.
- Pessoa, F. & Herbéra, G. (2014). *Je(ux): Petite anthologie*. Chandeigne.

- Pessoa, F. & Milhões, M. (2016). *Afinal o caracol*. Saída de Emergência/Bichinho do Conto.
- Pessoa, F., Modesto, A. & Gomes, J. A. (2013). *Poesia de Fernando Pessoa para todos*. Porto Editora.
- Pessoa, F., Neves, J. A. & Scatamacchia, C. (1988). *Comboio, saudades, caracóis*. F.T.D.
- Pessoa, F., Pámpano, Á. C. & Novoa, T. (2012). *Lo mejor del mundo son los niños*. Gadir.
- Pessoa, F., Pámpano, Á. C. e Novoa, T. (2013). *El elfo y la princesa*. Gadir.
- Pessoa, F., Proença, P. & Noronha, M. (2013) [2009]. *Fernando Pessoa: Antologia poética*. Faktoría K/Kalandraka.
- Pessoa, F., Serra, S. & Cruz, M. I. (2008). *Mensagem*. Quasi Edições/Semanário Sol.
- Pessoa, F., Simas, H. & Correia, C. P. (2008). *O banqueiro anarquista*. Quasi Edições/Semanário Sol.
- Piçarra, D. & Gabriela, A. (2016). *Diogo Piçarra em Pessoa*. Betweien.
- Pina, M. A. & Madureira, M. (2018). *O país das pessoas de pernas para o ar*. Porto Editora.
- Pupo, Inês (org.). (2009). *101 poetas: Iniciação à poesia de língua portuguesa*. Editorial Caminho.
- Reis, P. & Alves, P. (2012). *Assalto à Casa Fernando Pessoa*. Planeta Júnior.
- Rocha, N. & Costa, M. (1990). *Verso aqui, verso acolá: Antologia para jovens*. Plátano Editora.
- Rodrigues, J. C. & Bastardo, R. (2013). *Fernando Pessoa contado às crianças adultas*. Chiado Editora.
- Rodrigues, J. C. (2015). *Era uma vez...Fernando Pessoa*. Prelo.
- Soares, L. D., Nazareth, C. Nónsalinha, Quental, J., Raimundo, M. J., Pinheiro, R., Duque, R., Lopes, M. J., Prina, L., Serapicos, P., Reis, P., Malaquias, C., Sousa, A. & Castro, R. P. (2016). *Poesia para todo o ano*. Porto Editora.
- Varanda, M. L., Sousa, M. M. & Canhestro, F. (2014). *Poetas de hoje e de ontem: Do século XIII ao século XXI para os mais novos*. Escrit'orio Editora.
- Vieira, A. & Wojciechowska, D. (2008). *O meu primeiro álbum de poesia*. Publicações Dom Quixote.

Vieira, V. A. & Wojciechowska, D. (2002). *Um pássaro na mão, outro a voar*. Editorial Caminho.

2. Bibliografia consultada

2.1. Livros, artigos...

Abreu, A. P. (2010). Revelações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil. *Revista eletrónica Baleia na Rede*, v. 1 (7), 328-343. <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/55/54>.

Azevedo, F. (coord.) (2007). *Formar leitores: Das teorias às práticas*. Lidel.

Azevedo, F. (2013). *Clássicos da literatura infantil e juvenil e a educação literária*. Opera Omnia.

Barreto, J. (2015). A Poesia Política de Fernando Pessoa. *Revista Abril*, v. 7 (14), 189-209. https://www.researchgate.net/publication/329625713_A_poesia_politica_de_Fernando_Pessoa

Bastos, G. (2003). *Literatura infantil e juvenil*. Universidade Aberta.

Cunha, M. Z. & Fontana, M. A. (2013). Reconfigurações do herói na produção cultural para crianças e jovens. In C. Álvares, A. L. Curado & S. G. Sousa (org.), *Figuras do Herói* (pp. 95-106). Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23249/1/FigurasdoHeroi_IMPRES-SAO_20130214.pdf.

Florindo, C. (2012). *O álbum narrativo de potencial recepção infantil: uma nova forma de edição*. [Dissertação de Mestrado]. FCSH: DEPOR. <https://run.unl.pt/handle/10362/7752>.

Griné, E. (2017). Bibliotecas escolares e promoção da educação literária. In C. Sá (org.), *Transversalidade VI projetos nos primeiros anos* (pp. 93-118). UA Editora. [Cadernos do LEIP]. https://www.researchgate.net/profile/Cristina_Sa/publication/327307976_Transversalidade_VI_Projetos_nos_primeiros_anos/links/5bb24847299bf13e6059e5e2/Transversalidade-VI-Projetos-nos-prim-eiros-anos.pdf

- Gomes, J. A. (1998). A Literatura Portuguesa para crianças e jovens: tópicos para a definição de uma especificidade própria. In *MÁTHESIS* 7, 329-350. https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/literatura_portuguesa_para_crian%C3%A7as_e_jovens_t%C3%B3picos_para_defini%C3%A7%C3%A3o_de_uma_especificidade.
- Gomes, J. A. (2003). Caeiro e Nobre contados às crianças. Literatura «destinada» à infância e não só. In *Atas do I Encontro Internacional "A Criança, a Língua e o Texto Literário: da Investigação às Práticas"*, Outubro 2003, 328-337. Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5096/1/Actas%20CLT%20-%20Completas.pdf>.
- Hipólito, N. (org.). (2016). *Obras de Fernando Pessoa, V. 4: Álbum de fotos*. Parceria A. M. Pereira.
- Hipólito, N. (s.d.). «O dia triunfal de Fernando Pessoa». In <https://www.nunohipolito.com/fernando-pessoa>.
- Hochman, C. (2009). «Saudade, um conto para sete dias». In *TA – Revista do Teatro Aveirense*, n.º 1, p. 9. [https://www.academia.edu/28104749/CANTE Livro Saudade de Claudio Hochman Exposi%C3%A7%C3%A3o moTe](https://www.academia.edu/28104749/CANTE_Livro_Saudade_de_Claudio_Hochman_Exposi%C3%A7%C3%A3o_moTe).
- Jean, G. (2011). *A leitura em voz alta*. Instituto Piaget.
- Jean, G. (1995). *Na Escola da poesia*. Instituto Piaget.
- Joly, M. (2015). *Introdução à análise da imagem*. Edições 70.
- Lôbo, D. (1999). O inter-relacionamento entre textos e ilustrações nos livros de literatura infanto-juvenil. In *Revista Itinerários*, n.º 14, 81-90. <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/3385/3114>.
- Lourenço, A. A. (2009). *Fernando Pessoa*. Edições 70.
- Manzano, M. G. (1988). *A criança e a leitura*. [1.ª edição: 1985, Espanha.]
- Marques, A. (1994). A função da ilustração na literatura infanto-juvenil. In *MÁTHESIS*, 239-249. https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24009/1/mathesis3_artigo16.pdf?ln=pt-pt.
- Martha, A. Á. P. (2005). Fernando Pessoa e Cecília Meirelles: o encontro entre poesia e criança». In *Espéculo: Revista de Estudios Literarios*, n.º 30. <http://webs.ucm.es/info/especulo/numero30/pessmeir.html>.

- Martha, A. Á. P. (2011). Literatura infantil - a poesia. In *Caderno de formação: formação de professores didática geral*, v. 11, 138-151. <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40361>.
- Martins, F. C. (2014). *Introdução ao estudo de Fernando Pessoa*. Assírio & Alvim.
- Noesis. Ler é poder. Dossiê da revista *Noesis*, n.º 68, janeiro/março de 2007. Ministério da educação. Direção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Noesis. Literatura infantojuvenil. Dossiê da revista *Noesis*, n.º 63/64, julho/dezembro de 2002. Ministério da Educação.
- Nogueira, C. (2009). *De Gil Vicente a Fernando Pessoa: os clássicos da literatura para a infância e a juventude*. Casa da Leitura.
- Nogueira, C. (2011). Os Clássicos na Literatura Infanto-Juvenil Portuguesa». In *Revista ECOM (Educação, Cultura e Comunicação)*, v. 2, 27-53.
- Nogueira, M. (2005). *Fernando Pessoa: Imagens de uma vida*. Assírio & Alvim.
- Orpheu, revista trimestral de literatura*, n.º 1, jan. fev. mar. 1915. Tipografia do comércio. Edição fac-símile (2015): A Bela e o Monstro Edições.
- Orpheu, revista trimestral de literatura*, n.º 2, abril, maio, junho 1915. Tipografia do comércio. Edição fac-símile (2015): A Bela e o Monstro Edições.
- Pais, A. P. (2011). *Para compreender Fernando Pessoa*. Areal Editores.
- Paz, Olegário, Moniz, António (2004). *Dicionário breve de termos literários*. Editorial presença. [1.ª ed. 1997]
- Pereira, C. (2011). Fernando Pessoa para crianças: poesia, biografia e ilustração. In F. Viana, R. Ramos, E. Coquet & M. Martins (Coord.), *Atas do 8.º Encontro Nacional (6.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*, pp. 77- 89, CIEC-Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (CDRom – ISBN 978-972-8952- 18-1). <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17593>.
- Pereira, C. (2013). *Nonsense em português*. In Laura Areias e Luís da Cunha Pinheiro (org.), *e-book: De Lisboa para o mundo: ensaios sobre o humor luso-hispânico*, 129-144. <https://en.calameo.com/read/001827977423ad3a47b61>.
- Pereira, L. Á. (2005). Se a literatura nos ensina, como poderemos (não) ensiná-la? In Rui Vieira de Castro e Lurdes Dionísio (org.), *O Português nas Escolas, Ensaios sobre a língua e a literatura no ensino secundário*, pp. 133-145.

- Pereira, L. Á. (2006). «O desenvolvimento de uma competência (textual) narrativa». In F. Azevedo (coord.), *Língua Materna e Literatura Infantil*, cap. 11, pp. 193-213. Lidel.
- Pessoa, F. (1913). «Naufrágio de Bartolomeu». In *Teatro: Revista de Crítica*, n.º 1. <http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-4530.pdf>.
- Pessoa, F. (2013). *Poesia de Álvaro de Campos*. Assírio & Alvim.
- Pessoa, F. (2018). *Sobre a arte literária*. Assírio & Alvim.
- Pessoa, F., Pizarro, J. & Ferrari, P. (2013). *Eu sou uma Antologia: 136 autores fictícios*. Tinta da China.
- Piñeiro, M. R. N. (2012). Poesía e imágenes una nueva modalidad de álbum ilustrado». In *Revista Lenguaje y Textos*, n.º 35, 131-138. http://www.sedll.org/sites/default/files/journal/poesia_e_imagenes_una_nueva_modalidad_de_album_ilustrado_neira_maa_del_r.pdf.
- Pizarro, J. (2017). *Falta uma citação de Séneca: sobre um pretense poema para crianças*. Imprensa da Universidade de Coimbra. https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/42356/1/Falta_uma_citacao_de_Seneca.pdf.
- Prista, L. (2003). O melhor do mundo não são as crianças. In *VVAA, Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, pp. 217-238. INCM.
- Proust, M. (2011). *O Prazer da Leitura*. Teorema.
- Quadros, A. (1992). *Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio: Uma biografia «autobiográfica»*. Publicações D. Quixote. 4ª ed. [1.ª edição: 1984]
- Queirós, C. (2008). *Carta à memória de Fernando Pessoa*. Centauro/Guimarães editores, SA. [publicada na *Presença* – folha de arte e crítica, n.º 48, julho, 1936]
- Ramos, A. M. (2007). Ainda vale a pena editar e ler os clássicos? In *ABZ da leitura/ Orientações teóricas*, www.casadaleitura.org. Casa da Leitura. http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_lerclassicos.pdf.
- Ramos, A. M. (2015). Fernando Pessoa e a Literatura para a infância: Encontros e Desencontros. In *Linguagem. Estudos e Pesquisas*, v. 19 (1), 17-35. https://www.researchgate.net/publication/299430477_Fernando_Pessoa_e_a_Literatura_para_a_infancia_Encontros_e_Desencontros.
- Ramos, A. M. (2010). *Literatura para a infância e ilustração. Leituras em diálogo*. Tropelias & Companhia.

- Real, D. (2007). A estética da recepção na literatura infantil: sensibilizando para as questões das “diferenças”. In *Anais do IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial*, out.2007. Universidade Estadual Londrina. <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/181.pdf>.
- Reis, C. (2018). *Dicionário de estudos narrativos*. Almedina. Entradas: Biografia (pp.46-48), Conto (pp. 66-69), Figura (pp. 162-165), Figuração (pp. 165-168), Herói (pp. 193-194), Leitura (pp. 239-244), Metalepse (pp. 258-263), Modelização (pp. 266-267), Narrativa (pp. 302-306), Novela (pp. 372-375), Personagem (pp. 388-398), Personagem plana (p. 401), Personagem redonda (p. 402), Personagem, discurso da (pp. 398-401), Pessoa (pp. 407-409), Refiguração (pp. 421-424), Romance (pp. 432-437), Romance histórico (pp. 459-462), Sobrevida (pp. 485-488).
- Rodari, G. (2017). *Gramática da fantasia. Introdução à arte de contar histórias*. Kalandranka Editora.
- Rodrigues, R. M. A. (2008). *Fernando Pessoa e a infância*. Casa da Leitura. http://magnetes-rvk.no-ip.org/casadaleitura/portalebta/bo/documentos/ot_fessoa_a.pdf.
- Roiphe, A. (2014). Camões: um poeta carnavalizando a literatura de cordel. In *Idioma*, Nº 26, 60-71. Pontifícia Universidade Católica. http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/26/Idioma26_a05.pdf.
- Salazar, A. O. (1935). Palavras do Sr. Presidente do Conselho (21 de fevereiro de 1935). In *Diário de Notícias de 22 de fevereiro de 1935*. [Discurso proferido durante a Festa dos Prêmios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional].
- Silva, G. (2016). Adaptações literárias na formação de alunos letrados. In *Revista De Letra em Letra*, v. 3 (1), 136-145. https://issuu.com/revistadeletraemletra/docs/revistadeletraemletra_vol3_n1_2016.
- Silva, S. R. (2014). Antologias poéticas para a infância: «velhos» e «novos» versos juntos. In *Letras em Revista*, Teresina, v. 5 (2).
- Simões, J. G. (2011=7.ª edição). *Vida e obra de Fernando Pessoa*. Bonecos Rebeldes. [1.ª edição: 1954]
- Sobrino, J. G. (org.) (2000). *A criança e o livro, a aventura de ler*. Porto Editora. [1.ª edição: 1994 (Espanha)]
- Sousa, Marta Noronha e (2012). A Adaptação, Hoje. In *A Narrativa na Encruzilhada: A Questão da Fidelidade na Adaptação de Obras Literárias ao Cinema*, cap. 5, 53-62. Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/narrativa_na_encruzilhada.

- Souza, J. (1998). Teorias da tradução: uma visão integrada. In *Revista de Letras*, v. 1 (20), 51-67. Universidade Federal do Ceará. <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2115>.
- Spengler, M. L. (2011). Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história. In *Revista Leitura: Teoria & Prática*, v. 29 (56), 36-43. Associação de Leitura do Brasil (ALB). <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/55/54>.
- Spinelli, P., Menezes, M. & Paschoarelli, L. (2012). O uso da fotografia no livro infantil. In *Projética - Revista Científica de Design*, v. 3 (1), 231-240. Universidade Estadual de Londrina. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/12244>.
- Taquelim, C. (s.d.). Animação à leitura: contributos para o desenho de uma sessão. In *ABZ da leitura/ Orientações teóricas*, www.casadaleitura.org. Casa da Leitura. http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_anima_leitura.pdf.
- Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S. & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Porto Editora. Coleção Nova Cidine 2007.
- Viana, F. L., Coquet E. & Martins, M. (coord.) (2005). *Leitura, literatura infantil e ilustração – 5. Investigação e prática docente*. Almedina.
- Viana, F. L., Ribeiro, I. & Batista, A. (coord.) (2014). *Ler para ser: Os caminhos antes, durante e ... depois de aprender a ler*. Almedina.
- Vieira, J., Zenith, R. (2013). *Fotobiografias do século XX: Fernando Pessoa*. Círculo de leitores/Temas e Debates. [1.ª edição: 2010]
- Wilson, A. M. (1975). O mito da Infância na poesia de Fernando Pessoa. In *Mester*, v. 5:2, 67-72. Department of Spanish and Portuguese, UCLA. https://escholarship.org/content/qt1qc056mh/qt1qc056mh_no-splash_18413c46769a2e92de2e55efa3bb1cfe.pdf?t=meidk8.
- Zbudilová, H. (2012). Las adaptaciones de Cervantes en la literatura infantil y juvenil española y checa. In *Revista Lenguaje y Textos*, n.º 35, 61-72. Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura. http://www.sedll.org/sites/default/files/journal/las_adaptaciones_de_cervantes_en_la_lij_espanola_y_checa_zbudilova_h.pdf.

2.2. Documentos reguladores

Buescu, H. C., Maia, L. C., Silva, M. G. & Rocha, M. R. (2014.). *Programa e Metas Curriculares de Português Ensino Secundário* (atualizado). https://www.portoeditora.pt/assets/educacao-literaria/doc/PROGRAMA_METAS_CURRICULARES_PORTUGUES_SE-CUNDARIO.pdf.

Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R. & Magalhães, V. F. (2015). *Programa e metas curriculares de português do ensino básico*. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf.

Listas do Plano Nacional de Leitura (2017). <https://blogue.rbe.mec.pt/pnl-livros-recomendados-2017-2092406>.

2.3. Sítios Web

Arquivo Pessoa: <http://arquivopessoa.net/>.

Biblioteca Nacional de Portugal: Espólio Fernando Pessoa: http://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios_autores/e03_pessoa_fernando.html.

Casa Fernando Pessoa: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/>, e <https://www.casafernandopessoa.pt/pt/cfp/casa>.

Youtube: Sei bem que nunca serei ninguém [poema musicado]. <https://www.youtube.com/watch?v=IUUfEaUaw8U>.

3. Bibliografia complementar

Belo, M. & Sá C. M. (2005). *A Leitura em voz alta na aula de Língua Portuguesa*. Universidade de Aveiro Edições.

Bloom, H. (2011). *O cânone ocidental: Os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos*. Temas e Debates/Círculo de Leitores.

Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto Editora.

- Calado, M. C. V. S. (2009). *Adaptar para conquistar leitores infantojuvenis*. [Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares]. Repositório da Universidade Aberta.
- Calvino, I. (2010). *Sobre o conto de fadas*. Teorema.
- Campbell, J. (1997). *O herói de mil faces*. Editora Cultrix/Pensamento. [Título original: *The hero with a thousand faces*, Princeton University Press, 1949].
- Camps, A. (2012). Intervenció, innovació i investigació una relació necessària per a les didàctiques. in *Revista Lenguaje y Textos*, n.º 35, 107-114. Espanha: Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura. http://www.sedll.org/sites/default/files/journal/intervencio_innovacio_i_investigacio_una_relacio_necesaria_per_a_les_didactiques_camps_a.pdf.
- Carvalho, M. (1985). *Tanto Pessoa já enjoo*. Diário de Lisboa, 23 de maio.
- Ceccantini, J. L. (2011). Literatura infantil – a narrativa. In *Caderno de formação: formação de professores didática geral*, v. 11, 117-137. Universidade Estadual Paulista. <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40360?mode=full>.
- Costa, P. (2011). A experiência dos clássicos adaptados: caminhos ínvios na promoção da leitura de textos literários? In *Álabe*, n.º 4, 1-12. Espanha: Red de Universidades Lectoras. Disponível em <http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/89>.
- Eco, H. (1994). *A biblioteca*. Difel.
- Guimarães, D. (2012). Teoria(s) da adaptação e as aporias da fidelidade. In *Tuiuti: Ciência e Cultura*, n.º 45, 59-75. Universidade Tuiuti do Paraná. <https://interin.utp.br/index.php/h/article/view/1060>.
- Mateus, R. (2013). Os Lusíadas (en)light(ened). A adaptação como estratégia de **mediação** dos clássicos em contexto escolar. In *Revista de Estudos Literários*, n. 3, 111-133. Universidade de Coimbra. https://impactum-journals.uc.pt/rel/article/view/2183-847X_3_5.
- Mateus, R. M. A. (2013). A adaptação como objeto da literatura para crianças e jovens. In *Fundamentos e práticas da adaptação de clássicos da literatura para leitores jovens*, p. 59-72. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/24337>.
- Mesquita, A. T. (1999). *A estética da recepção na literatura infantil*. UTAD.

- Morelli, S. (2006). Literatura infanto-juvenil: a indústria cultural e a obra clássica adaptada. In *Educere*, v.5 (1), 51-58. Universidade Paranaense. <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/170>.
- Mundt, R. (2008). A adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação? In *Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Universidade de São Paulo. https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/RENATA_MUNDT.pdf.
- Pereira, L. Á. (1999). (Alguns) temas e problemas da (investigação em) didática da escrita. In *Revista de Letras* 4, v. 10 (2), 335-349. UTAD. https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2018/03/revista-de-letras_anais-da-utad-41999-reduzido.pdf
- Pereira, L. Á. (2003). Ler e Escrever, na escola, com as Crianças. In *ABZ da leitura/ Orientações teóricas*, www.casadaleitura.org. Casa da Leitura. http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/abz_indices/000790_LER.pdf
- Pires, S. (2010). *O Autor e a Obra nas Adaptações Infantis dos Clássicos da Literatura*. [Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura]. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4079/1/ulfl078518_tm.pdf. Acesso: 28/12/2020.
- Pizarro, J. (2012). Sobre a primeira gazetilha de Álvaro de Campos. In *Pessoa Plural*, n. 1, 320-334. Brown University, Utrecht University, Universidad de los Andes. https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/sobre_primeira_gazetilha_de_%C3%A1lvaro_de_campos.
- Rechou, B.-A. R. (2013). *Educação literária e literatura infantojuvenil*. Tropelias & Companhia.
- Reis, C. (2015). *Pessoas de livro: Estudos sobre a personagem*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Salomão, C. (2016). A leitura de adaptações literárias nas escolas brasileiras. In *Revista De Letra em Letra*, v. 3 (1), 11-19, 2016 (versão online). Universidade Federal de São Paulo. https://issuu.com/revistadeletraemletra/docs/revistadeletraemletra_vol3_n1_2016.
- Santos, I. & Ferro, A. P. (2016). Transposição de poemas na linguagem gráfica e narrativa de Fernando Pessoa. In *Revista De Letra em Letra*, v. 3 (1), 146-215. Universidade Federal de São Paulo. https://issuu.com/revistadeletraemletra/docs/revistadeletraemletra_vol3_n1_2016.
- Serra, P. (2006). Usos do 'Primitivo' Africano na Cena de Orpheu. In P. Serra (coord.) *Moder-nismo & Primitivismo*, pp. 61-100. Centro de Literatura Portuguesa/FLUC/UC.

Silvestre, O. M. (2013). As únicas coisas nobres que a vida contém. In *Matlit: Revista do Programa de Doutorado em Materialidades da Literatura*, v. 1 (1).

